

Spin-off do livro

CAGE



andy collins

AYRA



andy collins

AYRA

1ª Edição



2018

Copyright © Andy Collins, 2018
Copyright © The Gift Box, 2018
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Roberta Teixeira

Arte de Capa:

Dri KK Design

Revisão:

Martinha Fagundes

Diagramação:

Carol Dias

Ícones de diagramação:

Freepik/Flaticon

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

ESTE LIVRO SEGUE AS REGRAS DA NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.

C674a

Collins, Andy

Ayra /Andy Collins. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2018.
198 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-52923-39-8

1. Romance brasileiro. I. Título.

18-53675

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

SUMÁRIO

[AGRADECIMENTOS](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[EPÍLOGO](#)

[EPÍLOGO – BÔNUS](#)

AGRADECIMENTOS



Não sou do tipo de autora que escreve páginas infinitas de agradecimentos, o que não significa que eu não tenha um mar de pessoas para agradecer. Então dessa vez, vou tentar ir por partes...

Agradeço primeiramente ao meu marido e filhos, vocês são a base de tudo que é importante e por quem eu luto. São os exemplos de pessoas que me inspiram. E obrigado por sempre entenderem quando me recusei a assistir nossos filmes juntos porque precisava trabalhar no livro. Vocês são as minhas pessoas.

Agradeço a Deus por cada momento de inspiração e cada obstáculo que consegui superar durante a escrita desse livro. Ele os colocou diante de mim porque sabia que era capaz de vencê-los.

Dri Harada que deu rosto a nossa Ayra. Você arrasou como sempre, minha amiga.

Samantha Silveira que sempre sofre comigo e que me entende como ninguém. Além de ser a melhor preparadora de texto.

As amigas que eu torturo *inbox*, e que dessa vez não podem reclamar, afinal não as torturei com a Ayra.

Blogueiros que fizeram um trabalho incrível desde a divulgação do CAGE, e que estão sempre comigo, me incentivando a testar meus limites.

Meus leitores que ao terminarem de ler CAGE foram os primeiros que pediram pela “Estela”, espero que curtam mais essa viagem junto comigo.

A Martinha Fagundes que me deixou sem palavras ao conseguir definir toda a história de Ayra e Daniel em uma linda ilustração.

The Gift Box, que além de acreditar nesse trabalho, transformou ele em exemplo e inspiração para outros autores e editoras. Provando que sempre podemos fazer o bem. Que o profissionalismo e o carinho que vocês têm com seus autores e leitores também seja contagioso.

E para os meus leitores – “os marinheiros de primeira viagem” – nos romances dark lendo CAGE, bem-vindo ao lado negro da força, espero nos encontrarmos mais vezes.

Até o próximo,

Andy Collins.

*Ela cresceu sendo silenciada, seus gritos ecoando na mente.
Ela sobreviveu quando tudo que desejava era que a luz se apagasse.
Ela virou mulher, virou mãe, virou exemplo.
Ela poderia ser eu, ou até mesmo você.
Mas ela soube ser mais, mais luz, mais amor... mais vida.
Agora ela luta, zela, ama.
E talvez você até deseje ser igual a ela, eu também desejaria.
Esse livro é dedicado a todas as Ayras.
Em especial à minha.*

PRÓLOGO



ESTELA

— Então, vamos conversar? — Suspiro deitando mais uma vez naquele maldito divã. Sempre me pergunto o porquê de ainda usarem aquilo, é retrógrado e só serve para dar sono. Fecho os olhos e me deixo levar pelos pensamentos. O que não dura muito, porque a Dra. Tanner não me deixa viajar por mais tempo.

— Vai dormir ou vamos conversar?

Sorrio. É sempre assim, ela faz as mesmas perguntas e recebe as mesmas respostas.

— E eu tenho escolha? — respondo com minha dose de sarcasmo habitual enquanto ela pega o *tablet*. Às vezes eu me pergunto se ela realmente digita alguma coisa.

— Você não pode continuar nesse ritmo; uma hora teremos que fazer o dinheiro que gasta valer a pena.

Bufei, saindo novamente do meu devaneio.

— Estamos conversando, doutora. Você só tem que me fazer as perguntas corretas; mais do que isso, não irá obter.

Foi a vez de ela bufar de raiva. Eu me segurei para não rir com vontade. Alguns minutos se passaram até que ela finalmente perguntou:

— Como está sua mãe, Ayra? — *Timing* perfeito, meu corpo responde à pergunta como sempre. Toda a tensão parece que vai explodir feito uma bomba nuclear, só que de dentro para fora.

Ela não só menciona a minha mãe, mas faz questão de dizer meu nome.

Um nome marcado por memórias ruins. Um nome que não faço questão de ouvir.

— Imagino que a Dra. sabe como ela está. — Saio do divã, pego minha bolsa e o capacete, e caminho em direção à porta. — Obrigada, doutora, nos vemos semana que vem — eu me despeço, e a Dra. Tanner sorri, me dando um longo abraço.

— Vá com Deus, querida, nos vemos semana que vem.

Ela é minha terapeuta há um ano. Desde o incêndio; meus pesadelos voltaram, os ataques de pânico se intensificaram, e eu me fechei por completo para qualquer tipo de relacionamento com homens.

A simples ideia do toque me deixava apavorada. As lembranças eram verdadeiros tormentos. E tudo o que aconteceu naquele incêndio só serviu para quebrar algo que acreditava já ter consertado.

Bastaram palavras. Apenas palavras para me aniquilar. Luke sabia disso, e usou cada parte frágil que ainda me restava contra mim.

Ele falava o meu nome, o verdadeiro, repetidamente. Sussurrando no meu ouvido da mesma forma que meu padrasto costumava fazer quando eu tinha apenas oito anos.

Tinha enterrado aquelas memórias, e não faço ideia de como Luke as descobriu, mas a verdade era que eu jamais poderia fugir do passado.

Cada marca, cada memória de um passado feio e sombrio formou a mulher forte que sou hoje. Ou, pelo menos que tinha pensado que era. Até que Luke me quebrou novamente, mostrando o quão frágil ainda posso ser.

Fecho a jaqueta quando entro no estacionamento. Minha moto me espera, o trânsito louco dessa maldita cidade me espera. Nova Iorque combinava com a pessoa que eu acreditava ser – cheia de energia –, mas agora nem mesmo eu sei quem sou de verdade.

Não foi só o cabelo que voltou ao tom natural. Depois que acordei com o rosto e a alma machucados, sabia que não adiantava mais me esconder. No banheiro, pinteí o cabelo usando a tinta que pedi para Erin comprar. A cor escolhida foi apenas o primeiro passo para tentar ser eu mesma.

Lembrar dela traz um pequeno sorriso no rosto, enquanto desvio dos carros. Erin Nolan, que se tornou minha amiga, está morando com Cage e Liam aqui em Nova Iorque, mas meu amigo tem planos melhores para a família dele que não envolvem essa cidade.

Tento ir o mais rápido possível, sem ultrapassar nenhum limite de velocidade. Hoje, finalmente, Cage decidiu que a minha empresa poderia assumir o controle dos seus investimentos. Nossa amizade sempre foi sincera – nunca a misturamos com negócios –, porém, ele sabe melhor do que ninguém que não existe nenhuma empresa de investimentos nessa cidade que cuidará melhor do seu dinheiro do que a HOAR.

Sinto o coração acelerar à medida que chego ao meu destino. Não sei se é pelo fato de pilotar a moto, ou se pelas lembranças que a consulta com a doutora Tanner desencadeou – eu quero acreditar nisso –, mas a verdade é que estou com medo de encarar meu amigo, o mesmo rosto do demônio que desenterrou meus medos. E *ele*.

Daniel estaria junto nessa reunião. Como advogado, ele a comandaria, e isso estava me deixando nervosa. Não sabia se me encontrava preparada para ver o homem que carregou meu corpo machucado para fora daquele inferno. No meio daquele caos ao nosso redor, seu calor e sussurros me confortando, me fizeram embarcar num sono tranquilo, com a promessa de que ficaria tudo bem.

Daniel foi a primeira pessoa que vi quando acordei, e foi quem afastei primeiro quando tentou me tocar. Um pequeno gesto de conforto, e comecei a gritar para que saísse. Sei que parece confuso, porque foi em seus braços que pude encontrar um pouco de paz no meio daquele inferno – mesmo que por breves instantes. Mas eu estava uma bagunça em forma de gente.

Fui subjugada, humilhada. Tive cada sonho destruído – noite após noite – pelo homem que supostamente deveria zelar por mim. A autoestima foi jogada no lixo, minhas fraquezas expostas pelo homem que tinha o mesmo rosto do meu melhor amigo. Não podia me arriscar novamente, não depois que demorei tanto tempo para me reerguer.

Cage entende esses medos. Nossa interação, durante esse ano, tem sido feita principalmente por telefone, mas não tenho certeza de como Daniel vai reagir ao me ver. Ou melhor, como *eu* reagirei.

Afinal, ele não é culpado pelos meus pesadelos, pelo contrário. Desde aquele dia, seu rosto sempre aparece assim que eles começam a me atormentar e – por mais estranho que seja –, depois disso, consigo voltar a dormir.

Só não sei dizer se isso é bom, ou o começo de algo muito pior.

CAPÍTULO 1



DANIEL

Olho para a bagunça em meu colo, os documentos estão fora de ordem e provavelmente ficarei organizando essa merda durante o percurso até a HOAR.

Alexia parece uma gralha, ela não parou de falar desde que acordamos. Discutimos no café da manhã, no estacionamento e estamos discutindo outra vez no carro. Mas que inferno! Essa mulher é louca. Eu estava por um triz para mandá-la embora. Se eu não precisasse dela na reunião, com certeza, faria isso.

Sem mencionar que Cage encheria o meu saco se descobrisse tudo. Droga, ele não abriria mão de um belo sermão. Mas a culpa é dele já que desmarcou comigo na última hora e me fez vir até uma reunião de extrema importância com a Alexia – não que ele pudesse adivinhar que eu dormiria com ela antes disso –, e agora tenho que lidar com uma enorme tomada de decisão que afeta a ambos, sozinho.

— Você não pode transar a noite toda comigo e agora me dispensar, sem mais nem menos. — Gemo, eu realmente gemo. Já perdi as contas de quantas vezes discutimos, só que o resultado é sempre o mesmo: sexo, muito sexo. Ela é insistente, por isso é uma das melhores advogadas que conheço, sem contar que seu desempenho na cama é tão perfeito quanto em um tribunal.

— Vai reclamar o caminho todo? — Tento me controlar, o que fica quase impossível com o olhar mordaz que ela me dá.

— Não pense que vai me tratar como um objeto da mesma forma com que faz com cada secretária que leva para a cama — reclama.

— Alexia. Por favor. Pare. De. Fazer. Drama — enfatizo cada palavra. Quase me arrependo da forma grosseira que me expresso, *quase*, porque nem assim ela para de falar. Minha mão já está dormente de tanta força com que estou segurando a pasta dos documentos. E quando o motorista para no sinal, minha vontade é de abrir a porta e colocar Alexia para fora.

— Controle-se, Alexia, estamos indo para uma reunião importante e se continuar assim, além de não te foder mais, nossos negócios também estarão acabados — aviso veemente. Ela me analisa com aquele ar desafiador no rosto, o

mesmo olhar que muitas vezes me excitou, mas agora simplesmente não significa nada. Trabalhei com Alexia quando apenas advogava, formávamos uma excelente dupla, isso até que meu pau resolveu se intrometer e fez com que acabássemos na cama, várias vezes.

Descontava as frustrações de um casamento falido com sexo. Era para ser apenas isso, só que desde que fiquei viúvo, as coisas começaram a ser tornar mais regulares. Sufocantes.

Meu casamento que já começou fracassado desde o momento do pedido, honestamente falando. Ser pai antes mesmo de entrar na faculdade não estava nos meus planos, mas nunca fui o tipo de homem que foge de suas responsabilidades.

E por pior que tenha sido, não posso jogar a culpa da minha infelicidade em Libby. Nós dois erramos – e feio –, não sou hipócrita a ponto de julgá-la. Não foi a traição em si que me afetou, e sim com quem. Luke, o irmão do meu melhor amigo, o marido da melhor amiga dela. E só de pensar que ela poderia saber de tudo que o Luke fazia com a Erin, faz meu estômago revirar.

Sempre que penso neles, a memória daquela noite me atormenta. Uma noite em que o diabo parece ter tomado o controle. Ainda consigo sentir o calor do fogo, ver o olhar de desdém do Luke. Ainda me lembro do pânico que vi nos olhos da Erin, e principalmente, me recorro de cada momento que estive com a Estela.

Desde que a peguei nos braços, até no momento em que ela me expulsou do seu quarto no hospital. Depois daquele dia, eu nunca mais a vi, mas sei que estou prestes a ficar cara a cara com ela agora, e pensar nisso me deixa nervoso.

Jamais fui um homem do tipo ansioso. Sempre contive as emoções; dando às pessoas apenas o necessário, o que é essencial na minha profissão. No entanto, isso causou um desastre na minha vida pessoal.

Olho para Alexia que está absorta mexendo em algo no celular, e sinto raiva pelo homem que me tornei, cheio de desconfianças, que usa o sexo não para sentir prazer, mas como uma válvula de escape. Que se tornou um vício, uma droga que dá o prazer momentâneo, mas que depois me leva ladeira a baixo.

Não era do meu feitio usar mulheres como um objeto sexual, só que depois de tudo que aconteceu, não as queria para mais nada além disso. Meu filho e trabalho eram as minhas prioridades.

Alexia não fala mais nada o resto do caminho, e assim que o carro para em frente ao prédio onde acontecerá a reunião, ela se recompõe enquanto aguardamos o motorista abrir a porta. É quase automático conduzi-la gentilmente com a mão na base de sua coluna, mas conheço bem o poder que um simples toque pode provocar, e uma segunda rodada com Alexia estava fora de

questão, pelo menos enquanto tivesse controle sobre o meu pau.

Assim que entramos na HOAR, Alexia fica impressionada; o local era amplo e pelo que pude entender, ocupava cinco andares naquele prédio, todos os móveis eram de muito bom gosto, pessoas impecáveis. Isso mostrava cuidado, algo que aprecio muito, pois esse é o mesmo cuidado que quero que tenham com os nossos negócios.

Depois que Cage teve sua carreira encerrada ele me fez uma proposta irrecusável. Uma sociedade que não só me beneficiaria financeiramente, mas que também me daria a chance de um recomeço.

Longe daquela cidade, longe de quem eu era. Longe das lembranças.

A secretária nos acompanha até o elevador e informa que o Sr. O'Brian já nos espera na sala de reuniões que fica no andar de cima. Ainda não conversei com ninguém da HOAR, apenas uma pessoa mantinha contato conosco constantemente, e não era a Estela. Se não fosse por insistência do Cage, eu realmente não teria vindo; meu amigo quer mudar de investidor, o que vai contra minha vontade. Sou do tipo que não gosta de mexer em time que está ganhando. Mas ele foi insistente demais sobre isso. E me deixou na mão para encarar e tomar uma decisão importante para os nossos negócios.

Muito obrigado, Cage.

CAPÍTULO 2



ESTELA

Luke abre a porta e não parece surpreso ao me ver. Na verdade, nem eu mesma sei o porquê de ter vindo até aqui hoje, mas algo dentro de mim dizia que precisava falar com Erin.

— Erin está? — pergunto enquanto ele me analisa dos pés à cabeça.

— Lá em cima. — Ele abre espaço, um gesto silencioso para que eu entre. Eu entro.

— Quer alguma bebida? — oferece quando caminha até a cozinha, ele está usando nada além de calça jeans. Seu abdômen à mostra é impressionante. A semelhança com Cage é assustadora. O anjo e o demônio dividindo o mesmo rosto.

— Não quero nada, obrigada. Só vim falar com a Erin. — Ouço quando ele abre uma lata, mas não vejo o que é.

— Sabe, meu irmão já foi mais corajoso.

— Do que você está falando?

— Não costumava mandar suas piranhas para resolverem os problemas dele. — Sorrio pela escolha chula de palavras. Tão clichê para o tipo de homem que ele é.

— Bem, até onde sei, só vim conversar com uma amiga. — Ele bufa uma risada.

— Amiga? A Erin é sua amiga? — Inacreditável como ele fala dela com tanto desprazer na voz. — Minha esposa não é amiga de mulheres como você.

— Já sei. Amigas como a Libby eram mais adequadas? Amigas que deixavam você fodê-las?

— Quer que eu te foda, Estela? — Ele se aproxima, mas eu não me movo. Homens como Luke acreditam que intimidar é a melhor maneira de conseguir o que querem. Não de mim.

— Você não vai me tocar. — Ele bebe o conteúdo da lata que agora percebo ser cerveja. Que ótimo, louco e bêbado.

— Tem razão — comenta, seguro de si. — Mas tenho uma pergunta, ainda se lembra de como ele te tocava? — Sorri com desdém.

— Você quer saber da minha vida sexual com seu irmão? Isso é um pouco doente, até mesmo para você. — Dou o melhor sorriso irônico que consigo.

— Não estou falando do Cage. — Ele me olha de um jeito que faz meu sangue gelar. Aproxima o rosto do meu e fala quase sussurrando: — Quero saber se ainda se lembra de como seu padrasto te tocava, Estela. Ainda se lembra das mãos dele em você? daquelas mãos tocando a pele inocente da garotinha de oito anos? Lembra do que ele dizia, Estela? Ou prefere ser chamada de... Ayra?

Eu congelo.

Cada palavra que sai de sua boca me atinge feito um relâmpago. E dou um passo vacilante para trás.

— ERIN! — grito, mas o som sai estrangulado, ainda estou em choque com o que ele disse. Ninguém sabia disso, a não ser Cage e poucas pessoas. Das quais tenho certeza de que Luke nem sequer sabe da existência.

— Me desculpe pela distração, esqueci de dizer que a Erin está lá em cima, mas acho que está dormindo um pouco. Ou eu diria... inconsciente.

— Inconsciente? — Dou mais um passo para trás.

— Talvez muito, vai saber? — Ele dá de ombros.

— Você é louco.

— Com certeza. Mas não mais do que você, que veio até aqui.

— Não pense que deixarei você me tocar. — Continuo me afastando até que sinto a perna encostar no sofá e eu quase me desequilibro. Luke observa cada movimento meu; ele não se moveu. A maneira como ele me encara é de dar arrepios, é o verdadeiro reflexo da loucura.

— Você acha que pretendo te tocar? — Seu tom me dá nojo. — Tsc. Tsc. Tsc. — Balança a cabeça. — Esse é o erro de vagabundas como você, sempre imaginam sexo no meio de qualquer coisa. Tenho uma novidade para te contar. — Luke larga a lata de cerveja e caminha na minha direção. — Não tenho nenhuma vontade de enfiar meu pau nesse lixo de boceta que você tem no meio das pernas, mas esse medo que estou vendo agora nos seus olhos... O cheiro que ele exala por seus poros é inebriante. Sou capaz até de ter um orgasmo. Era por isso que ele te usava? Seu medo é excitante, só não mais do que o da minha esposa.

Vozes começam a se misturar na minha cabeça.

— Vou tomar conta de você.

— Não!

— Shhhhhh.

— Não, dói... Por favor, está doendo.

— Fique parada e quietinha, Ayra. Vai ficar tudo bem.

Pisco algumas vezes e percebo que Luke sabe que estou me lembrando, ele está se esbaldando com isso. Mas seu olhar e as vozes na cabeça são mais do que posso suportar. Então minhas pernas se movem, preciso sair daqui, mesmo com a mente ainda presa ao passado. Eu tenho que sair.

Mas não consigo, porque uma pancada forte me derruba no sofá.

— Senhorita Estela? — A voz de Joy me faz retornar ao presente, estou lavando o rosto pela terceira vez para tentar apagar aquelas lembranças.

— Estão todos aguardando a senhorita na sala de reuniões. — Ela me olha apreensiva. — Está tudo bem?

— Está sim, acho que não comi direito hoje cedo e me senti mal.

— Quer que eu chame a Senhorita Isla?

— Não precisa, Joy. Estou bem. — Pego a toalha de papel para secar o rosto e tento não fazer um estrago na maquiagem. — Já estou indo, obrigada por avisar.

Joy sai do banheiro e eu olho para o reflexo no espelho. Meus cabelos estão em ordem, a maquiagem não foi borrada, pelo menos não muito. Mas os olhos? Santo Deus, não havia nada ali além de dor.

Desde que soube por Isla, que Daniel estava aqui, fiquei agitada. Esperava Cage, mas parece que ele apenas mandou seu advogado. O que por um lado deveria ser bom, ainda não estou preparada para ver o meu amigo. Mas também, não estava preparada para ver o Daniel.

— Droga, Estela! Que burrada você fez! — digo para o reflexo, por um momento me arrependo de ter sugerido nossos serviços ao Cage.

Respiro fundo algumas vezes para me recompor, até que meus pés parecem ganhar vida própria e começo a andar até a sala de reuniões.

Assim que entro na sala, eu os vejo. Daniel está sentado ao lado de uma mulher que parece ter saído de uma revista de negócios, a imagem dela grita “não se meta comigo”. Mas meus olhos não se prolongam muito tempo nela, pois, logo estou o encarando, que me encara de volta. Tento não vacilar quando me aproximo.

A minha vida toda aprendi que o nosso passado faz parte de quem nos tornamos, que por mais que as memórias doam, elas não somem. Então é preciso lidar, encarar o feio para aproveitar o belo. E ver Daniel é como ver meu passado. É voltar para um momento em que estive vulnerável. Algo que jurei nunca mais deixar acontecer.

— Por um momento eu quase não te reconheci — comenta Daniel com

um sorriso no rosto, sei que está se referindo à cor do meu cabelo.

Nunca imaginei que a mudança de coloração seria um choque para as pessoas, isso me surpreendeu. Meu avô foi o único que não falou nada, ele apenas me olhou e sorriu assentindo. Ele mais do que ninguém sabia o significado dessa mudança. Já o restante... Bem, meu mordomo teve um pequeno ataque histérico.

As pessoas não estão acostumadas a ver as outras como elas verdadeiramente são. Isso é o que mais surpreende. Não se trata da cor do cabelo, mas sim da verdade que ninguém quer ver.

— Posso dizer o mesmo — retruco, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

— Porém, não posso deixar de mencionar que você está linda. — Sorri galante, esse é um lado dele que eu não conhecia. — É bom te ver de novo, Estela.

— É bom te ver também, Daniel — repito suas palavras e apertamos as mãos.

É um simples cumprimento, só que a forma como ele me olha e a firmeza do seu toque diz mais.

Diz que ele está pensando naquela noite agora, assim como eu.

— Só estávamos aguardando você para começarmos a reunião — avisa Isla, interrompendo o momento. Solto a mão dele imediatamente e sorrio. Sim, com isso posso lidar, é o meu trabalho e sei que sou capaz de comandar esse show, de olhos fechados.

— Podemos começar, então? — Olho para Daniel e ele me dá um sorriso antes de sentar ao lado da mulher e nos apresentar.

— Estela, essa é Alexia, nossa advogada e vai acompanhar as negociações.

— Advogada? — pergunto, surpresa. — Pensei que você fosse o advogado do Cage.

— Filho da mãe. — Ele balança a cabeça sorrindo, em seguida apoia os braços na mesa e se inclina, como se fosse me confidenciar algo, imito o gesto dele e nossos rostos ficam próximos. — Cage e eu somos sócios agora.

Ele espera a minha reação, e eu dou um sorriso presunçoso. Olho para a advogada que em nenhum momento mostrou simpatia, e volto a olhar para ele.

— Nesse caso, será um prazer fechar negócio com você.

— Isso se nós aceitarmos os termos — diz Alexia, entrando na conversa. Baixo a cabeça para esconder um sorriso.

Não é à toa que a minha empresa vem se destacando; sou boa no que faço, a melhor. E mostrarei a essa vaca presunçosa.

Não é mistério que se eles fecharem conosco, será um grande passo para HOAR se estabilizar no mercado, o nome do Cage é fortemente ligado ao mundo dos esportes e isso nos trará notoriedade.

— Detalhei nesses papéis como era o nosso acordo com o atual investidor, e o que queremos de vocês. — Alexia me entrega alguns documentos que não me dou ao trabalho de olhar, passando direto para Dereck.

— Acho que você quis dizer: ex-investidor.

— Ainda não assinamos com vocês — retruca.

— Eu garanto a você — entrelaço as mãos e apoio o queixo sobre elas, olhando diretamente em seus olhos — que até o final dessa reunião, seu cliente irá nos chamar de seu novo “anjo da guarda”.

Daniel sorri da minha ousadia. E eu apenas o observo, a advogada parece incomodada. Só que não menti. Não sou do tipo que perde um negócio, muito menos um tão bom quanto esse.

Passamos as próximas duas horas discutindo pontos sobre o contrato, Daniel questionou várias vezes algumas cláusulas, inclusive o valor de comissão. Observar a ele e sua advogada interagindo foi no mínimo interessante. Mesmo estando presente aqui como empresário, o lado advogado dele gritava quando lia o contrato.

Só que não cedi. Jamais cedo, tenho uma equipe competente demais para deixar que terceiros tentem colocar um preço em um trabalho que somente nós sabemos como executar.

— Ainda não concordo com alguns termos, os valores são muito superiores ao que costumávamos pagar — Alexia tenta persuadir.

— Nossos valores são esses, Sr. Marshall. — Eu a ignoro, dizendo para Daniel. — E se seu antigo investidor fosse realmente bom, com certeza vocês não estariam sentados aqui agora.

— *Touché*, Estela — declara Daniel. — Prepare o novo contrato com os termos acordados, Alexia. Temos uma nova equipe de investidores.

Sinto um aperto discreto no joelho: Isla. Sei que tanto ela quanto Dereck, estão felizes com esse acordo.

— Bem-vindos à HOAR. — Levanto e estendo a mão, Alexia me cumprimenta e em seguida Daniel faz o mesmo.

Ela não fica feliz, isso está estampado em seu rosto. E se sou boa em ler pessoas, Daniel ainda não confia na minha empresa, mas não importa, porque eu confio na minha equipe e em tudo que construí. No entanto, quando nossas mãos se tocam e meus olhos encontram os dele, é como se eu pudesse escutar sua voz sussurrando no meu ouvido que tudo ficará bem.

Sou a primeira a acabar com o contato. Surpresa brilha em seu olhar

quando me afasto, como se soubesse o que eu estava pensando.

Isla e Dereck se despedem e voltam às suas salas, e eu vou até Daniel.

— Pode esquecer se acha que irei te chamar de “anjo da guarda” — avisa em tom de brincadeira assim que me aproximo.

— Ah, aposto que vai. — Cruzo os braços. — Pode confiar na HOAR, Daniel. Não decepcionarei você. Vocês, na verdade. — Assim que termino de falar, meu celular toca.

Olho para tela e fico surpresa. É o Cage.

— Só um minuto, por favor — peço para Daniel e me afasto para atender a ligação.

— Como foi tudo? — diz Cage assim que atendo.

— Você não deveria perguntar isso para o seu sócio primeiro? — brinco.

Apesar de temer encontrá-lo pessoalmente, eu ainda tento manter um pouco da leveza da nossa amizade, e as ligações são uma forma de não deixar isso morrer.

— Desculpe por não ter mencionado nada, sei que você detesta ser surpreendida dessa forma.

— Está tudo bem — respondo, mas ele não compra minhas palavras.

— Tem certeza? Eu sei que a minha presença pode ser um pouco demais para você, por isso não fui.

— Obrigada, Cage.

— De nada, porém preciso pedir uma coisa.

— Quando a esmola é demais... — Sorrio.

— Erin fará um jantar em breve. Serão apenas nós dois, Liam, Daniel e David. Gostaríamos que viesse.

— Cage, eu...

— Por favor, coloquei todo o meu dinheiro em suas mãos, Estela. Mereço no mínimo um jantar.

— Isso é chantagem — reclamo. — E não foi você, foi o Daniel. — Olho para ele que agora parece curioso com a ligação.

— Confio no Daniel de olhos fechados, e não tente inventar desculpas, Estela. Viajarei em alguns dias e gostaria muito de ver você antes; a Erin, também.

Respiro fundo. Olho para Daniel que agora se aproxima.

— Tudo bem, me passa o dia e estarei aí.

— Eu sei que estará. Depois te mando todos os detalhes por mensagem. Até mais, Estela. — Ele encerra a ligação.

— Acho que terminamos por aqui — diz Daniel.

— Parece que sim, ficarei no aguardo do contrato.

— Providenciaremos o mais rápido possível. — Ele olha para Alexia que pega a bolsa e vem ao nosso encontro. — Foi bom te ver novamente, Estela.

— Também foi bom ver você, Daniel. — Sorrio.

— Era o Cage no telefone? — pergunta e eu afirmo com a cabeça. — Ele te chamou para jantar, não foi?

— Na verdade, intimou.

— Detesto quando ele dá ordens — reclama, mas não consegue disfarçar o sorriso.

— É, isso é um saco — comento. — Pelo menos a comida é boa — assim que termino de falar, Daniel solta uma gargalhada alta.

— Ao menos isso — conclui. — Nos vemos em breve então.

— Até, Daniel.

Ele caminha até a porta, mas para e me olha. Ficamos nos encarando em silêncio por um longo momento até que ele fala:

— Sabe, eu realmente gostei de você assim. — Suas palavras me pegam de surpresa. — Ficou bem de morena, Estela. E linda, como sempre.

Daniel não espera minha resposta e sai, fechando a porta. Inalo profundamente sem perceber que havia prendido a respiração quando ele me chamou de linda. Sei dos meus atributos, e em uma outra época, os usei muito ao meu favor, porém, algo na sua voz fez com que eu me sentisse diferente.

— Não sobreviverei a esse jantar — murmuro com a mão no peito.

Passar algumas horas com eles em uma reunião é uma coisa; é meu trabalho, especialidade e ambiente. Agora, como aguentaria passar algum tempo com todos eles juntos? Com Cage, Erin, Liam? Todos que estavam presentes naquela noite. Esse jantar vai ser mais do que uma simples refeição entre amigos.

Será um teste para o que resta da minha sanidade.

CAPÍTULO 3



DANIEL

Saio do prédio com a cabeça a mil. Cage tinha razão, eu não deveria subestimar Estela. Ela rebateu cada argumento meu, provando que a empresa dela dará conta do recado. Confesso que já previa, mas esse jogo de poder e vê-la tão segura e confiante, me faz sentir coisas estranhas.

Estranhamente boas.

— Você não deveria ter assinado esse contrato tão rápido — reclama Alexia, me tirando da névoa de pensamentos e volto a atenção para ela.

— Não tínhamos motivos para não o fazer.

— Que tal conversar com Cage antes? Isso seria um motivo — diz com raiva, Alexia está contrariada com esse acordo, o que não é para menos. Estamos arriscando.

— Deixe que *eu* me preocupe com meu sócio, Alexia. No momento, trate de preparar tudo que a Estela pediu.

— Não passou despercebida a intimidade que tem com a *Estela* — pronuncia o nome dela como desdém. — Sinceramente, esperava mais de você. Correr atrás dos restos do seu amigo é vergonhoso. — Olho para a rua e penso por um instante se devo responder, mas antes que eu possa falar algo que certamente irei me arrepender, nosso carro chega e o motorista sai para abrir a porta.

— Você pode voltar para o escritório, preciso passar em um lugar antes.

— Mas...

— Tchau, Alexia. — Viro e saio caminhando pela rua, ouço-a praguejar, porém não me importo.

Foda-se Alexia e seus ataques de ciúmes sem motivos. Estou cansado desse tipo de merda na minha vida.

Dois quarteirões depois eu sinto a cabeça mais tranquila, então pego meu telefone e ligo para Cage.

— Qual é a do jantar? — Nem espero o tradicional “alô”. Eu o escuto respirar fundo antes de responder:

— Você já estava ciente desse jantar.

— Mas não que ela iria.

— Erin quer vê-la antes de viajarmos, é importante pra ela.

— Por que isso agora? — Cage sabe que não estou falando apenas do jantar, foi a maneira com que praticamente deixou Estela sem ter como negar.

— Estela precisa se lembrar de que ainda somos amigos, ela não aceitaria esse jantar se não fosse desse jeito. Ela precisa saber que pode contar conosco, Daniel.

— Então deixe-me ver — olho em volta, a rua está repleta de pessoas andando apressadas — ,você entregou as contas da nossa empresa nas mãos da sua amiga para que ela não tivesse a chance de negar um jantar?

— Não, eu quis fazer essa mudança porque sei que teremos melhores resultados, você mesmo viu.

— O que você não está me contando, Cage? — pergunto, tenho a sensação de isso não será apenas um jantar.

— Para de neuras, Daniel. É só um encontro entre amigos, relaxa. Acredito que quando ela e a Erin se reaproximarem, sem ser através de telefonemas, será bom para ambas. — Ele parece cansado.

— Erin ainda confunde você com Luke? — pergunto. Sei que todos saímos com cicatrizes daquele dia, mas Cage é o que precisa conviver com a maior parte delas.

— É difícil; às vezes eu a flagro me analisando, como se quisesse provas que confirmassem suas suspeitas. Em outros, ela se entrega totalmente a mim.

— Ela ainda se nega a fazer terapia?

— Sim, e esse é um dos motivos desse jantar. Estela pode ser uma boa influência nesse sentido.

— Espero que sim, porque a mulher que eu vi é completamente diferente da loira que chegou naquela cidade há um ano.

— Eu sei. Preciso desligar, Liam tem um jogo logo mais e não quero me atrasar.

— Tudo bem, e Cage?

— Sim?

— Bom jogo.

— Obrigado.

Desligo e guardo o telefone no bolso, olho para frente e vejo a placa informando que cheguei ao meu destino.

Abro a porta e uma sensação de paz se apossa de mim imediatamente. Conheci esse lugar há seis meses, quando estava à procura de alguma coisa que ocupasse meu tempo, algo significativo.

Por isso, não pensei duas vezes em me voluntariar. Quando trabalhava apenas como advogado, peguei alguns casos *pro bono*. No entanto, o que eu fazia aqui era muito mais do que caridade.

— Olá, doutor Daniel. — Maria, a mulher que administra o local vem ao meu encontro. — O senhor tinha algo agendado para hoje? — Ela me encara confusa.

— Não, Maria, só estava passando por perto e decidi entrar. — Ela sorri. — Alguma novidade?

— As de sempre. — Ela respira fundo e dá um sorriso fraco. “As de sempre”, significa mais mulheres agredidas, mais casos de violência sexual contra crianças, mais pessoas precisando de socorro.

Às vezes, o mundo é mesmo um lugar horrível.

— Jared está?

— Ele está no ginásio.

— Obrigado — agradeço e vou até lá.

Jared, assim como eu, é voluntário aqui na Viver, uma ONG que apoia pessoas que passam ou passaram por algum tipo de abuso; seja físico ou psicológico, de cunho sexual ou não. Ele é professor de defesa pessoal, e começamos a treinar juntos há pouco tempo.

Soltar alguns socos se tornou meu passatempo favorito.

— Ei, Jared — cumprimento quando entro no ginásio. Ele está empilhando os colchonetes.

— E aí, Daniel. — Batemos os punhos. — Não sabia que vinha aqui hoje.

— Só estava por perto, como estão as coisas?

— Bem, amanhã começa uma nova turma. E você? Soube que foi semana passada em uma intervenção.

— Sim.

— E foi tudo bem? — pergunta, preocupado.

— Sim, as pessoas foram retiradas em segurança e levadas sob proteção.

— Que bom. Mas você não tem que se arriscar desse jeito, já sabe, né?!

— Eu preciso disso — respondo e ele apenas acena.

A verdade é que quando soube da existência desse tipo de trabalho, não pensei duas vezes em fazer parte. Antes da morte da Libby, sempre pratiquei tiro, era algo que eu gostava. Agora, uso essa habilidade ao meu favor.

Existem casos em que mulheres vivendo em risco extremo procuram a ONG, e em algumas situações é necessária uma intervenção. É nessa hora que eu entro, não só como advogado, providenciando autorizações judiciais, mas também faço parte da equipe de resgate.

Cage me mataria se soubesse disso.

— Bem, você que sabe — diz. — Vai treinar? — Ele aponta para o meu terno.

— Não, estava aqui perto e resolvi dar uma pas... — Antes que possa continuar, meu celular toca.

Tremo ao ouvir o som, esse toque só pode ser de uma pessoa. Jared volta ao trabalho e eu atendo a ligação.

— Irmãozinho — diz minha irmã, alto e alegre.

— Oi, Manu.

— Nossa! Você já foi mais animado — resmunga.

Manu é minha irmã mais nova, na verdade somos primos, mas sentimentalmente é como se fôssemos irmãos.

— Não estou em um dia muito bom, Manu.

— Então, vou animar seu dia, ou melhor, sua noite. — Fecho os olhos e rezo mentalmente: *Não, por favor, não.* — Nossos pais estão na cidade e teremos um jantar hoje à noite.

Droga!

— Daniel? Você está aí?

— Sim, desculpe. Qual a chance de eu escapar disso?

— Zerooooo... Vovó está com eles e parece que ela convidou um velho amigo.

— Como assim, a vovó tem velhos amigos aqui em Nova Iorque?

— Vai saber — responde como se isso não importasse. — Então, podemos contar com você? E David, óbvio.

— Já que você disse que tenho “zero” chance de me livrar disso, tudo bem.

— Sabia que você ficaria animado com isso — comenta, rindo. — Até à noite, irmão.

— Até. E, por favor, Manu, nada de me apresentar às suas amigas, certo?

— Ceeeerto! Sem amigas, dessa vez.

Minha irmã desliga antes mesmo que eu possa falar mais alguma coisa, odeio esses jantares em família. Sempre que acontecem, ela dá um jeito de empurrar alguma amiga para cima de mim.

Não que eu não tenha meus casos, mas mulheres jovens e entediadas não me atraem. Os arranjos que tenho funcionam muito bem. Até Alexia começar a estragar as coisas.

Eu me despeço de todos na ONG e vou para casa; encontro David no sofá, com fones de ouvido e o controle do videogame.

— Não acha cedo demais para isso? — repreendo ao tirar seus fones de

ouvido.

— Paaaai — ele briga. — Estou jogando online com o Liam.

— Liam. — Pego o fone. — Vá fazer suas tarefas.

— Certo, Tio — Liam responde e ri. Desligo o jogo.

— Você não tem nenhuma lição de casa? — Cruzo os braços e olho para meu filho; já tem doze anos e está entrando em uma fase complicada, e respondo.

— Por que não posso jogar um pouco? — Viu? Respondão.

— Porque preciso que termine suas tarefas, sairemos em breve.

— Aaaah, pai! Eu não quero ir.

— Não vai ficar em casa, senão o encontrarei grudado no sofá e será preciso chamar os bombeiros para tirar sua bunda achatada. — Ele ri. — Vamos, pare de reclamar, iremos jantar com seus avós. — Ele me dá um olhar questionador. — O que foi?

— Você também detesta esses jantares — diz, cheio de si.

— O que eu posso fazer? Eles são meus pais, preciso obedecer. — Dou de ombros e sorrio. — Agora faça o mesmo, vá fazer suas lições. Sairemos em duas horas.

— Okaaaay — reclama antes de se levantar e ir para o quarto.

Faço o mesmo, só que em vez de fazer lição de casa, vou para o meu quarto com um copo de uísque na mão. A noite será longa.

CAPÍTULO 4



ESTELA

Tive que cancelar nossa comemoração, Isla e Dereck aceitaram minhas desculpas, o que na verdade não era bem uma desculpa. Meu avô me ligou no final do dia me convidando para um jantar. Ele sabia que eu jamais negava nada, não para ele.

Assim que Daniel saiu do escritório, meus amigos vibraram com a conquista, abrimos um champanhe e distribuímos entre os funcionários. Sim, estávamos felizes e essa era uma enorme vitória. Então Dereck sugeriu que saíssemos, e foi impossível dizer não ao ver a alegria dos meus amigos, mas graças ao meu avô, fui salva de uma noite em um bar lotado.

Eles não sabem o que aconteceu comigo desde que voltei da cidade do Cage, sabiam que estive com ele lá e do incêndio, e só. Mesmo que muita coisa em mim tenha mudado, eles respeitam meu espaço e sou muito agradecida por isso.

Ninguém precisa saber que meus fantasmas estão de volta. Ninguém precisa saber que a pessoa que os trouxe de volta, é irmão gêmeo do meu melhor amigo. E ninguém precisava saber que ele está morto agora, assim como o meu padrasto. Dois demônios de volta para o inferno. Enviados pelo mesmo homem.

Porra, eu devia muito ao Cage.

Por isso, meus amigos apenas acreditam que fiquei cansada de festas. Mas a simples ideia de entrar em um bar lotado não me agrada. A ideia de homens me encarando, olhando para o meu corpo, serve apenas para que eu sinta repulsa. O que é estranho, visto que sexo foi a forma que encontrei para esquecer a dor.

Só que agora? Não faz sentido, o sentimento de insegurança está tão infiltrado em mim, que eu duvido que um dia irá embora.

— *Cariño!* — Javier entra no meu quarto, exasperado.

— O que houve? — Fecho o brinco que estava tentando colocar e levanto da cama.

— Aquele filhote de cruz credo — resmunga. — Sério, você tem que dar um jeito naquele animal!!

— Javier, não é tão ruim.

— Não? Olhe isso. — Ele estende a mão, mostrando um robe de seda vermelho; um que ele adora, e que parece estar em pedaços.

— Minha nossa! — Cubro a boca com a mão. *Ah, Bradok!* — Vou conversar com ele.

— Não se conversa com um cachorro, Estela! — Ele está quase tendo um chilique.

— Vou te compensar, tá? Compraremos quantos robes de seda da “La Perla” que você quiser.

— Isso é um *penhoar!* — diz, ofendido.

— Qualquer coisa que você quiser, nós compraremos, Javier.

— Por que não comprou um poodle? — reclama.

Sorrio, quando nos mudamos para uma casa, eu comprei um cachorro. Bradok é da raça Cane Corso, ele é enorme e o pesadelo do Javier.

— Me ajude a fechar isso aqui. — Viro de costas e tento mudar o foco de Javier, ele pode odiar o Bradok, mas ama quando me arrumo.

— Esse macacão é perfeito — elogia ao fechar o zíper. — Qual a ocasião, *cariño*?

— Jantar com o vovô. — Ando até a cama e pego minha bolsa, quando viro Javier está me encarando curioso.

— Jantar com seu avô e você vai vestida assim?

— Está ruim? — Olho para a roupa.

— Longe disso. Arrisco dizer que se eu não quisesse usar essa sua roupa, eu daria em cima de você agora.

Sorrio.

— Certo. Melhor eu ir, então. — Ando até a porta, mas paro. — É melhor ficar longe do meu *closet*, Javier — aviso.

— Você é tão estraga-prazeres. Divirta-se, meu bem.

— Obrigada. — Sopro um beijo no ar e ele faz o mesmo. É assim que são nossas despedidas, sem abraços nem nada do tipo.

Javier veio morar comigo assim que terminei a faculdade, ele é uma das poucas pessoas em quem confio, é meu braço direito e confidente.

Duas almas quebradas sempre se reconhecem, e comigo e Javier não foi diferente. Ele trabalhava como zelador na faculdade, nossa amizade foi instantânea. Ele é apenas dez anos mais velho, porém, é como se já tivesse vivido uma longa vida. Sua opção sexual nunca foi bem vista na sua família, e ele sofreu coisas que nenhum ser humano deve sofrer. Mas o que mais me

conquistou nele foi quando contei a minha história. Javier chorou a minha dor como se fosse a dele, e quando soube o que Luke fez, vi em seus olhos que ele o mataria, se pudesse.

Vou até a garagem e pego as chaves da minha SUV, meu avô detestaria se eu aparecesse de moto na casa dele. Sem Bradok por perto, não demoro e logo saio com o carro em direção ao apartamento do meu avô.

— Então, vovô, onde será o encontro de velhinhos? — pergunto, sorrindo assim que ele entra no carro.

— Que milagre não ter vindo naquela sua máquina da morte — comenta e beija meu rosto.

— Todo conforto pra você. — Ele sorri e me explica o endereço, coloco no GPS e saímos.

O lugar não fica muito longe, mesmo assim, ligo o som e seleciono uma playlist que sei que vai agradá-lo. Jazz sempre relaxou meu avô.

— Você não me explicou muito sobre esse jantar, do que se trata?

— Uma reunião com alguns amigos. — Ele dá de ombros e eu fico em alerta. Velhos amigos significam pessoas do passado, e pessoas do passado...

— Vovô...

— Não se preocupe, são boas pessoas. Elizabeth está ansiosa para vê-la. — Ele pega na minha mão.

— Quem é Elizabeth? — pergunto, não consigo me recordar de nenhuma Elizabeth.

— Vovó Beth. Você não se lembra dela?

Ah, droga!!

— Você deveria ter me avisado. — Sinto o tremor na minha voz.

— Se tivesse feito isso, você não iria.

— Mas...

— Respire fundo, Estela, apenas respire e fique atenta ao trânsito.

Sigo suas ordens e permaneço em silêncio. Porém não consigo tirar da cabeça o fato de que em breve estarei com uma pessoa que faz parte do meu passado.

Conheci Elizabeth depois que saí da casa da minha mãe e fui morar com meu avô. Estava em uma fase de adolescente rebelde. Vovô costumava reunir os amigos para jogar cartas uma vez por semana, e em uma dessas vezes, ela foi.

Não sei explicar o tipo de conexão que tive, mas ela era uma senhora muito gentil e disse que tinha um neto da minha idade, mas que não se viam muito porque ele morava em outra cidade. Eu só a vi duas vezes, e em uma delas, eu estava gritando com meu avô por causa de um telefonema da minha mãe.

Foi Elizabeth que me acalmou naquele dia e eu nunca mais a vi depois disso.

— Ela sabe o que aconteceu? — pergunto quando estaciono o carro.

— Sabe. Na última vez que ela esteve em casa, você estava muito transtornada, acabei contando a verdade.

— Foi por isso que ela nunca mais voltou? — pergunto surpresa.

— O quê? Não, claro que não. — Meu avô ri sem humor. — O marido dela adoeceu e ela preferiu ficar mais perto do filho e neto. Certa vez me disse que depois que soube o que aconteceu com você, estava mais alerta com a família.

— Ah. — É só o que digo antes de descer do carro e entrar no prédio.

— Não se preocupe, ficará tudo bem — meu avô garante antes de tocarmos a campainha.

CAPÍTULO 5



DANIEL

Assim que chego ao apartamento, minha irmã vem correndo ao meu encontro. Como sempre, linda e sorridente.

— Espero que não tenha trazido nenhuma vítima hoje.

— Você pensa tão mal de mim, meu irmão. — Ela me abraça. — Sem vítimas hoje, prometo. E você, meu pequeno gigante? — Ela volta sua atenção para David e eu aproveito para ir falar com meus pais.

— Então, Daniel, como está indo os negócios? — Meu pai me abraça, ele está aposentado, mas sempre foi um homem ativo. Ele não ficou muito feliz quando decidi me mudar para cá com David, mas entendeu meus motivos.

— Melhor do que esperava — respondo e ele assente. — Onde está a mamãe?

— Na cozinha com a sua avó, já estão vindo.

— Vovô! — David vem até nós e abraça o avô.

— Você está ficando mais alto. — Meu pai bagunça o cabelo dele, que reclama.

— Pai, posso ir para o quarto jogar?

— David, estamos em um jantar em família, você não pode ficar algumas horas sem jogar?

— A tia Manu está perguntando sobre namoradas, por favor, pai! — implora ele.

— Tudo bem, esconda-se o máximo de tempo que puder. — Ele solta uma respiração aliviada e sai correndo para o quarto.

Até eu ia me esconder da minha irmã se tivesse a chance.

— Ele parece bem — comenta meu pai.

— Sim, David está lidando bem com tudo.

— E você? — Ele me encara.

— Estou indo bem, pai. O trabalho novo, a cidade, tudo está ocupando meu tempo.

— Não é com o tempo vago que eu me preocupo — diz ele. — Vem,

vamos tomar algo.

Quando nos acomodamos, minha mãe aparece. Ela sorri ao me ver e me cumprimenta, minha avó faz o mesmo logo depois. Mas quando descobrem que David está no quarto, saem à procura dele.

— Hoje fechamos com uma nova empresa de investidores — comento com meu pai; é fácil conversar com ele.

— Isso vindo de você, parece ter sido um grande passo — diz, ele sabe o quanto odeio mudanças, e apesar de não pensar duas vezes ao aceitar a proposta do Cage, não é dessa forma que costumo agir. Ou agia.

A conversa segue, minha mãe e avó conseguem tirar David do quarto e agora todos estávamos conversando animadamente na sala. Até sermos interrompidos pelo interfone.

— Chegaram! — Minha avó levanta alegre. Faz muito tempo que não vejo Elizabeth Marshall com um humor tão bom.

— Quem chegou? — pergunto a Manu.

— O amigo da vovó — responde. — Acho que deve ser algum *crush* do passado, olha como ela está se alinhando toda. — Sorrio, porém, Manu pode estar um pouco certa, minha avó parece nervosa.

Assim que a campainha toca, ela e vovó vão atender. Fico com David mexendo em um jogo de tabuleiro que ele trouxe do quarto – tudo para evitar as perguntas da Manu – até que uma voz chama minha atenção e levanto o rosto.

O choque no meu rosto deve ser tão evidente quanto o dela. Estela está parada na porta da entrada, com a minha avó a sufocando em um abraço, mas seus olhos estão em mim.

— Venha, deixa eu apresentar a família. — Vovó pega na mão dela e a traz para sala, onde estou com meu pai, David e mamãe. Seguindo eles está Manu e um senhor que aparenta ter a idade da minha avó.

— Queridos, quero que conheçam a Estela — vovó fala e juro que vejo Estela respirar aliviada quando minha vó fala seu nome.

— É um prazer. — Ela estende a mão para minha mãe e meu pai, e em seguida, me encara. — Duas vezes no mesmo dia, isso é o que chamo de coincidência — diz.

— Isso é o que eu chamo de destino. — Levanto e vou até ela. — É um prazer te rever, Estela. — Pego sua mão e levo até os lábios.

Não faço ideia de onde saiu esse gesto, mas é como se eu sentisse a necessidade de encostar os lábios na pele dela. Em qualquer parte.

— Vocês já se conhecem? — minha avó interrompe o momento, Estela retira a mão, constrangida.

— Cage e eu fechamos com a empresa da Estela hoje — explico.

— Que ótimo. — Minha avó sorri e volta a atenção à Estela. — Querida, ele às vezes é um chato, mas é um bom garoto.

— Não me esquecerei disso — diz Estela quando me lança um olhar perspicaz.

— Este é David. — Não me lembro se ela chegou a conhecê-lo. — Meu filho. — Ela olha para David que agora está em pé ao meu lado.

— É um prazer conhecer você, David. — Ela estende a mão e ele a cumprimenta.

— Você conheceu a minha mãe? — meu filho questiona, deixando a todos sem palavras, menos a Estela.

— Sim, eu a conheci. Jantamos juntas uma vez. — David sorri satisfeito.

— Posso voltar para o quarto? — ele pede mudando o foco do assunto novamente.

— Pode — respondo.

— Legal — ele vibra. — Tchau, Estela! — grita antes de sair correndo para o quarto.

— Obrigado. — Agradeço pela forma gentil que respondeu à pergunta de David. Ela apenas acena levemente com a cabeça e vai até onde o avô está.

— Acho que estou começando a entender o porquê de ter trocado de investidor. — Meu pai dá uma batidinha nas minhas costas e sorri.

Caramba! Será que todo mundo acha que sou comandado pelo meu pau?

O jantar flui tranquilamente, Estela sentou no lugar bem à minha frente, cortesia da vovó, que se sentou ao seu lado e ficaram conversando feito velhas amigas. Não fazia ideia de que as duas já se conheciam. Baseado no olhar carinhoso e a forma relaxada com que Estela conversava com a minha avó, parecia ser uma amizade verdadeira.

David ficou conosco tempo suficiente para comer e depois foi para o quarto ver TV. Minha família estava conversando com Estela e seu avô, e pareciam todos bem animados. Ele era um senhor bem falante, o oposto da neta que se limitava apenas a responder algumas perguntas – a maioria feitas por Manu – e a sorrir quando necessário.

Saio à francesa com uma bebida na mão e vou para a varanda. A vista da cidade é incrível. Minha irmã adora esse lugar. Não posso discordar dela.

— Seu pai acha que estamos tendo um caso. — A voz dela me assusta e quase deixo o copo cair. — Desculpe, não quis te assustar.

— Não foi nada, estava distraído. Mas o que foi que você disse? — Sorrio. — Meu pai falou algo?

— Não foi necessário, ele ficou olhando de você para mim, praticamente a noite toda. Não precisa ser um gênio para adivinhar o que se passava pela

cabeça dele.

— Peço desculpas pela indiscrição.

— Não se preocupe com isso. — Ela se aproxima da varanda. — Uau! — Estela olha para a vista da cidade. — Esse lugar é incrível — diz, chegando próxima à balaustrada. Ela coloca as mãos na borda e se inclina.

Meu coração para por um instante. Esse lugar é novo e a maluca da minha irmã ainda não fez adaptações de segurança, uma tela na varanda, por exemplo.

Por puro instinto, coloco o copo que estava na mão na cadeira e, em segundos, estou atrás dela. Levanto o braço até a sua cintura e a puxo contra o corpo.

— Por favor, não faça mais isso — sussurro próximo ao seu ouvido.

No entanto, tem algo errado. Estela está imóvel. Congelada.

— Estela? — chamo seu nome, mas ela não responde. — Estela? — Tento outra vez, e não surte efeito. Giro seu corpo com calma até nossos olhares se encontrarem, e o que vejo me apavora.

Ela parece estar em pânico. É o mesmo olhar que eu vi quando acordou no hospital e depois gritou para que eu saísse. *Pelo amor de Deus, não grite.*

— Sou eu, Estela, o Daniel — digo com calma, minhas mãos estão na sua cintura, mas não ousa fazer nenhum movimento. — Só estava preocupado com você tão próximo da borda. — Ela pisca. — Não me mexerei, apenas respire um pouco.

Ela faz conforme pedi, seus olhos ainda estão assustados enquanto solta pequenas respirações. Quem entrasse aqui e nos visse, provavelmente pensaria que estamos tendo algo mais íntimo, quando na verdade, estou tentando evitar que ela tenha um ataque de pânico.

— Vou mover a minha mão, tudo bem? — aviso e ela pisca, entendo isso como uma permissão. — Tocarei seu rosto, mas apenas para tirar seu cabelo do rosto, tá? — O cabelo dela está voando por causa do vento. Faço o movimento com cuidado para não assustá-la. — Está tudo bem, vai ficar tudo bem — asseguro e vejo sua respiração voltar ao normal.

— Eu... — ela tenta falar, seu rosto começa a ficar vermelho. Certamente, está se sentindo envergonhada.

— Não precisa dizer nada, apenas tente se acalmar, tudo bem?

— Obrigada — agradece, mas nós não nos movemos. O silêncio da noite e o barulho do vento são as únicas presenças.

Observo atentamente o seu rosto, agora bem próximo. Eu nunca a havia notado antes, não dessa forma. A primeira vez que vi uma foto dela com Cage em uma revista, pensei que fosse apenas mais uma das mulheres que andavam

penduradas no braço do meu amigo.

Mas não, Estela é diferente. Percebi isso no dia que ela apareceu naquele jantar. Libby também notou, e isso gerou uma pequena discussão na volta para casa. Lembrar daquela noite, me faz sentir vontade de rir. Fui um idiota, Libby fez cena por causa da Estela, mas o que realmente a incomodou foi Luke e Erin.

— Você quer que eu te solte? — pergunto, minha mão ainda está na sua cintura e a outra acariciando seu cabelo. Por que não consigo parar de tocá-la? — Você já está bem?

— Não sei.

— Não sabe se está bem? — pergunto confuso.

— Não sei se quero que você me solte agora. — Suas palavras me pegam de surpresa, mas antes que eu a puxe para mais perto, ela continua: — Só, por favor, não se mova.

— Não vou me mexer até que você diga.

CAPÍTULO 6



ESTELA

Estou parada olhando para o homem na minha frente. Daniel mantinha uma mão na minha cintura e outra acariciava meu cabelo com tanto cuidado. Por pouco, meus olhos não se fecham com o movimento.

Mas não é só isso, ele está ciente do motivo que me fez entrar em pânico. Daniel não disse com palavras, porém, sabe que foi seu toque que o desencadeou. E está sendo extremamente cuidadoso ao me avisar de seus próximos movimentos. Quando disse que não se moveria até que eu permitisse... Droga, acho que podia até ter chorado.

Não menti quando disse que não tinha certeza se queria que ele me soltasse. Senti um pânico momentâneo por ter sido pega de surpresa, mas quando ele me girou e nossos olhos se encontraram, minha mente sabia que estava segura. No entanto, meu corpo teve outra reação.

Uma vez, um médico me disse que nosso corpo guarda memórias, e por mais que em nossa cabeça saibamos que não estamos em perigo, tem uma reação instantânea. E posso dizer que o meu é cheio de memórias, principalmente ruins.

— Obrigada por... — Começo a me afastar e ele entende o recado.

— Por ter te segurado? — Sorri gentil.

— Sim, e por não ter permitido que eu surtasse. — Dou um sorriso, ou a tentativa débil de um.

— Sente-se bem? — pergunta, preocupado.

— Agora sim, foi só...

— Lembranças ruins? — completa e eu confirmo. — Você se lembra muito daquela noite? — Nossa! Como dizer a ele que meu problema não vem daquela noite?

— Mais do que eu gostaria. — Não minto.

— Eu também. — Ele olha para o céu, depois pega o copo que está na cadeira e toma um longo gole. — Quer um pouco? — oferece.

— Estou dirigindo, obrigada. — Ele assente e vira o restante do

conteúdo. — Daniel, eu nunca tive a oportunidade de te dizer, mas sinto muito pela Libby.

— Obrigado — responde com olhar distante.

— Acho que agora seu pai tem certeza de que temos um caso — brinco com ele tentando aliviar o clima, meu coração ainda está acelerado, e preciso de uma distração. Ainda sinto suas mãos na cintura.

— Isso seria ruim? — Ele vira e me encara. Caramba, seu olhar é tudo, menos distante.

— Está me paquerando, senhor Marshall?

— Talvez, senhorita Carlson — ele rebate.

— Que tal assim: vamos manter essa relação no profissional. — Ele solta uma risada profunda.

— Acho que já passamos por muitas coisas para termos um relacionamento apenas profissional. — Eu sorrio porque ele tem razão.

— Amigos, então?

— Amigos.

— Sem paquerar? — pergunto, porém, nem eu mesma sei se que quero isso, acho que gosto de seus flertes.

— Promessa de mindinho.

— O quê? — pergunto e ele ri novamente, estendendo a mão fechada em punho e deixando o dedo mindinho esticado.

— Faça o mesmo — orienta e fico pensando de onde ele tirou essa ideia. — Vamos, tenho um filho, oras! Ele sempre me obriga a fazer o “juramento do dedinho” quando quer que eu cumpra algo, e se não quiser flertes... — Não o deixo terminar e imediatamente imito seu gesto. A risada que solto é inevitável.

— Tudo bem, e agora?

— Agora fazemos o juramento. — Ele entrelaça o dedo ao meu e sorrio com o gesto. E outra vez me surpreendo porque não me afasto dele, o que é estranhamente bom.

— Juro que não vou paquerar Estela, mesmo que ela seja a mulher mais bonita que meus olhos já viram, e a melhor negociadora, além de ter o cabelo incrivelmente macio.

Seu juramento me faz gargalhar alto.

— Juro que não vou paquerar Daniel — declaro.

— Mesmo que... — continua, me fazendo rir de novo.

— Mesmo que eu tenha me sentido segura nos braços dele como nunca me senti antes, e que seu olhar provoque algo inexplicável em mim.

Dessa vez é ele quem congela. E por alguns segundos o tempo para com nossos dedos ainda entrelaçados em um juramento infantil – que tenho quase

certeza de que nenhum de nós cumprirá.

— Estela? — Meu avô aparece e eu sorrio para Daniel. — Está pronta? — pergunta e olha para nossas mãos. — Vou esperar você lá fora — avisa e sai.

— Agora seu avô que vai achar que temos um caso — brinca Daniel e começamos a rir, descontroladamente.

Não sabia como precisava rir assim.

— Vem, te acompanharei até a porta.

Saímos da varanda, eu na frente e Daniel segue atrás de mim. Ele não me toca mais, o que é bom, um sinal de que respeita meus limites.

A gente se despediu de todos, exceto de David, ele apagou durante o filme que estava assistindo. Elizabeth me abraçou com carinho ao se despedir. Confesso que fiquei apreensiva no começo, ela sabe meu nome verdadeiro, mas quando me apresentou como Estela, meu coração se encheu de gratidão.

Ainda não estou pronta para assumir meu nome de verdade e tudo que vem com ele. As lembranças, as dores. Conversar com um psicólogo é uma coisa, porém, com outras pessoas? Eu me encolho só de pensar.

Falar com Erin foi fácil, na época estava tão bem, meus fantasmas estavam onde deveriam, enterrados. Eu estava livre, ao menos pensava desse jeito. No entanto, nada dura para sempre, nem mesmo a liberdade.

— Como está indo a terapia? — meu avô pergunta assim que o carro entra em movimento.

— Bem.

— Só isso? Bem? — Ele não aceita minha resposta.

— Fui a um jantar com o senhor, não foi? Com pessoas que eu não fazia ideia de quem eram, e acho que me saí muito bem — respondo como se merecesse um prêmio por isso.

— Desconhecidos? Não foi o que pareceu, pelo menos, não do meu ponto de vista.

— Se o senhor se refere ao Daniel, nós nos conhecemos há algum tempo, sim. Ele é amigo do Cage, e seu sócio agora.

— Ah, sim, o jogador — diz meu avô. Ele nunca foi fã do Cage, e ficou menos ainda quando soube do incêndio. Graças a Deus que não ficou sabendo de todos os detalhes.

— Vê, Cage é meu amigo e agora está casado. Deixe de ciúme — brinco.

— Não é ciúmes, é proteção. Nunca gostei dele.

— Cage me ajudou de maneiras que o senhor jamais poderá imaginar.

— É aí que você se engana, Estela, posso muito bem imaginar e não gosto dos lugares que vai minha imaginação.

Vovô nunca comentou a morte do meu padrasto, ele está na lista de

pessoas que acreditam que a humanidade ficou bem melhor sem aquele monstro à solta. Mas sabe que algo mais aconteceu naquela noite, e mais ainda, que Cage está envolvido. Só que por amor a mim, e gratidão, nunca mencionou nada.

— Que tal voltarmos a falar sobre o jantar? — tento mudar de assunto.
— Não fui tão terrível.

— Sim, mas não é isso que espero ver. O que mais desejo na vida é ter minha neta sorridente de volta. — Ele é enfático.

— Vovô... — Gemo frustrada. — Eu sorri durante o jantar inteiro. — Tento me defender.

— Eu sei, foi lindo. Só que não era verdadeiro. — Ele se endireita e vira de lado para poder me olhar quando paro em um sinal, meu avô tem um olhar tão intenso. — Você sempre foi muito boa em esconder as emoções, em interpretar. Porém houve um momento que vi um sorriso verdadeiro. — Penso se devo perguntar em qual momento, mas não é necessário, pois ele continua: — Quando estava com o Daniel, e vocês fizeram um “juramento de dedinho”. Naquele momento, tive um vislumbre da minha neta que sorria verdadeiramente. — Fico surpresa que ele saiba o que significava aquele gesto entre mim e Daniel. Meu avô leva a mão até a minha que está segurando o volante e dá um leve aperto. — Gostaria muito de voltar a ver isso.

— Aquilo foi uma brincadeira. — As palavras soam tão falsas que me envergonho imediatamente. *Não foi apenas uma mera brincadeira*, meu inconsciente zomba.

— Então se uma brincadeira trouxe um sorriso de verdade no seu rosto, brinque mais, minha neta. Você sempre soube como lidar com as pessoas, agora precisa aprender a lidar com si mesma, Ayra.

Ouvir meu nome saindo de seus lábios me faz vacilar. Engulo em seco o sentimento que começa a tentar me sufocar. Vovô nunca mais pronunciou meu nome verdadeiro desde o dia em que pedi para ser chamada por outro. Foi ele que me ajudou a escolher Estela, disse que era o nome de uma garota que ele gostava na época da escola e que batia em alguns meninos que implicavam com ela. Segundo ele, Estela era uma guerreira, e eu quis me inspirar nessa menina valente que não engolia desaforos.

Por isso, fico chocada com o que ele diz. Percebendo meu espanto, aperta minha mão mais uma vez, me confortando. O sinal abre e não digo mais nada durante o trajeto até sua casa. Mas isso não significa que suas palavras não me despertaram de alguma forma.

Minha noite não é das melhores; depois que deixei meu avô, passei boa parte do tempo apenas dirigindo sem rumo, tentando esvaziar a cabeça. O que parecia uma tarefa impossível, já que não conseguia esquecer das palavras do

meu avô, do meu quase ataque de pânico e, o mais inexplicável, de como Daniel me acalmou.

Na manhã seguinte, meu humor não está dos melhores e Javier é o primeiro a reclamar.

— Estou aqui pensando, *cariño*, o que esse pobre pedaço de torrada fez pra você — ironiza e olho para torrada no prato, eu a despedacei sem perceber.

Estamos sentados, tomando café da manhã. Javier nunca me deixa sair de casa sem ter me alimentado de forma “decente”.

— Noite ruim. — Empurro o prato e bebo o restante do café num gole só.

Javier apenas me olha, na esperança de que eu vá contar algo, mas estou tão irritada comigo mesma que apenas pego o capacete e saio sussurrando um bom-dia.

Sei que ele não merece esse tipo de tratamento, afinal, está comigo há tanto tempo, e depois de tudo que aconteceu, é um dos poucos homens em quem consigo confiar.

Quando chego à HOAR, não me surpreendo ao ver Isla na minha sala. O negócio que fechamos com Cage e Daniel vai gerar a visibilidade que precisamos, e com isso nosso trabalho aumentará. O que agradeço, porque meu trabalho é algo que sei lidar.

— Bom dia — cumprimenta radiante — Dereck quer saber se enviará as informações que ele precisa para pesquisar propostas para nosso novo cliente.

— Bom dia, Isla. — Deixo minha bolsa em cima da mesa e abro a gaveta retirando uma pasta. — Está tudo aqui. Avise ao Dereck que eu mesma vou cuidar disso.

— Isso sim é um bom jeito de começar bem o dia. — Sorri. — Mesmo que você esteja com essa cara de poucos amigos. — Suspiro e praticamente me jogo na cadeira.

— Não tive uma boa noite.

— Entre para o clube, querida. — Isla torce os lábios.

— Conte-me, então, porque eu adoraria ouvir alguém em pior estado do que eu.

— Nossa. Isso soou terrível, até mesmo pra você, Estela.

— Às vezes, eu desejo apenas por um dia não ser eu. — Olho para a pasta com os documentos na minha mão. — Só por um dia, gostaria que meus problemas não me engolissem inteira.

— Nossos problemas não nos engolem, Estela.

— Diga isso para a minha cabeça, então.

— Quer conversar? — pergunta preocupada. E eu odeio isso.

— Conversar significa relembrar quando tudo que eu preciso agora é esquecer. Portanto, minha amiga, me conte sua noite miserável e faça-me sentir um pouco melhor. — Ela ri alto.

— Tudo bem. Já que parece que estamos uma competição para ver quem teve a pior noite, lá vai. — Isla apruma a postura na cadeira e me encara de forma séria, em seguida, estende a mão.

— O que tem a sua mão? — Fico confusa.

— Qualquer outra mulher na face da Terra teria notado. — Ela ri e mexe os dedos. Só então, eu vejo: ela ostenta um enorme diamante.

— Ai, meu Deus! — Ofego e levanto da cadeira indo até ela. — Ele pediu você em casamento!!! — Pego sua mão em um acesso total de “mulherzinha”, só falta a dancinha e os gritinhos histéricos para completar a cena.

— Sim, ele fez o pedido quando estávamos transando — diz séria.

— Jura? Tipo, bem na hora...

— Sim, bem na hora. Então, me diga, quem ganhou na competição de pior noite? — Sorrindo, eu a puxo para um abraço. Ah, se ela soubesse.

— Não vejo um pedido de casamento como um momento ruim. De forma alguma.

— Ninguém pede outra pessoa em casamento no meio do sexo, Estela. E nem estávamos na cama...

— Tá, já entendi. Apenas invente uma história fofa para contar aos seus filhos um dia, ninguém mais precisa saber.

Isla ri e me abraça. Passamos a maior parte da manhã conversando sobre suas inseguranças em relação ao casamento, de como as coisas mudarão para melhor na HOAR. É nisso que me apego, e assim que ela deixa minha sala, envio um e-mail para Daniel.

D_E: E_{STELA} C_{ARLSON}

D_{ATA}: TER, 12 DE SETEMBRO DE 2018 13:02

P_{ARA}: D_{ANIEL} M_{ARSHALL}

A_{SSUNTO}: N_{OVAS} P_{ROPOSTAS} DE INVESTIMENTO.

C_{ARO}, S_{R.} M_{ARSHALL},

E_M PRIMEIRO LUGAR, GOSTARIA DE AGRADECER MAIS UMA VEZ EM NOME DA HOAR, A CONFIANÇA QUE A CNE_{ENTERPRISE} DEPOSITOU EM NOSSA EMPRESA. T_{ENDO} EM VISTA QUE JÁ RECEBEMOS O NOVO CONTRATO DE SUA ADVOGADA, SEGU_E EM ANEXO ALGUMAS PROPOSTAS QUE ACHAMOS INTERESSANTES PARA A CN.

S_E TIVER ALGUMA DÚVIDA, NÃO HESITE EM ME PROCURAR.

A_{TT},

E_{STELA} C_{ARLSON}

CEO.HOARBUSINESS.SC

Em questão de minutos, meu e-mail apita, sinalizando sua resposta. Não consigo conter o sorriso ao ler o que ele escreveu.

D_E: D_{ANIEL} M_{ARSHALL}

D_{ATA}: TER, 12 DE SETEMBRO DE 2018 13:04

P_{ARA}: E_{STELA} C_{ARLSON}

A_{SSUNTO}: RE: N_{OVAS} PROPOSTAS DE INVESTIMENTO.

P_{REZADA} S_{RITA}. C_{ARLSON},

É AGORA QUE POSSO TE CHAMAR DE “ANJO DA GUARDA”?

A_{TENCIOSAMENTE},

D_{ANIEL} M_{ARSHALL}

D_{IRETOR} DE O_{PERAÇÕES}

C_{NE}NTERPRISE.

CAPÍTULO 7



DANIEL

D_E: E_{STELA} C_{ARLSON}

D_{ATA}: TER, 12 DE SETEMBRO DE 2018 13:05

P_{ARA}: D_{ANIEL} M_{ARSHALL}

A_{SSUNTO}: RE: RE: N_{OVAS} PROPOSTAS DE INVESTIMENTO.

C_{ARO}, S_{R.} M_{ARSHALL},

É AGORA QUE EU DAREI A VOCÊ OS MOTIVOS PARA ME CHAMAR DE “ANJO DA GUARDA”.

A_{TT},

E_{STELA} C_{ARLSON}

CEO, HOAR B_{USINESS} S.C

Estou sorrindo feito um idiota quando entro na sala do Cage, ele está ao telefone e faz um gesto para que eu o aguarde. Fico olhando algumas fotografias enquanto termina a ligação. Sua sala é cheia de retratos, muitas dele com Erin e Liam.

Não sabia que era possível ficar empolgado apenas com um e-mail de negócios, mas eu fiquei, e não no sentido sexual. Se eu for sincero, mal me recordo da última vez que paquerei assim, feito um adolescente.

— Espero que não tenha transado na sua sala — ironiza assim que desliga enquanto eu me sento na cadeira à sua frente.

— Boa tarde, Daniel! Como tem passado? Recebi o e-mail com a proposta da HOAR... — começo a imitar sua voz.

— Engraçadinho. — Ele olha para a tela do computador. — Não tive tempo de olhar, fiquei no telefone até agora. O que você achou? E por que está com esse sorriso ridículo no rosto?

— Acho que foi muita sorte minha não ter apostado com você. Estela estava mesmo preparada para nós. — Ignoro a pergunta sobre o sorriso.

— Então você assume que eu estava certo?

— Não, eu assumo que eles são bons, pelo menos, mostraram que são preparados.

— Alexia não ficou feliz com a rapidez com que assinamos com eles.

— Ela não está feliz com nada, e disso você já está cansado de saber.

— Daniel, você já foi mais discreto com seus relacionamentos. Não deixe que isso interfira nas coisas daqui. — Seu tom me irrita um pouco.

— Não confundo as coisas, Cage.

— Então avise isso para Alexia, porque tenho certeza de que o motivo da raiva dela tem seu nome.

— Deixe a Alexia comigo. — Respiro fundo. — Olha, eu queria te perguntar uma coisa. — Cage me encara por um instante e eu prossigo: — O que rolou exatamente entre você e a Estela?

— Nada e tudo.

— Agora você conseguiu me confundir — confesso.

— Não aconteceu nada que fizesse com que ultrapasse as barreiras da amizade, mas aconteceu tudo que amigos não deveriam fazer. Por que o interesse?

— Nada demais. Ela é um pouco arisca, só isso, e ontem à noite nos encontramos em um jantar na casa da minha irmã.

— Um jantar?

— Uma longa história, resumindo parece que o avô dela é amigo da minha avó.

— Ah, sim. O coroa me detesta — diz sorrindo.

— Nem imagino o motivo. — Reviro o olho. — Em todo caso, há algo nela que me deixa intrigado. — Eu me levanto pronto para sair quando ele segura meu braço me impedindo de continuar.

— A Estela é uma pessoa especial, Daniel, ela não é como a Alexia, ou a Libby.

— Não precisa me dizer o que ela é ou não, Cage. Não era eu que andava com ela pendurada nos braços há algum tempo. — Olho para sua mão, ele entende o recado e recua.

— Merda, isso saiu errado, tá legal? Se está interessado nela, não vejo problema. Só não quero que brinque com ela como tem feito com as outras mulheres desde que a Libby morreu. Vocês dois merecem muito mais do que serem apenas o estepe um do outro.

— Você não precisa se preocupar, não estou interessado nela dessa forma — minto, mesmo sabendo que ele me conhece bem e sabe que as minhas palavras não foram verdadeiras.

Saio da sala sem dar a ele uma chance de resposta. Desde que Cage retomou o relacionamento com a Erin, age como se fosse meu pai. Como se em algum momento eu fosse surtar de alguma forma.

— Droga. — Gemo quando entro na minha sala e encontro Alexia.

— Pensei em te chamar para almoçar, mas pela cara a resposta seria não.
— Ela levanta da cadeira, pegando sua bolsa. Não temos nenhum tipo de relacionamento amoroso, mas me incomoda ver a decepção nos olhos dela.

— Desculpa, não estava te esperando.

— Tudo bem, já entendi que a minha companhia só te serve para uma coisa.

— Do que você está falando, Alexia?

— Que enquanto o meu corpo estiver sem roupa, minha companhia não te causa aversão.

— Alexia... — Toco seu braço. — Você sabe que não é assim.

— Então o que é? Sua esposa morta? Você não tem ninguém, Daniel! Somos bons juntos, e eu...

— Tenho um filho... Se esqueceu disso, Alexia? E pelo que conheço de você, maternidade nunca esteve nos seus planos.

— Seu filho não é mais um bebê, Daniel — diz como se David fosse independente.

— Exatamente, e é por essa razão que ele é a minha prioridade agora e não um relacionamento.

— Você está agindo como se fôssemos nos casar — desdenha. — Ou é isso que você está procurando, Daniel? Outra Libby na sua vida?

— Pare de falar merda, Alexia. — Tiro meu terno e enrolo as mangas da camisa.

— Vou cair fora, já cansei de ser usada por você, Daniel.

— Excelente, porque também me cansei de ser usado por você. — Alexia me encara com total descrença. Sim, eu sei que ela também me usa. Alexia não é do tipo de mulher que implora atenção de um homem, se ela faz isso, com certeza quer algo a mais do que algumas transas esporádicas.

Ela sai da sala pisando duro e sinto a parede tremer assim que bate a porta ao fechá-la.

Olho para o relógio e percebo que ainda não almocei. Penso em pedir algo enquanto olho para a tela do meu computador, e me lembro do e-mail.

Anjo da guarda.

Pego o celular e procuro seu nome nos contatos, não sei o que me leva a agir dessa forma, o flerte espontâneo pelos e-mails, talvez? Ou ter ficado tão próximo dela ontem à noite. Não sei, nada faz sentido, apenas a vontade de conversar mais com ela, de estar perto mais uma vez.

— Telefone da senhorita Carlson, em que posso ajudar? — uma mulher atende o celular, tento afastar a decepção na voz quando respondo:

— Oi, gostaria de falar com a Estela, ela pode atender? — digo seu

primeiro nome. Assim, seja lá quem for, saberá que sou próximo. Mais ou menos. Ah, que se foda, eu a carreguei no colo quando ela mais precisou, posso me considerar ao menos um amigo.

— Quem deseja? — A mulher parece um robô treinado.

— Daniel — digo apenas meu primeiro nome, o telefone fica no mudo por alguns segundos, mas em seguida, uma voz fala novamente. Dessa vez, não é a Mulher Robô.

— Você é rápido em analisar propostas — brinca Estela. Meu Deus, tudo que essa mulher me fala, eu entendo com duplo sentido. Se ela disser “pizza”, eu provavelmente vou querer lamber o recheio.

— Na verdade, pensei em convidá-la para almoçar. Se ainda não tiver comido, é claro. — Eu a ouço rir.

— Almoço, às vezes, é um luxo que não tenho tempo para dispor. — Sua voz é divertida.

— Temos algo em comum, então. Que tal juntarmos a nossa falta de tempo, aproveitando de uma boa refeição enquanto falamos sobre as propostas que me enviou? — Estela não responde de imediato, seu silêncio me diz que está analisando meu convite. Acredito até que pense em recusar, mas pelos poucos momentos de interação que tivemos, notei que ela respira trabalho. A minha oferta para analisar as propostas acertarão em cheio seu lado workaholic.

— Tudo bem, onde quer que te encontre?

— Posso passar para buscar você, são só alguns minutos de distância.

— Não precisa. Estou de moto, posso chegar rápido em qualquer lugar.

— Moto? Você pilota moto? — pergunto surpreso.

A Estela que eu conheci há um ano, não fazia o tipo motoqueira, mas a Estela que jantei ontem, nossa, essa parece que pode conquistar o mundo. E me conquistar, penso. Sacudo a cabeça para me livrar desse pensamento e da imagem dela montada em uma moto.

Jesus! Parece que tudo que ela faz ou fala, minha cabeça volta para algo sacana.

— Você tem problemas com motos ou com mulheres pilotando motos? — O tom leve não está mais presente em suas palavras, ela parece ofendida.

Merda, a última coisa que eu quero é que pense que sou algo que definitivamente não sou.

— Sem problemas com motos, muito menos com mulheres em uma.

— Dirigindo uma, eu disse — ela me corrige.

— Não me importo com mulheres no comando, Estela. Se for essa a sua pergunta.

— Então por que ficou surpreso quando disse que eu ia de moto?

— Não sei, lembrei de quando nos conhecemos. Naquele jantar, você parecia muitas coisas, menos uma mulher que gostava de motos.

— As pessoas compram o que vendemos, Daniel. — Seu tom muda, mas ela não parece mais ofendida. Triste, talvez?

Droga, ela é um enigma.

— Acho que te entendo — respondo, e escuto um riso fraco.

— Eu tenho certeza de que entende — afirma, e isso me intriga, porque ela não falou debochando.

— Vou reservar uma mesa e te passo o endereço do restaurante por mensagem, pode ser?

— Claro.

— Nos vemos daqui a pouco, então.

— Até mais. E, Daniel?

— Sim?

— Pegue um táxi, eu levo um capacete extra pra você. — E desliga, me deixando confuso, ansioso e excitado. Não necessariamente nessa mesma ordem.

CAPÍTULO 8



ESTELA

Onde estou com a cabeça?

Fico encarando meu celular, tentando compreender o que acabei de fazer. Mal acabamos de nos falar e uma mensagem aparece com o endereço do restaurante e um lembrete de que está indo de táxi. Sinto um frio na barriga.

— Tudo bem, Estela? — Joy chama minha atenção.

— Sim, eu... — Olho novamente para o celular. — Vou sair para almoçar com um cliente, e... — Droga, porque estou tão atrapalhada? Vejo os papéis na minha mesa, estava repassando alguns assuntos com a Joy quando Daniel ligou. Geralmente, não atendo números desconhecidos, quase sempre é minha mãe ligando, então quando Joy me disse quem era, fiquei surpresa.

— Quer que eu pegue o capacete extra? — Se eu fosse o tipo que fica vermelha de vergonha, esse seria um dos momentos.

— Quero sim, obrigada. Acho que já terminamos aqui. — Levanto enquanto ela pega o *tablet* e faz o mesmo.

— Desmarco os compromissos da tarde?

— Não — respondo rápido demais. — Quer dizer, por que desmarcaria?

— Não sei... É que...

— Vou almoçar com um cliente e estarei de volta, como sempre. — Dessa vez, ela cora. Eu sorrio. — Anda, vá buscar a droga do capacete, Joy.

Ela retribui meu sorriso e sai para pegar o capacete extra que mantenho no escritório.

Daniel não estava errado quando mencionou sobre a época em que nos conhecemos, até eu me surpreendo do tempo que desperdicei na vida. Era como se eu estivesse dentro de um livro; vivendo a vida de um personagem. Com dinheiro, glamour, tapetes vermelhos.

Mas nada naquela Estela era real, minha vida não era como nos livros de romance. Eu não era a mocinha que precisava ser salva, eu mesma fiz aquilo. Só que depois do que aconteceu com Luke, percebi que nada era verdadeiro até

então.

Minha salvação não era real, apenas foi inventada para que eu pudesse ter algo em que acreditasse merecer. A cor do cabelo, a personalidade, até a droga do meu nome não era verdadeiro. Saber disso me irrita, não era para ser assim, porque queria viver dentro do *meu* livro, da história que *eu* criei.

Respiro fundo e saio da sala; Joy já está com o capacete em cima da mesa. Eu o pego e agradeço. Ela me dá um sorriso cúmplice, como se eu estivesse dando uma “escapadinha” na hora do almoço. Sorrio com a ideia ao mesmo tempo em que sinto um frio na barriga.

Merda, não gosto dessas sensações. Gosto menos ainda que a causa disso seja o Daniel.

Demoro menos de quinze minutos para chegar ao restaurante, e com os capacetes na mão – desvantagens de não ter um alforje na moto – eu caminho até a entrada. Antes de chegar, vejo quando ele desce do táxi; parecendo ansioso, olhando para o relógio. Balanço a cabeça sorrindo. Homens, será que ele pensou que eu me incomodaria em chegar primeiro? Por um momento, eu me arrependo de caminhar tão devagar, ver seu rosto quando chegasse e já me encontrasse sentada na mesa seria divertido.

Porém todos esses pensamentos somem assim que ele para antes de entrar e olha à sua direita. Na minha direção. Não sei se algo chamou sua atenção, ele simplesmente vira com seus olhos certos. É como se me sentisse aqui.

Daniel não entra, ele espera eu me aproximar. Está de camisa azul, com as mangas enroladas nos antebraços. Parecia que tinha tido uma manhã estressante de trabalho. Ele não tira os olhos dos meus em nenhum momento. Não analisa meu corpo, o que chega a me incomodar um pouco. Sei lidar com olhares lascivos, mas não estou acostumada com essa intensidade que vejo em seu olhar.

Uma que demonstra que ele está interessado em mim, e não no meu corpo. E não faço ideia de como agir.

— Pensei que estava atrasado — diz ele assim que me aproximo.

— Estacionei um pouco longe, vim andando. — Ele sorri e estende a mão.

— Me dá isso. — Entrego um dos capacetes a ele, depois curva o outro braço em um convite para acompanhá-lo. Eu aceito, e quase me arrependo porque ele inclina o corpo e fala no meu ouvido. — A propósito, você está linda, Estela. Como sempre.

— Não vi você olhando em nenhum momento a roupa que estou vestindo — brinco e sou presenteada com um sorriso travesso.

— É porque sua beleza não está nas suas roupas, Estela. — Engulo em seco quando ele vira e ficamos frente a frente. — Posso? — Ele estende a mão para o outro capacete e eu o entrego também. Daniel pega e entrega os dois para a recepcionista, e sem dizer nada, ele estende o braço outra vez e entramos o restaurante.

Andamos de braços dados e tento não me incomodar com a situação. Daniel é uma pessoa familiar, controlo meu corpo e mente para não reagir contra ele. Só que não preciso de muito esforço. Ele respeita meu espaço; mesmo estado tão próximo, ele não ultrapassa nenhum limite. O que me confunde.

Há pouco tempo, eu era a mulher que exibia com orgulho todas as curvas do corpo, que queria ser notada, desejada. Queria que os homens desejassem o que estavam vendo, era uma forma doentia de me fazer sentir que ele não havia estragado isso em mim. Que eu podia dar ou negar meu corpo a quem eu quisesse.

Era um jogo, um que eu amava fazer. E que depois do que aconteceu entre mim e Luke, percebi que foi mais uma forma de sabotagem. Agradeço aquele filho da puta por isso.

— Pensei que alguém fosse nos acompanhar até a nossa mesa — comento ao perceber que seguimos sozinhos.

— Não confia na minha habilidade de encontrar nossa mesa? — pergunta, brincalhão.

— Algo me diz que não devo duvidar de nenhuma habilidade sua.

— Bem pensado. Mas, se te deixa mais tranquila, venho aqui sempre. — Chegamos até uma mesa que parece estar reservada para nós. O restaurante não é novo, porém, não me lembro de ter vindo aqui antes.

Daniel é um perfeito cavalheiro, puxando a cadeira para eu me sentar. Ele pega o cardápio, parecendo bem à vontade.

— O que gostaria de beber? Um vinho, talvez?

— Não, obrigada, sem álcool pra mim, pretendo voltar ao trabalho. — Pego o cardápio e percebo que ele continua me observando. — Por que está me olhando desse jeito?

— Não faço ideia — responde ele, fechando os olhos por alguns segundos e quando os abre novamente sinto o corpo inteiro estremecer. — Eu simplesmente não consigo parar de te olhar, me desculpe se estou sendo grosseiro.

— Você não me olhava assim quando nos conhecemos — eu o recordo.

— Você não me intrigou tanto quando nos conhecemos — retruca, porém, antes que eu possa falar mais alguma coisa, o garçom chega para anotar nossos pedidos.

Esqueço a história de não beber nada alcoólico, um pouco de vinho não me fará mal. Daniel dá um pequeno sorriso quando peço vinho, ele me acompanha no pedido.

É estranho que já tivéssemos tido algum tipo de contato antes, mas era tudo superficial. *Igual a todos os meus relacionamentos*, penso. Agora, é como se estivéssemos nos vendo pela primeira vez. Vendo de verdade.

Uma taça de vinho se transformou em quase duas garrafas. Daniel conseguiu capturar minha atenção numa conversa sobre *games* e cereais matinais. Quando mencionava o filho, seu amor era contagiante e, muitas vezes, me peguei sorrindo e apenas o escutando hipnotizada.

— A sobremesa está para chegar e até agora não conversamos sobre trabalho — digo, bebendo um pouco. — Você não me trouxe aqui para falar de trabalho, não é? — Tento soar brincalhona, mas o tom de sensualidade é explícito. Droga de vinho.

— Juro que a intenção quando te convidei hoje era essa. — Daniel franze o cenho e pensa um pouco antes de continuar: — Começamos a conversar e então... — Ele passa o dedo indicador na sobrancelha, notei esse movimento algumas vezes durante a conversa no almoço quando dizia algo engraçado e eu sorria, é como se estivesse constrangido. É tão fofo. Droga, não acredito que estou achando um homem *fofo*? Olho para a minha taça de vinho como se isso fosse me ajudar.

— Então? — encorajo-o.

— Então a nossa conversa começou a fluir, e eu confesso que já não me lembrava da última vez que conversei assim com alguém — revela, passando o indicador pela sobrancelha mais uma vez.

— Desde a morte da sua esposa? — Ele para o movimento e me encara por alguns instantes e cobre o rosto com as mãos. Quando as abaixa, exala uma longa respiração e toma mais um gole do vinho.

— Não tenho uma conversa desprestigiada dessas com alguém desde quando me casei.

Sua confissão me pega desprevenida. Não sei se é culpa da quantidade de álcool que bebi – ou algo a mais –, porém, faço uma coisa que também não fazia há muito tempo. Estendo a mão. Não para um cumprimento, ou um aperto de mãos de negócios.

Mas para confortá-lo. Para que saiba que eu o entendo, mais do que ele possa imaginar. Então apenas alcanço sua mão em cima da mesa e ele a segura.

Daniel não me olha nos olhos durante o tempo em que nossas mãos ficam entrelaçadas; ele as observa enquanto o polegar faz movimentos suaves, relaxantes, que ao mesmo tempo fazem minha pulsação acelerar.

Será que ele percebe isso? Será que tem noção do quão importante está sendo para mim esse simples gesto nesse momento?

— Acho que seria capaz de passar a tarde inteira fazendo isso. — Sua voz sai num sussurro, o olhar praticamente hipnotizado na minha mão.

— E eu sinto que permitiria. — A verdade sai dos meus lábios antes mesmo que eu perceba.

— É diferente. — Eu apenas concordo com a cabeça.

Ficamos um pouco nessa mesma posição. Daniel não para de fazer carinho, nem quando a sobremesa chega. Agradece o garçom assim que ele serve duas fatias de bolo de chocolate antes de se retirar.

— Acho que chegamos a um impasse — diz ele, olhando do bolo para a minha mão. — Consegue comer com uma mão? — Sorrio.

— Promete que vai me devolver? Não consigo dirigir a moto só com uma mão. — Daniel para de movimentar o polegar.

— Você não vai sair desse restaurante e subir naquela moto. — Sua expressão é séria. Fico chocada com a tensão que sinto em suas palavras, isso me atordoa e ele percebe. — Nós bebemos, Estela. — Aponta para a garrafa vazia na mesa, a segunda. — Jamais deixarei que dirija uma moto, ou um carro que seja, nesse estado. Porra, não deixaria você subir em uma bicicleta assim. — Ele me dá um sorriso fraco e entrelaça os nossos dedos.

— Acabei me esquecendo disso. — Relaxo.

— Mas eu não. Posso ter bebido um pouco, no entanto, eu te garanto que não vou conseguir esquecer nada sobre o dia de hoje. — Daniel aperta um pouco a minha mão e a leva até os lábios, meu coração começa a bater tão rápido que é como se eu estivesse prestes a pular em um precipício. E, quando os lábios dele tocam a minha pele, eu sinto. Sinto por todo o corpo, e muito mais além, o que esse homem é capaz de fazer comigo. Daniel me fez sentir mais nesse simples beijo na mão, do que qualquer outro que me fez sentir, beijando meu corpo inteiro. Ele ligou todas as minhas emoções que estavam desligadas.

Daniel me fez sentir quando tudo que aprendi foi isolar sensações e emoções. E ele só beijou a minha mão.

CAPÍTULO 9



ESTELA

É fato que estamos bêbados. Se nossas risadas não denunciasses isso enquanto caminhamos na calçada, meu quase tombo certamente seria o suficiente.

— Você está bem? — Daniel consegue me segurar antes que eu caia. Estamos andando pelas ruas sem um destino em particular. Desde que saímos do restaurante, ambos nos recusamos a voltar para o trabalho. Pedi que Dereck pegasse a chave extra da moto e desse um jeito de levá-la à HOAR. Agora, Daniel e eu estamos andando, ou no meu caso, tropeçando. Daniel ligou para a irmã ficar com David.

— Sim, estou. Me desculpe — respondo rindo, ele também me olha divertido. Seu rosto está corado por causa da bebida e eu instintivamente levo a mão até o meu.

— Estou corada? — Ele pisca diante da pergunta sem sentido.

— Vem, vou te levar em um lugar. — Daniel pega minha mão e saímos andando feito dois adolescentes bêbados, falando coisas sem sentido pela 8ª Avenida. Logo chegamos a um lugar que reconheço. — Pela sua cara, você vem muito aqui — comenta um pouco decepcionado, e eu olho em volta.

— Nunca parei aqui, na verdade. Geralmente estou de carro ou moto, e sempre com pressa, muitas vezes passava por aqui quando ia ao apartamento do Cage. — Aponto na direção do Upper West Side. — A pé é a primeira vez — explico enquanto olho o lugar.

Estamos no Columbus Circle, um dos lugares mais lindos de Nova Iorque – a famosa rotatória –, mas que nunca parei realmente para apreciar. Sempre preferi o Central Park, ou shoppings. Daniel me leva até o centro, há um monumento rodeado por fontes. Um jardim bem cuidado, que é tranquilo mesmo estando no meio de toda aquela agitação. Ele senta no chão e eu o acompanho.

— Podemos fazer isso? — pergunto. Posso estar bêbada, só que não ao ponto de querer ser presa.

— Sempre podemos fingir ser turistas perdidos ou algum tipo de religioso que está rezando para o monumento. — Sua resposta me faz rir. — Você fez muito isso essa tarde, sabia?

— Isso o quê?

— Sorriu — diz, simplesmente.

— Eu me diverti e o vinho ajudou. — Dou de ombros.

— Você não parece o tipo de mulher que muda por causa de uma bebida. — Puxo as pernas e abraço o joelho. — Porém você está diferente. Desde aquele dia no hospital, você está mudando. — As três últimas palavras saem sussurradas.

— Você não mudou? — pergunto. No entanto, evito seu olhar, eu olho para a água caindo em cascatas a nossa volta.

— Minha esposa me traía com o irmão do meu melhor amigo — ele começa a pontuar. — Meu melhor amigo sabia e não me contou.

— Ele estava te protegendo — defendo Cage.

— Uma mulher que tinha acabado de chegar à cidade notou isso em alguns minutos durante um jantar. — Dessa vez eu o encaro. Droga, ele está falando de mim. — Eu vivia uma mentira, Estela. Acho que agora que estou vivendo a vida real, as pessoas acham que mudei.

— Sinto muito por não ter dito nada.

— Não sinta, nós trocamos meia dúzia de palavras na época — comenta ele. — Como você soube? Não só da Libby e do Luke, mas sobre a Erin, também. — Enrijeço. — Passei anos convivendo com ela, Estela. Anos! — Ele passa a mão no cabelo e olha ao redor. — Como não percebi que a mulher que eu conhecia desde sempre estava passando por tudo aquilo?

Respiro fundo, orando para que as palavras saiam da minha boca e não se transformem em lágrimas. Falar dessas coisas assim não é fácil e estamos praticamente no meio da rua.

— Quando uma mulher passa por algum tipo de violência, às vezes, não reagimos na hora. As coisas são confusas, você não sabe o que está errado, se está errado. Você acredita que é a culpada de tudo, e então, você apenas pega isso e esconde. Esconde a revolta, a raiva, a vergonha, a decepção e a culpa. — Olho para ele e Daniel está atento a cada palavra minha. — Você até tenta acreditar nas pessoas, Daniel. Na bondade, tenta confiar, mas às vezes não existe essa bondade. Há apenas dor, decepção e mais culpa.

— O seu padrasto — Meu corpo enrijece com a menção dele. — Ele batia em você? — Daniel pergunta com cuidado.

Penso por um instante nisso; eu poderia mentir. Poderia dizer que sim, deixá-lo acreditar que fui vítima desse tipo de violência. Olho em volta sem

saber o que responder. Até que um movimento chama minha atenção.

Uma garota, que não deve ter mais de dez anos, está andando de mãos dadas com dois homens. Eles conversam felizes, sorriem, e a garota também sorri, fazendo gestos com as mãos mostrando o lugar.

Daniel acompanha meu olhar, ele não diz nada enquanto observamos a interação. Percebo que se trata de um casal, pela forma carinhosa com que eles se olham e a ouço chamá-los de “papai”. Uma família, que não é vista assim por muitos, que é tida como disfuncional por causa de preconceito. Eles estão ali, segurando a mão da menina, protegendo-a. Enquanto que muitas famílias tradicionais estão em seus lares agora; com as mães preparando o jantar, o pai chegando do trabalho e a filha aterrorizada, com medo de descer.

Medo de ser tocada indevidamente, de dormir e ser acordada no meio da noite. Medo que a sua mãe precise ir até o mercado comprar algo para o jantar, e que assim que a porta se feche, a pessoa que – supostamente – deveria ser o símbolo de proteção, de zelar por você com todo pai faz, suba para o quarto para estuprar a garotinha de oito anos.

Olho para Daniel que está esperando pacientemente pela minha resposta. Volto o olhar para a família que está completamente alheia às minhas lembranças. Então sinto o toque de sua mão na minha, mas sei que ele merece mais do que um aceno de cabeça para concordar com outra mentira. Daniel viveu isso por muito tempo, ele merecia mais de mim agora. Mesmo aqui, sentada no chão de cimento, em um fim de tarde e com a mente nublada de álcool, ele merece a verdade.

— Meu padrasto não me batia, Daniel. Ele me violentava.

Observo seu rosto empalidecer, eu mesma estou surpresa com a minha coragem em contar a verdade. São poucas pessoas que sabem, porque na época que tentei falar, minha voz foi silenciada de diversas maneiras.

Lembro nitidamente quando contei ao psicólogo da escola tudo que estava acontecendo comigo, ele chamou minha mãe e eu apanhei o suficiente em casa para aprender a ficar calada.

— Estela... Eu...

— Não precisa dizer nada, Daniel. — Olho para a criança e seus pais. — Tenho quase trinta anos, acredite em mim; já ouvi o bastante a respeito desse assunto ao longo da vida.

— Por isso aquela reação na varanda? — Ele lembra o episódio que eu quase surtei com a sua aproximação.

— Pode-se dizer que sim.

— Não fazia ideia — fala como se estivesse se desculpando.

— Como eu disse antes, as pessoas compram o que vendemos, Daniel.

Só enxergavam a Estela que eu queria que elas vissem.

— E agora... — Ele se movimenta para ficarmos frente a frente e estende a mão, eu a seguro. — Como quer ser vista, Estela?

Penso em sua pergunta, gostaria de ser vista de tantas formas, mas não sei se um dia conseguirei definir como realmente desejo. Nunca me senti tão superficial.

— Tenho medo de ter chegado a um ponto em que não posso ser reparada. — Respiro fundo e olhou em seus olhos. Nossa, seu olhar é tão intenso que me desequilibra. — Houve um tempo em que me sentia bem, sabe? Tinha uma vida, relacionamentos, só que aí...

— Luke — Daniel pronuncia o nome como se fosse uma maldição.

— Sim, e antes que me pergunte, Luke não me tocou de forma sexual, no entanto... — Olho para o céu que agora está nublado. — Ele me fez perceber que a minha felicidade não era verdadeira, Daniel. Que ainda não era eu mesma, que tudo não passava de uma carcaça frágil. Uma que ele facilmente quebrou.

— Você é a mulher mais surpreendente que eu já conheci, Estela.

— Sou o que eu quero ser, Daniel. Sendo obstinada, sei o meu lugar, mas acredite, há muitas coisas a meu respeito que não vai querer descobrir.

O som de um trovão nos faz olhar para o céu. Não espero por ele, solto sua mão e me levanto. Acho que essa tarde foi bastante intensa, não preciso de mais.

— Posso te levar pra casa? — oferece.

— Acho que você deveria voltar e cuidar do seu filho, ficarei bem.

— Não sei se *eu* ficarei, se não te deixar em casa. — Ele se aproxima e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, sinto seu polegar roçar de leve meu rosto, e meu corpo não se retrai. — Nós bebemos, conversamos coisas que provavelmente não falamos todos os dias. — Eu sorrio. — Me deixe te levar pra casa, não preciso descer do táxi.

— Você não aceita um “não” como resposta, não é mesmo? — brinco.

— Aceito todos os “nãos” que quiser me dar, desde que não comprometa sua segurança, pode ter certeza de que os aceitarei. Caso contrário, vou argumentar com você, jamais forçar.

Suas palavras me penetram profundamente. Engulo em seco tentando conter as lágrimas. Maldito vinho.

Conseguimos pegar um táxi antes da chuva cair, passo meu endereço para o motorista enquanto Daniel envia mensagens no celular. Em algum momento durante o trajeto, eu fecho os olhos e me permito relaxar um pouco.

— Estela? — Ouço uma voz chamando meu nome, tão longe... e tão familiar. — Chegamos na sua casa. — A voz continua, mas me recuso a abrir os

olhos. — Estela? Você está bem?

— Acho que não — murmuro.

— Acho que o vinho fez efeito enquanto você dormia. — A voz dele parece divertida. — Vem, vou te ajudar a sair.

Sinto meu corpo ser erguido, braços fortes me seguram contra um peito caloroso. Uma sensação tão familiar que eu me agarro a ela. A sensação de segurança, um cheiro que nunca me esqueci.

Escuto ele dispensar o motorista, depois seus passos, e percebo quando ele toca a campainha. É o último som que ouço antes de apagar.

CAPÍTULO 10



DANIEL

Acho que fazia tempo que não tinha uma tarde como essa. Não, se eu for sincero, nunca tive uma tarde assim. Tudo que aconteceu e o que a Estela contou, me levou a uma espiral de emoções.

Estava chocado, com raiva e com muita vontade de beijá-la até apagar suas dores. Mas eu sabia que essa última parte não seria possível, principalmente com ela desacordada em meus braços.

Mais uma vez, Estela estava nos *meus* braços, sob os *meus* cuidados. Pode parecer louco, no entanto, eu queria mantê-la assim para sempre. Protegida. Onde nenhum filho da puta pudesse machucá-la.

— Santo Deus! — Um homem praticamente grita assim que abre a porta. — O que você fez com ela? — Ele leva a mão ao peito, mas seu olhar é feroz.

— Eu a trouxe; ela dormiu no táxi, nós bebemos um pouco e...

— Você a embriagou? Misericórdia!

— O quê? — pergunto chocado. — Você entendeu errado. — Ele cruza os braços e me encara.

— Você tem alguns segundos antes da fera aparecer, e se ele te vir com a Estela nos braços desse jeito, fará picadinho de... Como é mesmo o seu nome? — Esse cara só pode ser maluco.

— Daniel — respondo.

— Certo. Comece a explicar, Daniel. — Ele olha para trás e eu sigo seu olhar ao mesmo tempo que Estela geme e abre os olhos.

— Oi — sussurra, meio grogue e eu sorrio.

— Oi. Já estamos na sua casa, quer que te coloque no chão? — Ela nega com a cabeça, e o homem parece perplexo.

— Me leva pra cima? — pede, só que antes que eu consiga responder, ela fecha os olhos novamente se aconchegando contra o meu peito.

— Posso? — pergunto ao homem paralisado na porta. Ele olha da Estela para mim como se não acreditasse no que estava vendo.

— Mostrarei o caminho. — Ele abre passagem para que eu possa entrar.

— E, a propósito, eu me chamo Javier, mas não o cumprimentarei formalmente até saber de que buraco saiu — avisa pisando duro na minha frente, no que eu suponho que seja o caminho para o quarto da Estela.

Logo que chegamos ao quarto, eu paro; tem um cachorro enorme me encarando.

— Daniel, apresento você ao demônio. — Ele aponta para o cachorro que me encara com curiosidade. Eu hesito.

— Isso é... Esse cachorro é do tamanho de um monstro! — exclamo surpreso.

— Tenho a impressão de que nos daremos bem. — Javier bate nas minhas costas e chama o cachorro para fora. Antes de sair, ele fareja a perna da Estela e gane, como se quisesse a atenção da dona. — Vem, Bradok! Ela está em outra dimensão agora. — Javier pega a coleira dele. — Deite-a na cama, e só.

Ordena antes de sair do quarto levando o “cachorro-monstro”. *Sério que ela tem um cachorro desse tamanho?*

Faço como Javier disse e a coloco na cama. Quando a deixo confortável, tiro seus sapatos e sento ao seu lado. Toco o rosto dela, fazendo pequenos movimentos com o polegar. Ela parece gostar, pois suspira quando a toco. Sorrio ao ver isso. Mesmo que seja inconsciente, Estela gosta do meu toque.

Observo seu rosto, ela é linda. Quando a conheci, Estela era do tipo de mulher que sabia o quanto era bonita. Mas com os cabelos negros, ela tem uma beleza misteriosa. Instigante. Como se somente começasse a se revelar agora.

Penso no que me disse mais cedo, de como era somente uma casca. Talvez ela tenha razão, Luke pode ter quebrado aquela casca, mas o que tem por dentro é muito melhor, mais bonito. Mais forte.

Quero conhecer essa mulher, a verdadeira Estela. Misteriosa, quebrada. Quero juntar todas as peças do quebra-cabeça que é essa mulher. E não deixarei uma peça fora do lugar, até que ela esteja inteira.

— Como eu gostaria de conversar com você nesse momento — murmuro enquanto ela dorme. Minha mão acaricia seu cabelo. — Por que tenho a sensação de que tem muito mais a dizer? — pergunto, mas ela não se move.

— Seu táxi chegou. — Paro de tocar o cabelo dela quando escuto Javier falar.

— Não pedi um. — Fico confuso, não pedi nenhum táxi.

— Eu sei, mas pedi pra você. De nada. — Ele se aproxima da cama. — Pode ir, cuidarei dela.

Olho para Estela adormecida, e por um instante, não quero deixá-la até ouvir sua voz e ter certeza de que está bem.

— Tem certeza? Posso ficar, caso precise de alguma coisa.

— Certeza absoluta, eu já cuidei dela em estados bem piores — responde. — Claro que em nenhum deles, ela chegou nos braços de um homem do seu tamanho. — Sua mão faz um movimento para cima e para baixo. — Mas isso é um mero detalhe que eu perguntarei a ela assim que acordar.

— Tudo bem. Posso deixar um bilhete pelo menos? — Ele revira os olhos e vai até o que eu acredito ser o *closet*.

— Aqui. — E me entrega papel e caneta.

— Obrigado. — Pego o papel e escrevo um bilhete. Nada demais, porém, acredito que ela vá entender quando o ler.

Dobro-o e coloco em cima do travesseiro ao lado dela. Javier observa meus movimentos feito uma águia. Tiro uma mecha de cabelo de seu rosto, e beijo a testa. O calor da pele dela faz meu corpo formigar.

Javier me acompanha até a porta, no entanto, acredito que faça isso apenas para ter certeza de que estou indo embora. É engraçado, e ao mesmo tempo, tranquilizante saber que ela tem alguém que zela pelo seu bem-estar.

Entro no táxi e passo meu endereço. Com a cabeça a mil por hora, não sei como lidarei com isso quando estiver sóbrio, mas uma coisa é certa: eu quero vê-la de novo. Quero mais conversas aleatórias, mais sorrisos... Eu só quero mais.

CAPÍTULO 11



ESTELA

Acordo com uma dor de cabeça familiar, porém, nada bem-vinda. Droga! Já estava desacostumada a dormir embriagada. Passo a mão pelo corpo, um movimento automático que adquiri ao longo dos anos, não importa como ou com quem eu acorde, sempre passo a mão pelo meu corpo.

Estico os braços e minha mão toca um pedaço de papel. Viro para olhar e percebo que é um bilhete. Não está assinado, e nem precisa, somente uma pessoa me diria isso.

Há muito mais dentro da carcaça quebrada. Mais beleza, mais força. Mais de você.

Levo o bilhete até o peito e um soluço escapa dos meus lábios. Odeio esse estado de fragilidade e dependência. Quanto mais lágrimas rolam pelo meu rosto, mais percebo o quanto estou sozinha. E o pior, começo a questionar se quero mesmo continuar assim.

Passo um bom tempo na cama até que Javier entra no quarto com uma bandeja na mão. Seu olhar em primeiro lugar é de compaixão, mas logo é substituído por censura.

— Não começa — aviso conforme ele se aproxima da cama e eu me sento.

— Quem disse que eu ia dizer alguma coisa? — Javier se dá ao trabalho de parecer ofendido.

— Não ia? Jura que ia ficar calado?

— Bom, já que perguntou... — Ele senta ao meu lado, colocando a bandeja no meu colo. — O que deu em você ontem, Estela?

— Não aja como se fosse a primeira vez que chego em casa bêbada. — Reviro os olhos e pego a aspirina e a água.

— Longe disso, não me importo se chega em casa cantando “Gangnam Style”, e por favor não faça isso, mas já faz um bom tempo que você não “festejava”. — Ele dá ênfase à palavra. — E o mais importante, minha linda,

nunca chegou carregada por um desconhecido.

— Daniel não é um desconhecido. — Tento defender, no entanto, não o olho nos olhos.

— De tudo que eu falei você só prestou atenção nisso?

— Javier. — Suspiro. — Eu sei que está preocupado, só que Daniel é apenas um amigo e eu confio nele, não sou imprudente ao ponto de me colocar em situações de risco. Você sabe que eu sei diferenciar.

— Sei que sabe se cuidar, e estou feliz que esse Daniel é confiável, mas não é exatamente isso que me preocupa, e sim o que está acontecendo aqui. — Ele bate na minha cabeça.

— Ai! — reclamo. — Isso doeu.

— Querida, me dê dinheiro, não intimidade. E você me deu os dois. Agora, nunca mais me assuste daquela forma ou ligarei para o seu avô. — Gemo com a ameaça. — E, por favor, me conte tudo daquele *bofe*, onde você o escondeu esse tempo todo?

Sorrio, Javier é a melhor pessoa que eu conheço.

— Sinto muito, mas acho que nosso momento fofoca ficará para outra hora. Preciso de um banho. — Coloco a bandeja de lado e começo a levantar.

— Tudo bem. Ah, já enviei uma mensagem para Isla avisando que você estava indisposta e que não iria trabalhar hoje.

— Mas...

— De nada. — E o petulante ainda tem a audácia de dar uma piscadinha.

E assim ele pega a bandeja mal tocada e sai do quarto. Fico perplexa o olhando sair triunfante. Não consigo segurar a risada, Javier tem muitos defeitos, *muitos*, porém, cuida de mim como ninguém. Ele sabe do que eu preciso antes de mim.

Olho para o bilhete que ainda estou segurando e o coloco dentro da gaveta no criado-mudo ao lado da cama. Em seguida, vou até o banheiro, não me surpreendo ao encontrá-la pronta. Javier deve ter entrado no meu quarto mais cedo e deixado tudo em ordem. Por mais que eu brigue com ele, acho que não sei viver sem seus cuidados.

Tiro a roupa e observo meu reflexo no espelho. Prendo o cabelo em um coque e quando uma mecha se solta, o simples movimento de colocá-la no lugar, faz lembranças que haviam sido enterradas voltarem à tona.

Mamãe saiu novamente, disse que precisava resolver algo no banco. Não gostava quando ela saía, seu novo marido sempre me olhava e sorria, mas o sorriso dele não era bom, não me deixava alegre.

O sorriso dele me deixava apavorada.

— Ayra? Vem aqui — ele me chama, eu estava brincando no tapete da

sala com as minhas bonecas. — Ayra! — grita meu nome e eu sei que não posso mais fingir que não escuto.

Pego uma das bonecas e aperto firme. Talvez ele só queira perguntar alguma coisa. Será que está procurando sua caneca favorita?

— Aí está você! — Sorri ao me ver. Não gosto desse sorriso, aperto a boneca mais forte. — Quer aprender uma coisa nova hoje? — Sua mão grande vai até o meu cabelo e afasta uma mecha que estava no rosto. Os dedos dele são ásperos.

Não gosto desses dedos.

— Tenho que estudar. — É o que consigo dizer, ele ainda está com a mão no meu cabelo.

— Isso é bom, tenho uma lição para você. Quantos anos fez ontem, Ayra?

— Nove.

— Acho que está na hora de aprender algumas coisas. — Ele começa a abrir a calça e eu dou um passo para trás. — Não precisa ter medo, lembra de como eu toco em você?

Minha cabeça balança, negando. Mas eu lembro, lembro dos seus dedos ásperos em mim.

— Não lembra? — pergunta curioso, dou mais um passo para trás e ele levanta tão rápido que a cadeira cai. Sua mão vai direto para minha cabeça, ele segura a mecha com força. Abafo um grito. Sei que se eu gritar, ele vai me bater. — Acho que você precisa relembrar, então. — Sua mão desce até a barra do meu vestido, e começa a subir, subir, subir... Sinto dedos ásperos subirem mais... e mais... Respiro fundo e fecho os olhos, e mentalmente começo a vagar em outro mundo...

Era uma vez, uma princesa...

Estou tremendo ao encarar meu reflexo no espelho. O rosto vermelho é o retrato da dor, da vergonha e de muita mágoa. Levo a mão até o cabelo e reúno tudo, puxo tão apertado que um pequeno som agoniado de dor sai dos meus lábios. Dessa vez, eles permanecerão no lugar.

Passo a mão entre as coxas, onde aquelas mãos imundas tantas vezes passaram, há algumas cicatrizes nelas, bem finas e imperceptíveis. Conheço cada uma delas, porque fui eu que as coloquei ali.

Já faz muito tempo que não tenho esses impulsos; a terapia estava dando certo, minha vida estava dando certo, até que todos os meus esforços foram reduzidos a nada.

Eu não era a mulher de um ano atrás, não sou a mulher que vejo no espelho agora. Não sou a pessoa forte que Daniel pensa que sou.

— Quem sou eu? — pergunto para o reflexo.

Respiro fundo algumas vezes e olho para a gaveta no armário. Um brilho me atrai igual a uma mariposa é atraída pela luz. Uma lâmina. Volto a respirar profundamente antes de abrir a gaveta.

Mas ela não chama por Estela. A lâmina chama por Ayra.

Eu a pego, fecho os olhos e começo a imaginar.

Era uma vez, uma princesa...

CAPÍTULO 12



ESTELA

Pulo soltando a lâmina no chão quando um latido do lado de fora do banheiro me assusta. Em seguida, um barulho na porta me faz recuar.

— Vai embora, Bradok! — grito. Ele não obedece, o que não é nenhuma novidade.

Bradok arranhará a porta e latirá até que eu abra, não é a primeira vez que ele faz isso, sua carência por atenção já me salvou algumas vezes.

Olho para a lâmina largada no chão, ela não chegou a cortar minha pele, mas foi por pouco... Mais um latido alto, seguido de arranhões desesperados na porta, me fazem gemer, ele vai derrubá-la se eu não abrir.

— Você sabe que estou no banheiro, né? — Pego a toalha para me cobrir e abro a porta, ele entra sentando na minha frente. — Aqui é um lugar privado — resmungo, porém, o cachorro me ignora por completo. — Sai, Bradok. — Aponto para fora, ele apenas olha a porta aberta e deita no chão.

Obviamente, sua intenção é só sair quando eu sair. De preferência viva. Mas a lâmina não era para me matar, nunca foi. Já tive tentativas frustradas de suicídio por uma vida toda, a lâmina é só para mudar o foco da dor, tirá-la de dentro de mim e trazê-la para fora. Onde sei que consigo lidar.

Guardo a lâmina de volta na gaveta e vou para a banheira, fecho os olhos quando entro na água morna e me permito relaxar. Bradok continua deitado impassível no tapete, um pequeno sorriso surge em meus lábios enquanto sussurro “bom garoto”.

Fico mais de meia hora imersa na banheira sendo vigiada por um cachorro, quando saio do banho, ele acompanha meus passos subindo na cama como se fosse o dono do lugar.

— Você é o cão mais folgado que eu conheço — digo a ele e vou me vestir.

Quando estou pronta, pego o celular e verifico se tenho alguma mensagem. Vejo que Daniel enviou uma para saber se estou bem, decido não

responder. Nosso encontro de ontem foi um erro que não pretendo cometer novamente. Não foi o álcool que me fez contar sobre o meu padrasto. Foi o seu olhar, a maneira como me sinto próxima a ele.

Daniel me deixa vulnerável, e eu jurei que nunca mais seria esse tipo de mulher.

— Pensei que fosse passar o dia na cama — comenta Javier assim que entro na cozinha.

— Meu período de lamentação já acabou, preciso trabalhar. — Vou até o fogão e olho o molho que ele está fazendo, o cheiro está divino.

— Cadê a cria do demo? — Javier pergunta de Bradok.

— Deitado na minha cama. — Abro a geladeira e pego uma garrafa de água e uma lata de energético; acho que vou precisar.

— Eca! Como pretende transar naquela cama fedendo a cachorro? — Sorrio.

— Já que não pretendo levar ninguém lá, acho que ficarei bem. — Pisco e sento no balcão. Javier me lança um olhar reprovador, só não sei se é porque me sentei aqui ou pela minha resposta. Acredito que por causa de ambos.

— E o bofe? — fala como se fosse uma pergunta a respeito do tempo, ele vai até a panela e começa a mexer no molho, meu estômago ronca quando o cheiro toma conta da cozinha.

— Vai me dizer o que está fazendo?

— Vai continuar se fingindo de sonsa e não me contará sobre o Daniel? — retruca, apontando a colher de pau na minha direção.

— Daniel é sócio do Cage, nos conhecemos há um ano.

— Então... Ele tem a ver com a sua mudança radical no cabelo? — Volta a mexer na panela. Toco no meu cabelo e enrolo uma mecha entre os dedos, observando a cor.

— Ele estava lá — confesso.

— E não vai me dizer o que aconteceu entre você e Daniel naquele dia? — Javier não vira para me encarar, apenas continua com seus afazeres culinários. Esse é o fato que mais amo nele.

— Não acho que vale a pena remexer no passado.

— O passado não se apaga, Estela. Não é escrito a lápis para podermos apagá-lo quando quisermos.

Ele tem razão, e quando paro para pensar nisso é doloroso, porque o meu passado não é feito de palavras bonitas. É feito de sangue, lágrimas e decepções.

— Você sabe que estou tentando. Tenho ido à terapia, como sempre fui, aliás.

— Não sei se é o momento de terapia, pelo menos não da forma que está

fazendo. — Ele coloca um prato na minha frente e serve macarrão. — E como tenho quase certeza de que não facilita para a sua terapeuta, eu acredito que esteja gastando à toa.

Droga, ele está certo.

— Por que está me pressionando tanto? — pergunto, não que esteja chateada, apenas curiosa. Esse não é o seu *modus operandi*.

— *Cariño...* — Ele coloca o molho e eu suspiro ao ver meu prato favorito. Almôndegas. — Não estou pressionando. Estou reconhecendo os sinais, e não quero te ver como antes. — Engulo em seco tentando controlar as lágrimas. — Achei que você merecia uma refeição especial. — Javier aperta meu ombro e beija minha cabeça.

Seguro o garfo na mão e encaro o prato. Logo que o contratei para trabalhar comigo, contei que minha comida favorita era almôndega. Ele não faz sempre, só quando acredita que eu preciso de uma atenção especial. Ele sempre acerta, mas há algo que nunca contei.

Esse era o prato que a minha mãe sempre fazia para mim antes do meu padrasto entrar em nossas vidas. Quando ela era a minha mãe e eu a sua filha. Quando éramos só nós duas, e eu era o centro do seu mundo.

Como tudo em silêncio e depois coloco o prato e os talheres na máquina de lavar. Javier foi cuidar de seus afazeres, então pego minha bolsa e celular, e vou para a HOAR. No caminho, envio uma mensagem para minha terapeuta.

Hora de levar a sério as minhas sessões.



Dois dias se passaram e era quase como se tudo tivesse voltado ao normal; meu trabalho me consumia, Javier voltou à sua implicância rotineira com Bradok, mas havia algo fora do comum, fora da minha zona de conforto.

Daniel.

Seus e-mails eram todos referentes ao trabalho, então Joy era quem os respondia. Agora as mensagens no meu celular, essas eram perturbadoras, e o pior, era que eu gostava de respondê-las, a maior parte delas tinham duplo sentido. O bilhete que ele deixou continuava na minha gaveta, perdi as contas de quantas vezes o reli. Ao acordar, antes de dormir. Aquelas palavras haviam se tornado meu novo mantra.

— Dereck quer ir num bar novo que inaugurou aqui perto. Topa? — Isla entra na minha sala e eu afasto os olhos do monitor.

— Não sei se estou no clima para bar.

— Vamos, Estela. Só nós três, como nos velhos tempos. — Ela senta na

cadeira a minha frente e começa a citar todos os motivos para me fazer ir.

— Alguém já te disse que você deveria ser advogada? — brinco.

— Sou sua melhor negociadora, meu bem! Aceite isso.

— Você é um perigo ambulante, isso sim. Dereck sabe mesmo onde está se metendo quando te pediu em casamento?

— Não pediria se não soubesse. — Ela pisca. — Então, isso é um sim? Vai com a gente?

Eu me lembro da última vez que bebi... Bem, o estado que cheguei em casa não foi dos mais louváveis.

— Certo, mas não beberei.

— Está de moto? — questiona.

— Não, na verdade, eu vim de táxi.

— Excelente! — vibra. — Quem sabe não consegue carona com um gostosão?

— Não pego carona com estranhos. — Começo a rir enquanto desligo o computador.

— Com algumas horas de conversa, você pode descobrir até a terceira geração do cara. — Ela levanta. — E, por favor, há quanto tempo que não sai com alguém? Ou namorou? Juro que não lembro qual foi a última vez, não que você seja do tipo que namora. Mas sério, Estela, há quanto tempo que não transa?

Séculos, eu penso.

— Isso é mesmo relevante?

— Nem um pouco. — Isla ri. — Só que sexo nunca fez mal a ninguém.

Ela pega minha mão e saímos da sala. Sim, sexo nunca fez mal – quando é desejo de ambos.

Encontramos Dereck na saída, e assim que ele nos vê, seus olhos se iluminam. Meu amigo pode trabalhar diariamente com a noiva, mas sempre que a vê, ele a olha como no dia em que a conheceu. Sei disso porque eu estava presente naquele dia. Sinto uma pontada de inveja quando ele se inclina para dar um beijo casto nos lábios dela, a forma com que passa a mão no rosto da Isla é de puro carinho.

O movimento me faz lembrar de Daniel. Afasto esses pensamentos imediatamente. Não, Daniel está fora dos limites.

A caminho do bar, Isla e Dereck conversam entre si enquanto fico tentando achar algum defeito em Daniel, algo que me faça odiá-lo. Além do homem ter sido casado com uma vagabunda manipuladora e interesseira, ele é perfeito.

— Droga! — resmungo.

— O que disse? — pergunta Isla, acho que resmunguei alto demais.
— Nada, esqueci de avisar Javier que chegarei tarde.
— Manda uma mensagem, ou aquele espanhol colocará pimenta no seu café — brinca, e cai na risada.

— Mexicano... Javier é Mexicano — eu a corrijo. Não sei quantas vezes preciso repetir a nacionalidade do Javier, no entanto, acho que ela ignora isso porque sempre erra. Inclusive na presença dele, o que já gerou uma boa dose de pimenta no café, dela.

— Certo, mesmo assim, eu adoro aquele cara.

Quando penso em contrariá-la, chegamos ao bar. O lugar parece estar cheio, o que não é surpresa, pois é final de expediente de uma sexta-feira e Nova Iorque inteira parece precisar de uma bebida.

Entramos e Dereck encontra uma mesa vazia, nós nos sentamos e logo somos atendidos. “Onion Rings” e três garrafas de cerveja é o nosso pedido. Acho que uma cerveja não fará mal. Envio uma mensagem para Javier avisando que saí com Isla e Dereck, e antes de guardar o celular, ele vibra com outra mensagem.

Qual a chance de tomarmos uma taça de vinho agora?

Sorrio com a mensagem, Daniel é direto. Digito uma resposta e envio.

Zero chance, saí com Isla e Dereck.

— Com quem você está conversando? — Isla pergunta.

— Ninguém — minto, mas ela não engole.

— Está sorrindo feito boba para o celular, sabia? — Volto a sorrir e nosso pedido chega. Pego minha cerveja e tomo um gole.

— Você está muito curiosa, sabia? — respondo e meu celular vibra de novo.

Adoro quando você sorri.

Leio a mensagem duas vezes para ter certeza de que li certo, depois olho em volta. Não consigo encontrá-lo, mas, com certeza, está aqui, afinal como saberia que estou sorrindo?

Se comer esses “onions”, não vou te beijar hoje.

Outra mensagem chega e eu abafa uma risada. Dereck e Isla me olham

com curiosidade.

— O quê? — Finjo inocência, pegando um e o como. Meu celular vibra.

Droga, lá se foi meu plano de beijar você hoje.

— Acho que tem alguém que está de “conversinha” pelo celular — cantarola Isla. Nossa, parece uma adolescente.

— Eu tenho certeza — Dereck endossa e os dois dão risada. — Por que não o convida pra vir aqui?

— Não estou de conversa com ninguém, tá certo? — Pego o celular e o jogo dentro da bolsa. — Pronto, sou toda de vocês. — Isla me encara desconfiada.

— Me deixa ver seu celular — pede.

— O quê? Nem pensar.

— Sou sua melhor amiga, melhores amigas fazem essas coisas.

— Desde quando? — Dereck entra na conversa, e eu e Isla olhamos para ele. — Ela não vê as mensagens que trocamos, né? — pergunta para Isla parecendo preocupado.

— Ah, eu vejo sim. Todas, cada “nude” — brinco e Isla começa a rir, Dereck fica vermelho.

Meu celular vibra dentro da bolsa, e eu e Isla a olhamos ao mesmo tempo. Ela é rápida em alcançá-la. Nesse instante, eu me arrependo do nosso nível de amizade, porque ela pega o celular, digita a senha e *voilà*.

— UAU! — exclama e olha em volta. — Onde ele está?

— Não faço ideia.

— Ele quem? — pergunta Dereck, mas antes de termos a chance de responder, Daniel aparece com um sorrisinho e uma garrafa de cerveja na mão.

— Boa noite — ele nos cumprimenta, sem tirar os olhos dos meus. Isla coloca o celular na minha mão e eu noto que ela não visualizou a última mensagem. Olho surpresa para ela que pisca, toda cúmplice.

— Senhor Marshall. — Dereck levanta e aperta a mão de Daniel.

— Pode me chamar apenas de Daniel. — Ele é simpático.

— Nesse caso, me chame de Dereck. — Eles apertam as mãos e Daniel faz o mesmo com Isla. Quando eu me levanto para o cumprimentar, ele me surpreende. Daniel não aperta minha mão, ele me beija no rosto.

— Quer sentar com a gente? — Isla pergunta e eu me controlo para não chutá-la por baixo da mesa. Daniel olha na minha direção, como se pedisse permissão e dou apenas um aceno leve com a cabeça.

— Obrigado. — Dereck abre espaço para ele se sentar.

— Está sozinho? — Minha amiga começa com a chuva de perguntas, eu me encolho.

— Agora estou. Quero dizer, vi vocês quando estava indo embora, minha companhia precisou ir embora mais cedo. — Engasgo com a cerveja.

Não acredito que estava me enviando mensagens, acompanhado. Mas que cretino.

Mantenho a postura enquanto os três engatam em uma conversa bastante empolgada sobre futebol americano. Nunca odiei tanto o esporte como agora, e nem comi tanto onions.

— Eu amooo essa música — Isla grita animada. — Vem, Estela! Vamos dançar! — Ela estende a mão.

— Passo. — Ergo o braço, mostrando minha cerveja.

— Dereck? — choraminga e ele a acompanha.

— Não quer dançar? — pergunta Daniel e arrasta a cadeira para mais perto.

— Como eu disse antes, passo. — Tomo um gole da cerveja e mantenho o olhar na pista de dança.

— Quanto já bebeu?

— E faz diferença? — Olho para ele.

— Faz, já que estou morrendo de vontade de te beijar desde que a vi sorrir hoje. Portanto, sim, faz muita diferença.

— Por que sua companhia te deixou na mão? — Ele ri.

— Não que eu tenha algo contra, mas Jared não faz o meu tipo.

— Jared?

— Meu treinador, e amigo. — Daniel me encara aguardando a minha reação. Não sei o que dizer, era claro que reagi igual a uma mulher ciumenta.

Maravilha.

— Então, quanto já tomou?

— Duas garrafas. E você?

— Uma. — Mostra a garrafa e percebo que é a mesma que estava segurando quando chegou à nossa mesa.

— Comi onions, muitos — aviso na tentativa de mudar o foco.

— Eu acho que você, Estela, é a exceção para todas as minhas regras. — Daniel coloca a garrafa na mesa e estende a mão, eu a pego. — Essa música tem uns cinco minutos de duração, já se passaram dois. Tenho só mais três minutos para te beijar antes de sermos interrompidos.

— Nesse caso, é melhor não perdermos tempo.

Daniel sorri com a minha resposta. Não fecho os olhos, nem ele. Ficamos nos encarando o tempo todo até nossas bocas se tocarem. Ele fecha os olhos e

leva uma das mãos até a minha nuca.

É o beijo mais gentil que já recebi. Daniel é paciente, nossas línguas brincam uma com a outra. Não há pressa nesse beijo.

Minha pele arrepia cada vez que sua língua acaricia a minha, seus dedos tocam meu cabelo com ternura enquanto eu me rendo ao beijo mais intenso – e ao mesmo tempo – mais gentil da minha vida.

— Se relaxar, posso melhorar ainda mais esse beijo — diz ao se afastar um pouco, eu nem sabia que estava tensa. Então, ele beija o canto dos meus lábios, uma, duas, três vezes.

— Me mostre. — Ele para e me olha nos olhos, suas mãos seguram o meu rosto.

— Tem certeza? Não precisamos fazer isso, estou muito bem com beijos.

— Se eu disser não... quando estivermos quase...

— Eu paro — responde sem hesitar, olho na pista de dança e vejo que Isla e Dereck estão voltando. Eu me afasto de Daniel quase que instintivamente. Ele percebe o motivo e não questiona.

Estamos os quatro juntos de novo, conversando como se os últimos minutos não tivessem acontecido. Mas aconteceram, eu sinto aquele beijo por todo o corpo, e pela forma com que flagro Daniel me olhando enquanto conversamos, também acho que sente o mesmo.

Ele não bebe mais, em vez disso, pede um refrigerante. Eu o acompanho e somos motivos de piadas para Isla e Dereck, mas isso não importa, eu sei o verdadeiro motivo disso. Queremos estar sóbrios quando sairmos daqui.

CAPÍTULO 13



DANIEL

Estou verificando a mensagem da Manu enquanto Estela se despede de Isla e Dereck, aproveitamos e avisamos que a levarei embora. Nem preciso mencionar que Isla deu um aperto não muito amigável na minha mão, como se estivesse me dando um aviso. Sorri com o gesto. Será que a Estela se dá conta de que tem tantas pessoas que se preocupam com ela?

— Pronta? — pergunto para Estela quando seus amigos entram no táxi.

— Sinceramente? — Afirmo com a cabeça. — Não faço ideia, mas gostaria de descobrir.

— Nosso carro chegou. — Aponto para o veículo que estaciona na nossa frente — Se quiser, posso te acompanhar até a sua casa.

— Você colocou o seu endereço como destino?

— Sim.

— Ótimo, desconfio que o meu cachorro não ia nos deixar em paz. — Ela sorri e pega a minha mão, me levando em direção ao carro. E eu deixo, tenho certeza de que ela precisa disso por tudo que me contou, sei que ela precisa estar no controle.

Nossas mãos ficam unidas durante todo trajeto até o meu apartamento. Ela não parece incomodada ou nervosa, porém, desconfio que seja apenas uma máscara; uma que está acostumada a usar, onde não demonstra o que realmente está sentindo.

Quando saímos do carro, eu a conduzo com a mão na parte inferior de suas costas. É um toque simples, mas que me deixa querendo mais. Ela não está vestindo nada sensual, no entanto, desde o momento que a vi no bar, eu desejei tirar cada peça de roupa do seu corpo. Se isso me faz uma pessoa ruim? Não faço ideia. A única certeza que tenho é o quanto ela me intriga e o quanto eu a quero.

— Seu apartamento está uma bagunça — comenta ao entrarmos, olho em volta e estremeço. Sim, está uma verdadeira zona.

— Deixe dois *garotos* sozinhos e esse será o resultado. — Aponto a pia

com algumas louças empilhadas, há vários jogos do David espalhados na mesa de centro da sala e dois controles jogados no sofá, também.

— Já pensou em contratar alguém?

— Temos alguém. Na verdade, uma empresa faz a limpeza do apartamento regularmente. — Tento me defender e ela me lança um olhar questionador. — Quando eu disse regularmente... — Envolvo sua cintura e a puxo para perto. — Quis dizer “de vez em quando”. — Ela ri alto.

— De vez em quando... quase nunca? — pergunta.

— Talvez. Você tem algum problema com bagunça?

— Desde que eu não lave a louça, estou muito bem com a bagunça. — Ela joga os braços em volta do meu pescoço.

— Quero te levar para o meu quarto. — Sou sincero.

— Vou te deixar me levar. — Encosto a testa na dela.

— Quero tanto estar com você que tenho medo. — Respiro profundamente. — Medo de estragar tudo — confesso, me sentindo um adolescente. Nenhuma mulher jamais me intimidou tanto quanto ela. Não dessa forma.

— Só quero te pedir uma coisa — diz.

— O que você quiser.

— Não tire as minhas roupas, tá bom? Deixe que eu mesma faço isso. — Respiro fundo com as suas palavras. *Droga, o que aquele monstro fez com ela?* — Daniel? — Ela toca meu rosto chamando minha atenção. — Tudo bem?

— Sim, me desculpe, é só...

— Se você perdeu o desejo por causa do que eu disse, eu entendo. Juro, sei que é muita coisa para assimilar. — Ela começa a se afastar e eu a seguro contra mim.

— Não é isso. — Posso muito bem deixar que ela sinta por si só o quanto a desejo, estou tão duro que não consigo disfarçar. — Eu só não quero ser mais uma lembrança ruim pra você. Quero que a gente se divirta juntos.

— Não me fechei para o sexo, Daniel. Antes do que aconteceu com Luke, vivia a vida tão livre quanto eu me permitia. Tive ótimos momentos, posso te garantir. — Ela é sincera. — Só que com você, não sei o que esperar. Estou fazendo algum sentido? — Ela ri da própria confusão.

— Mais do que você imagina. — Eu a abraço. — Também não sei o que esperar dessa noite, Estela. Não sou um homem inseguro, mas você está me fazendo questionar muitas coisas.

— Como o quê?

— Como a maneira com que tratei as mulheres depois que a Libby morreu. Usei o sexo como uma válvula de escape, porém, ergui um muro de

proteção em volta do coração.

— Era só sexo, você não tinha sentimentos envolvidos — Estela declara exatamente o que era. Olho em seus olhos e sei que ela me entende, porque era justamente assim que ela também agia.

— E eu senti muitas coisas quando te beijei no bar hoje.

— Eu também — confessa.

— E quero sentir mais, Estela. Quero sentir tudo que você me permitir hoje. — Sinto seus dedos entrelaçarem aos meus.

— Não sei o que você tem, Daniel, mas essa facilidade que tenho em dizer “sim” para você me assusta. — Aperta a minha mão. — Me faça sentir de novo.

Estela fecha os olhos e eu a beijo. Dessa vez, transmito tudo que segurei no beijo de antes. Eu a beijo com desejo, ardor. Com as mãos em sua bunda eu a ergo, e ela enlaça as pernas na minha cintura com facilidade.

Caramba, é perfeita a maneira como o corpo dela se encaixa ao meu. A forma como ela me beija, com a mesma intensidade. Tenho certeza de que ela não esteve com ninguém em muito tempo, quero que essa noite seja muito mais do que sentir, quero que essa noite seja inesquecível.

Caminho com ela nos braços até o meu quarto, acendo a luz porque eu preciso vê-la por inteiro. Ela para de me beijar quando percebe.

— Pode deixar apagada? — pede.

— A luminária pode ficar acesa? — pergunto. Que Deus me ajude, preciso ver seus olhos quando a fizer gozar.

— Pode — responde e eu sorrio. Eu a levo até a cama e a deito, depois acendo a luminária antes de apagar a luz do quarto.

Perco o fôlego quando viro e me deparo com algo extraordinário; Estela está em pé, a luz fraca a deixa muito sensual. Meu pau pulsa com força com a visão dela.

Estela começa a se despir, sem desviar o olhar. Sua segurança agora me confunde, por um segundo, sei que não é a Estela que está aqui. É como um personagem, mas eu me conformo com essa migalha, se é isso que ela está pronta para oferecer.

Eu também começo a me despir quando a vejo apenas de lingerie. Ela é linda, como imaginei que fosse. Ela tem algumas tatuagens e frases tatuadas pelo corpo, só que com a luz fraca, não consigo ler. Estela deita na cama e me espera.

Vou até ela como um doente precisando de remédio, porém, ciente de que precisa tomar pequenas doses para não morrer de overdose.

— Quero saber o que você quer — pergunto, começando a tocar seu corpo.

— Eu... Não... — Paro o movimento da minha mão, ela parece confusa.
— Quer que eu pare de te tocar?
— Não, não é isso. Foi a sua pergunta. Eu não sei a resposta, Daniel.
— Como assim? Você me deixou confuso. — Estela senta na cama e eu também.
— Nenhum homem com quem já estive me perguntou isso. Era só sexo.
Merda. Meu sangue ferve quando lembro que um desses filhos da puta que dormiu com ela foi o Cage.
— Daniel?
— Desculpa, só estava pensando que nenhum desses babacas merecia passar um segundo sequer com você. — Ela ri.
— Eu usava e era usada, Daniel. Jamais fui um anjo.
— Você é perfeita demais, sabia? — Toco seu rosto. — Você gozava? Quando transou com eles, te faziam gozar?
— Algumas vezes, outras... eu fazia sozinha. — Ela me olha preocupada.
— Merda, isso soou estranho. — Estela cobre o rosto com as mãos. — O que eu quero dizer, Daniel, é que nem sempre fazia por prazer. Sei lá, às vezes, era como uma autopunição. Pareço uma louca, não é mesmo?
— Acho que você parece mais normal do que imagina. — Pego sua mão e beijo. — Já conversou com pessoas que passaram pelo mesmo que você?
— Não. Quer dizer, fui em alguns encontros de grupos de apoio, só que não deu muito certo.
— Acho que poderia te fazer bem, você veria que cada um dos seus medos é normal.
— Como entende tanto desse assunto? — pergunta curiosa, respiro fundo antes de responder.
— Quando descobri o que Luke fazia com a Erin, eu me senti a pior das pessoas. Ela era minha amiga, Estela. E eu não vi o que estava acontecendo bem debaixo do meu nariz porque estava preocupado demais com um casamento fracassado para me importar.
— Eu já te disse que não foi culpa sua.
— Eu sei disso, mas resolvi tomar uma atitude. Desde então, trabalho como voluntário em uma ONG de apoio às mulheres, sou advogado delas.
— Acho que eu te admiro um pouco mais agora.
— Cage não sabe de nada. Bem, ninguém sabe, não faço isso para aparecer, Estela. Faço isso por mim, é uma forma que encontrei de ajudar as pessoas depois que não pude fazer nada pela Erin.
— É um gesto lindo, Daniel. — Ela toca meu rosto e eu viro para beijar sua mão. Mantenho a boca ali, na sua palma e ela não a afasta.

— Se quiser, podemos descobrir juntos o que você quer — digo contra a sua mão. Estela não se mexe por um momento, então sinto o seu dedo tocar meu lábio inferior.

Explorando minha boca. Abro um pouco os lábios e a deixo explorar à vontade, ela aceita o convite e coloca devagar o dedo indicador dentro da minha boca. Fecho os olhos e chupo lentamente, imaginando que estou chupando um de seus mamilos. Chupo o dedo por inteiro, raspando um pouco com os dentes. Ela gosta, porque faz movimentos suaves de vai e vem. E, porra, como isso me excita.

— Preciso me tocar — murmuro, meu pau está praticamente implorando por algum tipo de alívio.

— Eu também — confessa e eu gemo. Estamos sentados na cama, de frente um para o outro. Abro os olhos e eu vejo quando ela enfia uma mão dentro da calcinha. Eu faço o mesmo e levo a mão até a boxer, me libertando.

Ela volta a colocar o dedo nos meus lábios, um convite para continuarmos. Eu não recuso. Chupo seu dedo enquanto seguro meu pau e começo a movimentar. À meia-luz, estamos nos masturbando um para o outro, nossos olhares fixos um no outro. Ela ofega, abrindo um pouco a boca e eu quase gozo ao vê-la assim. Sei que ela está quase gozando – e caralho – eu também estou.

— Não quero fazer isso, Daniel — sussurra entre gemidos.

— Fazer o quê?

— Me fazer gozar.

— O que você quer?

— A sua mão no lugar da minha.

— O que mais? — pergunto, porque sei que tem mais.

— Quero a minha língua na sua boca.

Porra! Minha cabeça cai para trás e um grunhido sai da garganta.

Ela está me enlouquecendo.

Faço o que ela pede, minha mão cobre a dela, mas não a tiro. Enfio um dedo junto com o dela e a ouço gemer. Inclino o corpo para falar ao seu ouvido:

— Quando estiver pronta, eu assumo — murmuro, sabendo que é o que ela precisa ouvir. Estela retira a mão e eu circulo o clitóris com o polegar. — Minha boca é sua, faça o que você quiser.

Ela não espera, Estela me beija com fome. Sua mão pega firme a minha nuca, me segurando no lugar como se eu fosse fugir a qualquer momento. Jamais fugiria, a sensação que eu tenho é de que não sei se serei capaz de deixá-la depois dessa noite.

Esquecendo meu pau, levo a mão ao seu rosto e controlo nosso beijo

enquanto a fodo com os dedos. Estela rebola na minha mão até que sinto seus músculos apertarem os dedos, mordendo meus lábios ao mesmo tempo.

Ela goza lindamente, molhando meus dedos e gemendo baixinho o meu nome enquanto nos beijamos. Não sei se ela repara no que está dizendo, mas eu sim. Continuo os movimentos até sentir seu corpo relaxar totalmente com o orgasmo.

— Ainda quero você — diz com os olhos fechados.

— Isso é bom, porque estou louco para estar dentro de você. — Estela abre os olhos e sorri.

— Onde está o preservativo?

— Gaveta. — Olho para a cômoda ao lado da cama. Ainda estou com os dedos dentro dela, Estela olha para minha mão e sorri.

— Sua mão precisa sair para eu conseguir pegar o preservativo.

— Tem certeza que quer que eu tire? — Movimento um pouco e ela morde os lábios, fechando os olhos.

— Merda, isso é tão bom — geme.

— Então você gosta disso? — Movimento mais.

— Hum-hum — murmura e eu retiro devagar os dedos. Estela abre os olhos e observa minha mão, levo os dedos molhados até a boca e chupo, um de cada vez. E, minha nossa, tem um gosto incrível. É viciante.

Ela não demora para achar o preservativo na gaveta e me entrega. Tiro a boxer enquanto ela tira a lingerie, primeiro a calcinha e depois o sutiã. Ela joga as peças para longe e sorri, me observando colocar o preservativo.

Estela deita na cama e me espera. Meu corpo paira vagarosamente sobre o dela; ela abre as pernas e eu posiciono meu pau em sua entrada. Está tão molhada que não tenho dificuldades para penetrá-la.

— Porra! — gemo e começo a me movimentar. — Isso é tão bom. — Sua mão começa a vagar pelas minhas costas. — Amo quando você me toca. — Eu beijo seu pescoço.

— Acho que amo te tocar — murmura, continuando com a exploração.

Minha mão segura um dos seios e eu o massageio, Estela geme apreciando o toque. Começo a estocar com mais força conforme nossas bocas colidem, sem parar de acariciar seu seio. Ela ofega contra a minha boca, o que me satisfaz. Saber que ela está sentindo prazer tanto quanto eu, é o suficiente para me fazer quase gozar.

— Preciso gozar, mas quero você junto comigo. — Interrompo nosso beijo.

— Estou quase lá. — Levo a boca até o seio esquerdo e chupo seu mamilo, ela grita e crava as unhas nas minhas costas.

— Quero você gozando comigo, não *quase* lá. — Seguro sua bunda com a outra mão e a ergo um pouco, nessa posição vou mais fundo e ela fecha os olhos. — Está comigo? — pergunto e ela apenas balança a cabeça. — Abra os olhos, Estela. Quero te ver de verdade quando fizer você gozar de novo.

— Daniel... — Meu nome sai parecendo um apelo quando ela abre os olhos.

— Isso mesmo, sou eu. Apenas eu e você. Está comigo?

— Estou. — Ela ofega, aperto sua bunda e estoco mais forte.

— De novo, você está comigo? — Ela envolve as pernas no meu quadril. Porra! Não consigo mais me segurar. — Estela!!

— Daniel!

O som dos nossos nomes se mistura quando gozamos juntos. Estela estremece em meus braços e eu só paro de me movimentar quando sinto que não há mais nada em mim. Ela literalmente me sugou.

— Você está bem? — pergunto, tirando uma mecha de cabelo do seu rosto.

— Uma bagunça, mas estou bem.

— Uma bagunça boa?

— Uma bagunça estupidamente boa. — Ela sorri e eu beijo seus lábios.

— Eu já volto. — Eu a beijo mais uma vez e começo a sair de dentro dela.

Não sei o que acontece quando faço esse movimento, mas sinto sua falta imediatamente. Balanço a cabeça, só pode ser por causa da tal “névoa de prazer”, porque nunca me senti tão conectado a alguém como estou me sentindo agora.

Vou até o banheiro e retiro o preservativo, descartando-o na lixeira. Olho no espelho e uma ideia surge quando vejo a banheira refletida nele. Acho que ela vai gostar muito de um banho quente. Sem pensar duas vezes, abro a torneira da banheira e a deixo enchendo.

Quando volto para o quarto, ela está deitada de bruços, abraçada ao meu travesseiro. O lençol cobrindo parcialmente o seu corpo junto com a pouca luz é a verdadeira visão de uma deusa.

Não a toco com receio de assustá-la, já basta o episódio na varanda da casa da minha irmã para me ensinar algumas coisas a respeito dela. Então, eu sento na cama e deixo que ela sinta a minha presença. E ela sente, porque logo sua mão toca minha coxa.

— Acho que é essa hora em que eu vou embora — murmura sonolenta.

— Acredito que uma banheira quente espera por você nesse instante. Não a deixará esperando, né?

— Ah! Isso é um golpe tão baixo. Dois orgasmos e uma banheira quente, como posso ir embora agora? — Ela abre os olhos e eu me inclino, nossos rostos ficando a centímetros de distância.

— Relaxe na banheira e passe a noite comigo que eu garanto um terceiro orgasmo.

— Isso é uma promessa?

— Prefiro encarar como um presente.

— Ora, ora... Ganharei um presente seu? — Ela ri.

— Não. Será um presente seu, Estela, seu para mim. Eu sou o homem de sorte aqui, não o contrário. — Toco o rosto dela e a beijo antes que ela possa questionar. — Vem, vou te dar o terceiro orgasmo dentro daquela banheira.

Ela sorri e levanta. Sem pudor, deixa o lençol na cama e caminha nua até o banheiro. Percebo a surpresa em seu rosto quando ela entra.

A luz não está toda acesa, deixei apenas as luminárias. Apesar de serem três, não é tão iluminado o ponto de deixá-la incomodada.

Ela caminha até a banheira que continua enchendo e senta na borda, colocando a mão na água. Fico na porta só observando seus movimentos. Estela leva as mãos até o cabelo e faz um coque, depois olha para mim.

— Me acompanha? — Estende a mão.

— Sempre. — Eu aceito e juntos entramos na banheira.

Estela senta na minha frente, a banheira não está muito cheia e a água cobre apenas as nossas pernas. Seus seios tentadores, embora estejam ao meu alcance, não são o que me chama atenção. Levo a mão até o seu ventre e com um movimento suave, eu a trago para mais perto até suas costas encostarem no meu peito. Ela descansa a cabeça no meu ombro e eu beijo seu rosto.

— Isso é bom — diz, sua voz parece relaxada.

— Desde que me mudei, é a primeira vez que uso essa banheira — confesso.

— Jura? O que te fez mudar de ideia?

— É que finalmente encontrei alguém com quem eu quis dividir esse prazer comigo.

— Daniel... — adverte.

— Não vamos conversar agora, tudo bem? — Ela concorda com a cabeça. — Acho que estou devendo um terceiro orgasmo para alguém.

Alcanço sua boceta e começo a brincar com o clitóris. Estela geme e aperta minhas coxas conforme aumento a pressão.

E eu continuo, até que cada palavra que eu disse se torne verdade. Desde o terceiro orgasmo até terminar com ela dormindo na minha cama.

CAPÍTULO 14



ESTELA

Abro os olhos e sinto uma dor deliciosa no corpo – e tudo culpa do Daniel. Nossa noite não terminou na banheira, fui acordada durante a madrugada por beijos suaves na clavícula e um pedido de “quero mais”. O que cedi de bom grado.

Olho ao meu lado e encontro um lugar vazio, mas vejo um bilhete em cima do travesseiro. Antes mesmo de pegar o papel já estou sorrindo.

Cada vez que você gozava, eu te via. Quero te ver mais vezes, nem que para isso, eu precise te fazer gozar de novo. O que não será um problema.

— Daniel... — murmuro o seu nome e balanço a cabeça, sorrindo ainda com o papel na mão.

Enrolo o corpo no lençol e olho em volta em busca das minhas roupas, e me surpreendo ao encontrá-las devidamente dobradas em cima na poltrona que fica do outro lado da cama. Decido não me vestir, e pego o roupão que vi no banheiro.

Ele fica enorme em mim, é engraçado. Pego o tecido felpudo e levo até rosto, inspirando. Tem o cheiro do Daniel. Sorrio com meu momento psicopata e saio do banheiro. Caminho pelo corredor e escuto uma música baixa, sigo o som até chegar na cozinha.

Cruzo os braços e observo a cena. Daniel está no fogão, balançando a cabeça suavemente ao som da música. Ele está tão absorto que não nota a minha presença, eu aproveito para ver seu corpo à luz do dia, e o que vejo não deixa nada a desejar.

Daniel está com uma toalha enrolada na cintura, a visão de suas costas musculosas é de tirar o fôlego. Tenho vontade de virá-lo só para ver os músculos do abdômen, todos os que toquei durante a madrugada. No entanto, não é apenas isso que chama minha atenção; é a tatuagem na panturrilha esquerda que prende o meu olhar.

É um dragão estilizado, que começa preto na base e vai mudando de cor

até chegar em um bonito tom de azul.

— Bela tatuagem. — Daniel vira e me encara. Com a espátula na mão, é um verdadeiro *chef* de cozinha sexy. *Senhor!*

— Bom dia. — Ele baixa o fogo e caminha na minha direção, com uma mão ele acaricia meu rosto e beija minha boca. — Espero não ter feito nenhum barulho e te acordado.

— Não se preocupe, acordei sozinha. — Ele sorri, mas antes que se aproxime para me beijar outra vez, eu ergo o papel. — Li seu bilhete.

— Essa era a intenção.

— Pode me dizer o que você quis dizer com ele? — pergunto. Mesmo sabendo a resposta, algo em mim quer ouvir aquilo de sua boca.

— Tem certeza de que quer ter essa conversa antes do café? — Ele aponta a mesa já arrumada. Fico maravilhada com o cuidado.

Fiquei tão hipnotizada por ele que quando entrei na cozinha não notei a pequena mesa de café preparada; o que incluía um pequeno vaso de flores.

— Como fez tudo isso? — Aponto para a mesa.

— Anos de prática sendo o primeiro da casa a acordar. — Dá de ombros. — Desde que David nasceu, sempre fui o primeiro a acordar. Ele nunca foi de acordar tarde, então me acostumei com isso.

— Você parece ser um pai e tanto. — Dessa vez sou eu que toco o rosto dele, que fecha os olhos.

— Não chego nem perto, mas tento. — Ele abre os olhos e eu sorrio. — Agora senta aí e deguste o melhor café que você já bebeu.

— Melhor café, é? — desafio.

— O melhor — ele enfatiza. — E a propósito — Daniel olha para o meu corpo —, adoro o que você está vestindo. — Ele segura o cordão cinto do roupão e me puxa devagar até que ficarmos com os corpos praticamente colados. — Mas é melhor se sentar logo, porque estou tentando resistir à tentação de tirar isso de você. — Ele traça os dedos pelo roupão. — Anda, antes que nosso café da manhã queime.

Faço o que ele pede e me sento. Observo ele terminar, e Daniel não demora a se juntar a mim com uma travessa com ovos e bacon. O cheiro está maravilhoso.

— Então, qual a história da tatuagem? — pergunto quando me sirvo de café.

— Não tem história. — Ele dá de ombros.

— Sério? — Tomo um gole de café e sinto seu olhar em mim. Merda, ele tinha razão, o café é bom mesmo. — Esse é o momento em que eu confesso que você faz o melhor café do mundo? — Ele abre um sorriso convencido.

— Não precisa falar, a expressão no seu rosto diz tudo. — Eu bebo mais um pouco, e praticamente gemo.

— Ótimo, porque jamais falarei isso em voz alta. — Daniel solta uma gargalhada. — Então seu dragão não tem história? — volto a perguntar, a tatuagem dele realmente me intrigou.

— Precisa ter uma?

— É que você não faz o tipo de homem que faria uma tatuagem assim. A não ser que fosse por um motivo especial. — Ele continua focado em mim.

— E que tipo de homem sou?

— Um príncipe de terno, daqueles que salva a princesa presa na torre mais alta do castelo. — Daniel me dá um sorriso torto, então, levanta e se ajoelha na minha frente.

— O príncipe que mata os dragões? — pergunta.

— Exatamente.

— Já parou para pensar que talvez o dragão estava apenas protegendo a princesa? — Sua mão toca o meu joelho. — Que, na verdade, a princesa nunca precisou ser salva e que o dragão só afastava os príncipes porque não acreditava que nenhum deles a merecia?

— Então o dragão a queria para si?

— Talvez... — Ele pega minha mão. — Penso que o dragão achava que a princesa podia ser mais livre com ele.

Daniel me encara por algum tempo, reflito sobre cada palavra que ele disse. Antes que uma lágrima role pelo meu rosto, eu digo a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Eu também tenho algumas tatuagens.

— Eu sei — comenta, dando um pequeno sorriso, compreendendo minha mudança de assunto. — Vi algumas na noite passada, mas as luzes não me ajudaram muito.

Afasto a mão dele e abro um pouco o roupão, expondo a minha coxa onde tenho uma. Daniel vê o movimento e logo está lendo as palavras em voz baixa:

I will keep you warm, I will keep you safe

Ele começa a traçar a tatuagem com o dedo indicador; letra por letra, deixando um rastro de arrepios pela minha pele. Só então, percebo meu erro. Fecho os olhos com força assim que seus dedos tocam as cicatrizes que ficam na parte interna da coxa.

— Talvez o dragão só quisesse deixar a princesa segura — sussurra. A voz dele está mais rouca, e sua mão continua acariciando a coxa, bem sobre as

cicatrizes. Seu toque não é sensual; é carinhoso, confortável. — Vai ter que abrir os olhos se quiser saber a história da minha tatuagem.

— Você disse que não tinha uma — digo ainda de olhos fechados, não sei se consigo encará-lo agora.

— Só que você tinha razão, não sou um homem que faz algo por impulso. Eu fiz por um motivo.

— Qual?

— Abra os olhos, Estela. — Ouvir meu nome me deixa tão desconfortável nessa situação. Porque não é a Estela corajosa que está aqui, mas sim, a Ayra covarde com suas cicatrizes sendo tocadas.

Daniel é paciente, ele não para de fazer carinho na minha perna e não foi além. Sua paciência me acalma e antes que eu perceba, estou olhando para o seu rosto.

— Há seis meses, estava passando na frente de um estúdio de tatuagem. Tive um dia cheio, minha cabeça latejava e eu só queria ir para casa — começa a falar, sem deixar de me tocar. — Quase esbarrei em uma mulher quando ela estava saindo do estúdio; tinha o cabelo loiro, no mesmo tom que o seu era. E eu não sei explicar o porquê que esse encontro me fez lembrar daquele dia, de como te carreguei nos braços e permaneci ao seu lado até que acordasse. Você disse algumas coisas dormindo.

— Eu disse? — pergunto assustada; eu nunca soube disso.

— Nada fazia sentido, você falava algo com princesas e dragões. Era tudo muito confuso. Então olhei na vitrine do estúdio e vi esse desenho de dragão. — Ele respira fundo. — Não me pergunte o motivo exato, mas eu simplesmente entrei e pedi para fazer. Só modifiquei as cores, pedindo que eles usassem somente duas.

Levo a mão até a boca, surpresa com tudo que ele está me dizendo. Daniel e eu não tivemos contato depois daquilo, nem mesmo por telefone.

— Chame de loucura, porém, é a mais pura verdade, Estela. — Mais uma vez ouvir meu nome causa desconforto.

— Eu... — Levanto abruptamente, Daniel se afasta me dando espaço. — Preciso ir. Obrigada pelo café. — Saio da cozinha feito um raio e troco de roupa em tempo recorde. Daniel não me acompanha até o quarto, e quando volto, ele está sentado no sofá da sala, que por sinal está arrumada.

— Me deixe ao menos te levar embora — oferece assim que me vê.

— Não precisa, Daniel. Sério, eu nem sei se irei para casa.

— Como é? Olha, eu sei que a minha história é louca, mas eu não mentiria pra você. Estela, eu não queria te assustar.

— Não me assustou. — *Me deixou confusa*, penso. — É só que tem

muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

— Vou te ver de novo?

— Claro. — Forço um sorriso. — Afinal, quem cuida dos seus investimentos? — Daniel não sorri, ele permanece sério enquanto vamos até na porta. Quando paramos e ficamos frente a frente, ele pega a minha mão e coloca um papel nela. É o bilhete que eu havia deixado em cima da mesa.

— Quero muito *te* ver de novo. — Percebo o que ele quer dizer. Meu corpo estremece, aperto o bilhete antes de beijar Daniel.

Quando nossas bocas se tocam é como se estivéssemos desesperados. Ele me abraça apertado e eu permito que tenha esse momento, porque agora é tudo o que eu posso oferecer a ele.

— Preciso ir — digo ofegante depois de finalmente nos separarmos. Daniel concorda com a cabeça e, em silêncio, me acompanha até o elevador.

Entro no elevador e quando me viro, vejo seus olhos cheios de palavras não ditas. Ele quer me ver; a mim, sem máscaras, sem reservas ou meia-luz.

Eu sei disso, só não sei se estou pronta para me mostrar.

CAPÍTULO 15



ESTELA

Não sei o que pensar ao sair do apartamento do Daniel. Meus pensamentos giram de forma descontrolada na cabeça. Uma mistura de sentimentos que não fazia ideia de que seria capaz de sentir.

É estranho porque pela primeira vez estou em dúvida se sorrio ou se choro. Jamais me senti dessa forma. Sempre mantive cada sentimento muito bem guardado, conto nos dedos da mão as pessoas que me causavam esse efeito. Meu avô é uma delas, minha mãe, também. Essa segunda, entretanto, de forma negativa e agora Daniel.

Quero afastá-lo ao mesmo tempo em que desejo ficar em seus braços. Passamos apenas uma noite juntos e estou me sentindo fora de rumo, imagina como ficarei se fizermos isso com mais frequência.

Nossa, não quero nem imaginar a bagunça que ele pode fazer comigo, ou pior, com meu coração.

Olho para a rua, indecisa do que fazer. Resolvo pegar o celular e verificar os contatos. Acabo ligando para última pessoa que esperaria uma ligação minha em um sábado cedo. Doutora Tanner me atende no terceiro toque.

— Bom dia, Estela. — Um pequeno sorriso surge nos meus lábios, ela é mais esperta do que imaginei.

— Bom dia, doutora. Será que a senhora poderia me atender hoje? — peço sem rodeios.

— Claro, que horas gostaria de vir?

— Agora, se possível.

— Tudo bem. Não estou no consultório, mas você pode vir até a minha casa. Eu te enviarei o endereço por mensagem.

— Obrigada, doutora.

— Não precisa me agradecer, se está me ligando antes da nossa consulta é porque está precisando de mim, fico feliz em ajudar.

Agradeço mais uma vez e desligo. Doutora Tanner sempre foi muito

paciente, desde que começamos a terapia, ela tem sido um apoio. Nunca forçou meus limites, suspeito que pelo tom da sua voz, sabia que eu faria essa ligação; uma hora ou outra.

Entro no primeiro táxi que vejo e passo o endereço que ela me enviou. É uma área residencial bem familiar. Contemplo a região pela janela do carro. Casas semelhantes a que cresci. Vejo algumas pessoas andando pela redondeza, será que imaginam o que acontece por trás dessas portas?

Balanço a cabeça para afastar esses pensamentos. Não é por isso que estou indo conversar com a minha psicóloga. Não quero mais me prender ao passado, quero olhar para frente – para o meu futuro.

Quando o táxi para e eu saio do carro, doutora Tanner está à minha espera. Mesmo não estando vestida formalmente como nas consultas, está elegante como sempre.

— Olá, querida. — Ela me abraça como uma velha amiga e eu me permito aceitar esse gesto de carinho.

— Desculpe incomodar fora do horário.

— Não é incômodo, se precisa conversar, nunca será um incômodo.

— Mesmo em um sábado? — brinco.

— Independentemente do dia ou da hora, você sabe que pode contar comigo. — Ela segura a minha mão. — Venha, eu preparei um café.

A menção da bebida me faz lembrar de Daniel, da forma como dançava na cozinha, de como seus dedos tocaram minhas cicatrizes.

Eu a sigo para dentro, e logo estou sentada no sofá da sala com uma xícara de café na mão. Ela se acomoda em uma poltrona próxima a minha, aguardando que eu tome a iniciativa da conversa.

— Sem divã hoje? — pergunto e ela sorri suavemente.

— Acho que vou tirá-lo do consultório.

— Jura? Eu gosto dele.

— Você dorme nele, Ayra — ironiza sem deixar de sorrir. Percebo que também mede a minha reação diante da menção do meu nome.

— Estive pensando sobre algumas coisas. — Deixo a xícara de café de lado.

— Sobre que coisas? Pode especificar melhor pra mim, por favor?

— Pessoas como um todo, relacionamentos, basicamente.

— E por que está pensando nisso?

— Conheci uma pessoa. — Balanço a cabeça. — Ou melhor, nós já nos conhecíamos antes, só que agora as coisas alcançaram outro nível entre nós.

— Você gosta dele?

— Eu me sinto confortável com ele. — Sou enfática.

— Está apaixonada? — pergunta ainda bebericando seu café, sem blocos de anotação ou *iPad* dessa vez. Eu me remexo um pouco.

— Não é bem assim, doutora. Saímos uma vez, transamos e é só isso.

— E como isso te fez repensar? Segundo seu histórico, sua sexualidade nunca foi um problema. Porém pelo que me disse, desde o incêndio não tem se envolvido intimamente com ninguém, estou certa?

— Está, eu estava cansada desse velho hábito... Acho. — Dou de ombros.

— E o que você quer agora?

— Não faço ideia, mas nunca fiquei tão confusa assim. Sexo era apenas sexo.

— E dessa vez não foi?

— Não, e eu quis isso, entende?

— Sim, e não vejo nenhum problema em querer algo mais do que prazer momentâneo.

— Sim, só que eu acho que ele quer mais, sabe? Na verdade, ele merece mais.

— E por que não dá isso a ele?

— Como eu posso dar algo que nunca tive, doutora Tanner? — Suspiro frustrada. — Daniel merece alguém que o ame e ao seu filho.

— Ele tem um filho? — pergunta parecendo um pouco surpresa.

— Sim. — Sorrio. — David é um garoto muito inteligente, eu o conheci. E é aí que eu também não posso me envolver, eles merecem mais do que eu tenho para oferecer.

— O que você tem para oferecer, Ayra?

— Nada, eu não tenho nada.

— Como pode ter certeza disso?

— Porque você já me chamou de Ayra duas vezes e eu não surtei. Porque pela primeira vez eu desejo ser a Ayra. — Levanto do sofá e passo a mão no cabelo. — Mas a Ayra não sabe dar o amor que uma criança precisa porque nunca teve isso da própria mãe.

— Você passou por coisas que nenhuma criança deveria passar na vida, porém, você sobreviveu. Tem pessoas que te amam ao seu redor, olha o seu avô, por exemplo.

— Meu avô não sabia o que eu passava, doutora. Ele não sabe de muita coisa e eu prefiro que continue assim. Diz como eu posso seguir em frente com uma pessoa que tem um filho, se eu odeio a minha própria mãe?

— Daniel disse que queria uma mãe para o filho dele?

— Não, mas...

— Você está projetando uma situação que ainda não aconteceu, Ayra. E mesmo assim, já está rejeitando a ideia. — Sento no sofá e reflito sobre as suas palavras. — Se já está pensando nesse possível futuro é porque esse Daniel mexeu com você mais do que imaginava.

— Ele mexeu tanto que não quero mais me esconder — confesso —, mas estou apavorada com as possibilidades.

— Que possibilidades?

— De ele me rejeitar.

— Por causa do seu passado de abuso?

— Não, eu contei algumas coisas, não tudo.

— Suas tentativas de suicídio? — Suas palavras me fazem estremecer.

— Não quero que ele me enxergue como uma maluca, ou alguém perigosa. — Limpo as lágrimas que começam a cair. — Hoje ele viu as cicatrizes na minha coxa e eu não consegui contar como foram parar lá. Tenho medo de que quando descubra tudo, não me olhe mais da mesma forma.

— E como é que ele olha pra você?

— Com admiração, com respeito. — Cubro o rosto com as mãos. — Não quero mais me esconder, só que também tenho receio de acabar o perdendo se me conhecer de verdade. Isso faz algum sentido? Porque estou com a sensação de andar em círculos.

— Claro que está fazendo sentido. Você está dando pequenos passos, raramente fala da sua mãe e nunca falou sobre o futuro, então, tudo que disse aqui é um bom começo. Eu diria excelente!

— Acho que estou ficando louca. — Solto uma risada sem humor. — Não quero me apaixonar, doutora Tanner.

— Por que não?

— Porque a última vez que amei alguém, essa pessoa não me amou de volta. Ela preferiu outra pessoa a mim, e eu ainda a chamo de mãe.

— Seu avô? Seus amigos? Você não os ama?

— É diferente. Não existe uma entrega, não espero nada em troca e não tenho expectativas, então, não me deceptiono.

— Você não acredita nas pessoas?

— Eu acredito que enquanto não criar expectativas em relação às pessoas, mantereí meu coração seguro.

— Se o seu avô ou uma amiga te ligasse nesse exato momento precisando de você, o que faria?

— Eu os ajudaria.

— Eu sei. E sabe por que você faria isso?

— Porque precisam de mim? — respondo com convicção.

— Não, faria porque os ama. Porque esse é o verdadeiro significado do amor. Amor não é uma troca de favores ou sentimentos; é uma doação que, às vezes, pode ser unilateral, mas nem assim é indiferente ou insignificante.

— Eu... — Engulo em seco.

— Infelizmente o mundo está cheio de mães como a sua; que só recebem amor e não dão nem respeito em troca. Porém você não é como ela, você dá amor sem perceber. Está na hora de deixar esse amor entrar também, você merece isso.

— Por que ela não me escolheu? — Lágrimas descem livres pelo rosto. — Por que ela não me amou como eu a amava? Eu contei, disse tudo o que estava acontecendo e ela não me escolheu. — Esfrego a mão no rosto, chorando compulsivamente. E quando percebo, estou envolvida em um abraço.

Não faço ideia se é ético, mas a medicina deveria incluir isso nos manuais, porque choro como há tempos não chorava. Como se derramasse ali toda a mágoa guardada. Doutora Tanner não diz mais nada, só me deixa chorar.

Caramba, chorar nunca foi tão bom.

— Eu sei que está com medo — diz assim que me afasto, tentando limpar a bagunça de lágrimas que meu rosto se tornou. — Mas quero que comece a dar pequenos passos, e não em direção ao Daniel. Você precisa dar pequenos passos em direção a você, Ayra.

— Ele precisa saber a verdade — consigo dizer.

— Precisa. Se acredita que ele merece saber, então deve ser um homem de muita sorte, porque vai tê-la por inteiro.

— Obrigada — agradeço e respiro fundo, pronta para sair. — Acho que está na hora de aposentar a Estela — concluo com um sorriso fraco.

— Ao contrário, acredito que está na hora da Ayra ser apresentada ao mundo. Ela já se escondeu demais atrás da Estela.

Doutora Tanner me abraça mais uma vez e nos despedimos. Saio de sua casa e sinto um alívio incomensurável, é como se o peso do mundo tivesse sido retirado das minhas costas. A vontade que tenho é de correr até a casa do Daniel e despejar tudo de uma vez, porém, até eu sei que não será tão simples assim. Uma coisa é você ter vontade de fazer algo, outra coisa é ter coragem para fazê-la.

Eu precisava dessa coragem, e sabia exatamente onde a encontrar.

Precisava rever velhos amigos.

Faço sinal para o táxi e ao entrar passo o endereço de Cage e Erin.

CAPÍTULO 16



DANIEL

Chega a ser estranho que eu ainda sinta suas cicatrizes nos dedos. Aquilo me impactou demais. Quando toquei a perna dela e percebi as linhas finas, meu sangue gelou imaginando todos os possíveis cenários que pudessem resultar naquelas cicatrizes.

Nenhum dele era bom, e com a minha experiência na ONG, tinha uma leve ideia do que realmente se tratava.

— Porra! — Fecho as mãos em punho — Ela se corta — digo em voz alta para tentar fazer algum sentido.

Não são cicatrizes recentes, parece algo mais antigo. Será que ainda acontece? Essa pergunta não me sai da cabeça. Nada disso condiz com a pessoa que conheço, porém, tudo é bastante claro quando me lembro do seu rosto quando estava em meus braços.

Pego o celular para ligar para Cage; ele é amigo dela há bastante tempo, sei que não gosta de falar desse assunto, mas dessa vez, não permitirei que ele se esquive. Antes mesmo de desbloquear o aparelho, ele toca. Franzo o cenho quando vejo o nome de Jared; ele não costuma me ligar aos sábados, apenas em caso de emergência.

— Oi, Jared.

— Oi, Daniel. Desculpa te ligar hoje, mas precisamos de você.

— Não tem problema. O que aconteceu?

— Uma mulher e a filha deram entrada no abrigo hoje, precisamos de uma ordem de restrição.

— Tudo bem, eu vou providenciar.

— Precisamos disso agora, Daniel. — Jared parecia aflito. — Seria bom se pudesse vir até aqui para conversamos melhor. Prefiro não entrar em detalhes por telefone.

— Certo, já estou indo.

— Obrigado.

Jared desliga e eu vou até o quarto para trocar de roupa. Olho para a

cama – que poucas horas atrás Estela estava dormindo – com os lençóis bagunçados, e resolvo deixar assim. Ainda quero sentir o seu cheiro quando esse dia acabar, e que pelo tom da ligação do Jared, não tende a acabar bem.



— O que temos? — pergunto para Jared assim que entro na sala, onde estão Amanda, uma das psicólogas da ONG, e Zelda, a assistente social. É ela quem responde a minha pergunta:

— Precisamos que peça uma ordem de restrição. — Ela me entrega uma pasta. — As informações estão todas aí.

Começo a ler os documentos e sinto o estômago embrulhar. Junto aos documentos têm fotos, o que me deixa sem ar. Um homem que aparenta mais de quarenta anos, uma mulher com mais ou menos essa mesma idade e uma menina. E pelo que tudo indica, ele abusava da menina.

Estela! Penso imediatamente nela.

— Onde elas estão? — pergunto.

— No hospital, a menina está em trabalho de parto — Amanda responde e eu congelo.

— Jesus, isso é...

— Terrível — completa Jared. — Ele ameaçou matá-las, mas não foi preso. A mãe está apavorada e a menina prestes a ter um bebê.

— Ele deveria estar na cadeia agora! — eu praticamente grito.

— Há procedimentos e precisamos segui-los, Daniel.

— Que se foda a burocracia, isso não está certo.

— Temos que esperar. Depois que a criança nascer serão realizados exames para provar a paternidade, e só assim, será aberto o processo. Até lá...

— Serão as palavras delas contra as dele — concluo a frase de Amanda.

— Sim. Nós acreditamos na mãe e na criança, porém, precisamos agir de acordo com a lei.

— Às vezes, a lei é uma merda que só serve para deixar esse tipo de escória fora da cadeia por mais tempo — digo me sentindo frustrado. — Existe prova da ameaça? — Olho para todos na sala, e eles negam com a cabeça.

Merda!

— Algum indício? Alguma marca?

— Ele agia como se a menina fosse uma promíscua.

— Ela só tem treze anos, caramba! — exclama Jared. — Quem é promíscuo nessa idade? Santo Deus!

— E a gravidez?

— Eles alegam que só souberam na hora que a criança estava nascendo, a menina sentiu fortes dores e foi levada ao hospital. — Inacreditável.

— Então deixa eu ver se entendi: o filho da puta age como se a menina tivesse dormido com a cidade inteira e engravidado?

— Isso mesmo — responde Jared.

— E durante esse tempo todo a mãe nem desconfiava que a filha estava grávida?

— É o que ela diz — Amanda afirma.

— Vou pedir uma ordem de restrição contra os dois e solicitarei segurança extra para o hospital, alegando que ela corre risco de morte.

— Outra coisa, Daniel — diz Zelda. — Não queremos que esse assunto vaze, tanto que estou tratando desse caso pessoalmente. Somente nós quatro sabemos, o caso chegou ao meu conhecimento através de uma ligação anônima e a criança está muito abalada e assustada com medo do que pode acontecer com ela.

— Tudo bem, verei o que consigo fazer.

— Obrigada — Zelda agradece e sai da sala acompanhada de Amanda.

— Cara, quando penso que já vi de tudo — diz Jared e senta na cadeira com o semblante cansado.

— E o pior de tudo é saber que esse pesadelo acontece com mais frequência do que gostaríamos e que a maioria dos casos não é descoberto.

Jared balança a cabeça concordando comigo, ligo o computador e começo a verificar os contatos. Ser advogado do Cage abriu muitas portas, não só com as celebridades, mas me deu contatos em muitos lugares; a Polícia era um deles, então, não foi difícil conseguir a segurança extra.

Passo o restante do sábado na ONG, aproveito que David está com Manu e coloco o trabalho em dia. Revejo alguns casos antigos e verifico os novos. Jared também está aqui, Amanda e Zelda foram para o hospital. Ao que parece, foi tudo bem durante o parto, só que a menina está rejeitando a criança.

Passo o dia concentrado na papelada que nem reparo o dia acabar. Nem de comer eu me lembrei. A verdade é que nem tive estômago para isso.

— Estou exausto. — Jared alonga o corpo.

— Confesso que eu também. Li tanta coisa que não percebi a hora passar.

— Acho que não tenho cabeça para ler mais nada desses casos.

— Isso porque não viu a metade, você deveria vir trabalhar aqui dentro.

— Não, mas obrigado. Estou bem trabalhando no ginásio, é muito bom ver o quanto essas mulheres evoluem. Conforme aprendem que não são fracas como pensam.

— Às vezes, eu me sinto um pouco inútil. — Olho em volta.

— Sente falta de participar dos resgates? — Jared menciona meu trabalho no resgate de vítimas de alto risco.

— Por um lado, sim. Por outro é um alívio já que se não estamos fazendo esse tipo de resgate é porque não está sendo necessário.

— Graças a deus — diz ele. — Acho que vou indo. Se eu perder o horário do jantar, minha mulher me mata — brinca.

— Acho que vou ficar por aqui.

— Tudo bem, se receber alguma notícia me avisa.

— Beleza. — Jared pega suas coisas, acena e vai embora.

O escritório fica em silêncio, olho para a papelada na minha mão e volto a olhar o arquivo da menina. Meu Deus, é tão óbvio que ela era abusada em casa. Como a mãe não percebeu? Como as pessoas não viam isso?

Você também não via o que acontecia com a Erin, penso.

Esfrego as mãos no rosto e respiro fundo. Acho que preciso de uma bebida, ou duas. Só que no fundo eu sei do que preciso, eu preciso dela. Saber como ela está.

De repente, percebo que não quero saber só como ela está. Eu quero saber tudo a respeito dela. Quero saber até das coisas que ela não quer me mostrar acreditando que eu não as enxergo.

CAPÍTULO 17



AYRA

Estou encarando o edifício à minha frente tem uns vinte minutos. Cage ficou surpreso quando liguei avisando que estava a caminho, ele riu porque não fui nada sutil ao dizer aquilo. Eu nem me preocupei em perguntar se ele estava em casa.

Mas eu precisava aproveitar esse momento de coragem, tinha que encarar meus medos antes que eles me engolissem, mais do que já tinham engolido.

Eu sou a princesa que nunca viveu em um castelo, e que jamais precisou de um príncipe. Então porque estou com tanto medo agora? Meus monstros estão mortos e enterrados – literalmente –, portanto, tecnicamente não era para eu me sentir assim.

— Hora de ser você mesma, Ayra — murmuro antes de entrar no prédio.

Não tenho dificuldades para entrar, além de o porteiro me conhecer, Cage deixou avisado sobre a minha chegada. Com as mãos trêmulas, eu entro no elevador.

Dou um pequeno sorriso ao me lembrar de quantas vezes já estive aqui, quantas festas ele já deu nesse lugar quando era jogador. São muitas lembranças, algumas boas e outras ruins.

Foi para cá que eu vim depois que meu padrasto faleceu. Assim que terminei de dar o depoimento na delegacia, aqui foi o meu refúgio. Também foi o dia em que contei toda a minha história para Cage. Ele não merecia carregar a culpa por matar um desgraçado feito aquele.

E era aqui que eu sempre vinha quando discutia com a minha mãe. Cage era meu ombro amigo, e agora, eu precisava do meu amigo mais uma vez.

Quando o elevador para e as portas se abrem, dou o primeiro passo para encontrar a mim mesma. Paro e olho para a porta do apartamento e o vejo me esperando. Ele está vestido exatamente como costumava se vestir em casa. Confortável, de calça de moletom e uma camisa do seu time de futebol.

Então ele estende as mãos, me convidando para um abraço, e eu corro até

ele me jogando em seus braços. Como há tempos não fazia.

— Cage! — digo o nome dele com um enorme sorriso no rosto. — É tão bom ver você! — Sorrio quando ele me abraça apertado. Mesmo não tendo perdido o contato por completo, estar aqui o olhando e abraçando é algo que pensei que nunca mais fosse capaz de fazer. Suspiro alto quando noto que não fugi do seu abraço.

— É muito bom te ver também, Estela. — Ele se afasta para me olhar nos olhos. — Senti sua falta.

Retribuo o seu sorriso; como eu senti falta dele, também. A realidade desse encontro me faz perceber que não estou vendo Luke na minha frente, como acreditei que veria. É somente o Cage em seu apartamento e com as roupas dele. Tão familiar, tão certo.

— Vem, tem alguém que está ansiosa para te ver. — Ele segura minha mão e me leva para dentro. É impossível não notar as mudanças, toda a familiaridade que notei na entrada desaparece quando entro no apartamento. Porém não é uma mudança que me deixa desconfortável, são modificações feitas para transformar a casa de um homem solteiro no lar de uma família.

— Adorei as mudanças — comento. E, se é que é possível, o sorriso de Cage aumenta.

— Eu queria que eles se sentissem em casa, então, Erin redecorou tudo.

— Onde ela está?

— No quarto, vou deixar as duas conversarem um pouco enquanto busco Liam. Ele teve jogo hoje cedo.

— Obrigada — agradeço.

— Vou deixá-las à vontade. Volto com nosso almoço, tudo bem?

— Só se você trouxer...

— A massa do “Sattori” — ele termina a minha frase.

— Você não esqueceu? — pergunto, emocionada por ele se lembrar do meu restaurante favorito.

— Jamais, eu me lembro de como você costumava ser uma chata reclamona quando eu trazia algo diferente.

— Essa era eu — brinco.

— Sim, essa era você. Bem-vinda de volta, minha amiga. — Cage beija minha mão, ele não me abraça e eu fico agradecida. Cage conhece meus limites como ninguém, sabe que eu preciso tomar a iniciativa. Antes de se virar para ir embora, eu o chamo:

— Cage? Quero voltar... — Aponto para mim. — Quero muito isso.

Cage só acena, compreendendo meu gesto antes de sair. Meus olhos se enchem de lágrimas e eu respiro fundo antes de caminhar até o quarto que Erin

está.

Eu bato suavemente na porta e sorrio quando ela responde:

— Amor, por que você bateu? — pergunta, acreditando ser o Cage. Erin está concentrada olhando uma série de fotografias espalhadas pela cama. Ela está sentada com as pernas cruzadas e com o cabelo ruivo preso em um coque alto.

— Fico lisonjeada em ser chamada de amor. — Assim que ouve a minha voz, ela ergue a cabeça. Pelo olhar surpreso no rosto, Cage não a avisou da minha vinda. Mais um ponto para o meu amigo.

— Estela! — Erin cobre a boca com a mão enquanto eu me aproximo da cama.

Ela levanta e vem ao meu encontro, a gente se abraça tão forte que parece que iremos nos sufocar. No entanto, é justamente o contrário, estamos dando força uma para outra. É o que eu sinto. E pelas lágrimas dela, Erin também sente isso.

— Sempre me perguntei quando te veria de novo — diz, tocando meu rosto.

— Estou tão envergonhada de não ter vindo antes — confesso. Erin segura as minhas mãos em um aperto firme.

— Sabe que eu te entendo, né? Sabe que se você nunca mais aparecesse por aqui eu também entenderia.

— Eu sei, e te admiro demais por isso. Você teve a força que eu não tive, Erin. Infelizmente, não conseguia encarar o Cage depois de tudo.

— Mesmo sempre o amando não foi fácil. Não é fácil, Estela. Sabe o que eu penso quando sinto que as coisas estão ficando demais para suportar?

— O quê?

— Penso nas palavras que você me disse uma vez... Que eu não estava sozinha. E não estou. — Ela toca o meu rosto e limpa uma lágrima. — Eu tenho o Cage, o Liam, o Daniel e tenho a você. Mesmo não estando fisicamente presente, você nunca me abandonou.

— Fui uma péssima amiga. — Ela ri.

— Não foi? Quantas vezes eu te ligava só para jogar conversa fora? — Contenho uma risada. — Não eram conversas banais, Estela. Era muito mais que isso. Eu precisava de alguém para me ouvir e você sempre esteve lá por mim.

— Droga, Erin — reclamo sorrindo e chorando ao mesmo tempo. — Não vou mais perder tempo refazendo a maquiagem hoje.

Ela ri alto.

— Você não muda.

— Na verdade... — Olho em volta. — É por isso que estou aqui, Erin, porque está na hora de mudar. Está na hora de ser quem eu realmente sou.

— E quem você é? — Ela volta a segurar a minha mão, olho em seus olhos cheios de expectativa. Eu a olho, realmente olho, e vejo que não existe um sinal da mulher que eu conheci. Não tem medo em seus olhos, nem roupa de manga longa ou gola alta para esconder as marcas. Ela está usando uma camiseta e short jeans, sem hematomas ou os rastros de um monstro.

— Ayra. O meu verdadeiro nome é Ayra, Erin. — Ela dá um enorme sorriso.

— É um enorme prazer conhecer você, Ayra. — Erin solta a minha mão e estende a dela para nos cumprimentarmos.

Só que eu não quero um aperto de mão. Eu a abraço novamente.



Depois de ajudar Erin com um álbum de fotografias, Cage chegou com nosso almoço. Ele veio com Liam que parecia muito bem. Durante o tempo que passei sozinha com Erin, ela me contou como estavam as coisas entre eles. Sabia de algumas coisas, e não entendia o porquê de eles ainda se recusarem a contar para Liam sobre a verdadeira paternidade dele.

Aquele filho da puta do Luke não merecia ser idolatrado como pai de um garoto como o Liam, ele não deveria continuar tirando o que é de Cage por direito. Difícil entender como uma pessoa morta ainda consegue estragar a vida dos outros.

Erin também me contou sobre a decisão de terem outro filho, eles viajariam para Londres para se consultar com um especialista e, então, começariam o tratamento.

Essa notícia me deixou alegre e triste ao mesmo tempo. Ser mãe foi algo que risquei da minha lista há muito tempo.

— Cage? — chamo sua atenção, estamos todos na sala ouvindo Liam contar dos jogos que participou. — Podemos conversar?

— Claro. — Ele levanta do sofá.

— Vou ajudar Liam com a lição de casa — avisa Erin e Liam geme. — Não vá embora sem se despedir. — Ela aponta para mim.

— Sim, senhora. — Bato continência e ela ri, saindo da sala com Liam.

— Então, o que você que conversar?

— Eu dormi com o Daniel.

— Uau! Eu já estava desacostumado com essa sua mania de falar tudo na lata — ele brinca e eu jogo uma almofada na cara dele.

— Pare de rir, idiota.

— Desculpa, mas já desconfiava.

— Ele te contou alguma coisa?

— Não, mas me fez perguntas e eu o conheço há muitos anos. Sei quando ele está interessado em alguém. Agora a minha pergunta é: como vocês estão? — Cage sai da poltrona e senta ao meu lado no sofá.

— Daniel é maravilhoso.

— Pule as baboseiras, isso não combina com você.

— Você é tão chato, sabia? — Reviro os olhos. — Dormimos juntos. Eu fiquei mais confusa do que o normal, e realmente não sei o que fazer. Uma parte de mim quer deixar as coisas seguirem o próprio curso, outra parte não quer vê-lo nunca mais.

— Qual está ganhando?

— O que acha? — Ele ri. — Mas falando sério, Daniel merece mais do que uma mulher igual a mim, Cage.

— Agora você está falando besteira.

— Ah, é mesmo? Então vamos enumerar: ele não sabe meu verdadeiro nome, não sabe que já tentei me matar, não sabe que me corto...

— Você ainda se corta? — ele me interrompe claramente irritado.

— Não vou mentir pra você, eu tive esse impulso novamente, mas não consegui ir em frente. Para falar a verdade, Bradok me atrapalhou.

— Droga, Este... Ayra! — ele se corrige rapidamente. Cage ficou orgulhoso quando contei que pretendo assumir meu nome verdadeiro. No entanto, confesso que é muito estranho ouvi-lo o pronunciando de forma tão natural. — Por que não me ligou? Falou com alguém?

— Hoje eu fui na minha psicóloga.

— Contou sobre os impulsos?

— Um drama de cada vez, tá legal? — respondo, nervosa. — Ou, então, nem serei capaz de saber por onde começar a juntar os meus cacos.

— Acho que sabe sim. Inclusive já começou.

— Estou tentando, Cage. Dessa vez é pra valer.

— Fico muito orgulhoso de você. — Ele respira fundo e olha na direção do quarto. — Você não tem ideia do bem que fez a Erin vindo aqui hoje.

— Ela não está bem?

— Nós temos nossos altos e baixos, Ayra. Às vezes, percebo ela me encarando como se a qualquer momento eu pudesse machucá-la.

— Ah, Cage! — Levo a mão até o rosto dele. — É uma droga vocês serem tão idênticos.

— Eu diria que é uma maldição. Mas gostaria de te agradecer por ter vindo, foi muito difícil tomarmos a decisão de ter um bebê. Erin estava relutante quanto a isso, só que eu acredito que a sua vinda aqui fez muito bem pra ela.

— Ela me disse sobre o bebê, pareceu animada com a ideia.

— Isso é bom, agora tentarei convencê-la a fazer terapia.

— Não sabia que ainda recusa o tratamento.

— Pois é. Ela diz que é mais fácil falar do que aconteceu com você, ou comigo, e até com o Daniel porque se sente envergonhada em conversar com um estranho, mesmo que seja um psicólogo.

— Eu não a culpo, também tenho os mesmos medos — confesso, e antes que possa dizer mais alguma coisa, somos interrompidos.

— Estela? — Daniel entra na sala e seu rosto é de pura confusão. — O que você está fazendo aqui?

Não sei por que, mas reajo e me levanto de supetão do sofá, o que certamente passa uma impressão completamente equivocada – como se tivesse sido pega no flagra, ou algo assim. E pela cara que Daniel olha do Cage para mim, tenho a confirmação de que ele não pensou nada de bom.

Droga.

Droga.

Mil vezes droga.

CAPÍTULO 18



DANIEL

Posso contar nos dedos a quantidade de vezes que me arrependi de algo que tinha feito. Agora é uma delas, assim que eu entro no apartamento do Cage – sem aviso –, sou recepcionado por uma cena que não me agrada. Estela está sentada no sofá ao lado dele, e parecem conversar.

Muito próximos, íntimos demais.

Sei que meu amigo está muito bem com a esposa e que não há dúvidas do seu amor por ela, mas essa cena me causa uma pequena pontada de dor. Nunca fui do tipo ciumento, portanto, não é um sentimento com o qual eu me sinta confortável. Não em se tratando de um relacionamento de mais de dez anos baseado em mentiras e traições, onde cada gesto era motivo de desconfiança.

Não, eu não fui um santo durante o meu casamento com Libby, mas só comecei algo quando senti que não éramos mais um casal de verdade. O amor não existia mais, nem cumplicidade ou respeito. Sei que fui um fraco ao traí-la, porém, a pior parte é saber que fraquejei porque deixei nosso casamento chegar naquele nível.

Estela levanta tão abruptamente que é quase cômico. Cage não se move, só aguarda por sua resposta à minha pergunta.

— O que *você* está fazendo aqui? — ela retruca colocando as mãos na cintura.

— Vim ver meus amigos — respondo cruzando os braços.

— E eu o mesmo — rebate séria. Cage bufa impaciente e levanta, parando ao lado de Estela.

— Algum problema, Daniel? — pergunta Cage.

— Nenhum, só estava de passagem. — Não tiro os olhos de Estela enquanto Cage continua ao seu lado, mas não a toca.

— Ótimo, então acho que vocês dois... — Ele aponta para mim e, em seguida, para Estela que o olha apavorado. — Têm muita coisa para conversar — conclui. — Avisarei Erin que precisou ir embora, Estela.

— Obrigada — ela agradece, entretanto, seus olhos parecem dizer mais.

— Acho que não precisaremos mais daquele jantar. — Diz Cage referindo-se ao jantar em que ele havia praticamente intimado a presença da Estela, ela apenas sorri contida.

Cage acena para mim e segue para o corredor que dá acesso aos quartos, Estela finalmente volta a me olhar.

— Podemos conversar em outro lugar? — pede e eu concordo. Ela pega sua bolsa e logo estamos saindo do apartamento do Cage em um silêncio desconfortável.

É Estela quem faz sinal para chamar o táxi, e é ela quem passa o destino. Estamos indo para a sua casa. Durante o caminho, não trocamos uma palavra. Ela está pensativa e retraída, então, prefiro dar espaço para que ela fale quando se sentir pronta.

Porque algo me diz que ela tem muito a falar.

Quando o táxi para, eu pago a corrida, e ela não espera que alguém abra a porta; simplesmente sai do carro. O taxista me dá um sorriso fraco, sentindo a situação desconfortável. Provavelmente está acostumado a levar casais brigando.

Mas a questão é que não somos um casal brigando. Eu nem sei o que somos ainda.

— Preciso de um banho e trocar de roupa — diz assim que abre a porta. — Ainda estou vestida com a mesma roupa de ontem. — Quero responder que eu sei, e que não me importo.

— Fique à vontade, vou te esperar por aqui. — É o que digo. Ela morde o lábio e percebo sua indecisão. — Quer me perguntar alguma coisa? — encorajo.

— Acho que primeiro preciso de um banho, mas se quiser me esperar no quarto... não tem problema.

— É melhor eu ficar por aqui mesmo — respondo e ela me olha confusa. Por que resolvi ser um babaca agora? Não faço ideia, só que não consigo parar de vê-la sentada praticamente encostada ao Cage.

— Tudo bem. — Ela começa a andar em direção à escada, acedendo as luzes ao passar. Onde está o Javier? E o cachorro? Estranho que o lugar esteja tão calmo.

Minha resposta vem literalmente a galope. Antes mesmo de ela chegar no primeiro degrau, o cachorro desce em disparada as escadas em direção à dona. Ela agacha para o acariciar e sorrir é inevitável diante da cena.

— Espero que tenha se comportado. — Ela afaga sua cabeça e a beija, depois começa a subir as escadas. Ela não olha uma vez sequer para trás.

Fico parado enquanto a vejo subir, o cachorro – se notou minha presença – me ignorou, porque a acompanha sem a menor cerimônia. Quando escuto a

porta se fechar, o que ela não faz de forma silenciosa, vou para a sala e sento no enorme sofá.

A coisa é tão confortável que quando sento, fecho os olhos me lembrando desse dia terrível, e não reparo o tempo passar. De repente, minhas narinas são invadidas pelo cheiro de flores. Abro os olhos e a vejo. Estela está parada bem na minha frente, usando um vestido amarelo, de alças finas, que vai até o meio das coxas.

Olho o seu decote, e vejo uma tatuagem na clavícula.

I don't care what they do

Estela leva a mão até a tatuagem quando sente meu olhar naquele lugar, mas não tenta escondê-la. É como se ela mesma tivesse esquecido que aquela frase estava ali.

Estendo a mão e ela a aceita, e a puxo devagar até mim. Ela não argumenta quando fica em pé entre as minhas pernas. Então eu a abraço, faço isso lentamente para que assimile o meu movimento. Quando encosto o rosto em sua barriga, ela toca o meu cabelo. Um suspiro involuntário escapa dos meus lábios. Esse gesto, depois do dia infernal que tive, é tudo que eu precisava.

— Pergunte como foi o meu dia — peço. Não, na verdade, eu imploro.

— Como foi o seu dia? — pergunta e eu a abraço mais apertado. Suas mãos não param de acariciar o meu cabelo, e respiro fundo. Nossa, ela cheira tão bem.

— Um inferno. — Ergo o rosto para encontrar o seu. — Um inferno — repito quando me lembro da documentação que deixei na minha mesa, lembro da criança que nesse exato momento está no hospital. — Fui um idiota com você mais cedo, me desculpe.

— O que pensou quando entrou lá?

— Em tudo. No meu passado, no seu passado com Cage. Pensei em muitas coisas, Estela. — Sou sincero.

— Não temos nada, Daniel — responde.

— Eu sei que não temos, é só que...

— Cage e eu não temos nada — ela me corrige e suas mãos seguram meu rosto. — Sou muitas coisas, menos uma traidora.

— Eu fui um. — Balanço a cabeça. — Quer dizer, acho que sou um. — Dou uma risada nem um pouco humorada. — Porque nada do que eu fizer, mudará o que foi feito no passado.

— Daniel. — Ela senta no meu colo, sem sair do meu abraço. — Não quero seus arrependimentos. Eu só quero a sua sinceridade, e enquanto tivermos isso, ficaremos bem.

— Sei que você quer conversar, mas...

— Quer passar a noite aqui? — ela me interrompe.

— Tudo bem por você?

— Fiz o convite, não fiz? É claro que está bem. — Sorri abertamente.

— Se eu te pedir um beijo, você me dá? — Acaricio o rosto dela e seus olhos se fecham com o carinho. — Se eu pedir para dormir com você não só hoje, você aceitaria?

— Daniel...

— Se eu pedir para começar um relacionamento, algo sério, Estela... Você diria sim? — Ela abre os olhos.

— Acho que você não sabe o que está falando, nós mal nos...

— Não termine essa frase. Eu tive um relacionamento de anos com a garota que conheci na escola, e como ele terminou? O que você ia dizer é verdade. Só que não me importo, porque quero aproveitar cada momento que tivermos juntos para te conhecer.

— A minha história não é bonita. E você tem um filho. — Estela tenta sair do meu colo, mas eu a seguro. Ela olha em minhas mãos segurando sua cintura.

— Me desculpe. — Eu afasto as mãos dela. — Não nos conhecemos, mas estou disposto a tentar. Sei, por exemplo, que fica tensa com movimentos bruscos. — Ela pisca surpresa. — Sei que para qualquer tipo de contato físico, você precisa tomar a iniciativa. Caso contrário, pode ser um gatilho. — Ela engole em seco e eu estendo a mão na altura do seu rosto, com a palma voltada para ela. — Sei que você não confia em muitas pessoas, eu também não. Tinha certeza de que relacionamentos sérios estavam fora de cogitação para mim, mas você conseguiu jogar isso tudo pela janela com um beijo. — Estela ergue a mão até a minha, e nossas palmas se tocam. — Quero que a mulher mais forte e bela que eu já conheci mande tudo para o inferno; minhas incertezas, meu passado e meus erros.

— Não sou tão forte assim, Daniel. — Olho em nossas mãos.

— Sabe o que eu mais escuto na ONG? — Ela balança a cabeça negativamente. — Que existem dois tipos de mulheres: as fortes e as que ainda não descobriram a sua força.

— E quanto às inseguras? — questiona, e eu entrelaço nossos dedos.

— A gente apoia. — Seguro firme a sua mão.

— Se eu disser sim, o que pretende fazer em relação à advogada? — Demoro um pouco para processar suas palavras. Quando entendo, abro um enorme sorriso.

— Jura que se lembrou da Alexia agora? — Ela dá de ombros. — Então

tenho uma namorada ciumenta?

— Não exagere. — Ela bate de leve no meu peito. — Você tem uma namorada inteligente. — Ela dá o sorriso mais lindo.

— E quando a minha namorada vai me beijar?

— Promete segurar a minha mão? Não importa o que acontecer? — Olho para nossas mãos entrelaçadas.

— Prometo que vou segurar a sua mão, mesmo se não quiser segurar a minha. — Trago nossas mãos até a boca e beijo a dela antes de continuar: — Essa é a hora que você beija o seu namorado.

Fecho os olhos, sorrindo. E não demora para que eu seja arrebatado por um beijo de tirar o fôlego. E as roupas.

CAPÍTULO 19



AYRA

Acordo com o corpo enroscado ao dele, que dorme pacificamente. Depois de ter certeza de que Javier não estava em casa, Daniel fez questão de “batizar” cada cômodo. Começando pelo sofá, passando pela sala, depois em pé encostado na porta do meu quarto. Em pleno corredor.

Sorrio ao pensar na cara de Javier se ele aparecesse naquele momento.

Porém a melhor parte disso tudo é saber que ele respeita meus limites, não foi preciso comentar das luzes, ou de como eu gosto de tirar a roupa sozinha. Daniel esperou meu tempo, e eu admiro isso.

Minha liberdade de escolha foi tirada uma vez. Desde que me libertei daquele inferno chamado “casa”, nunca mais permiti que um homem tirasse a minha roupa, ou que me tocasse sem meu consentimento. Confesso que nem sempre foi fácil, algumas pessoas têm dificuldades em entender que uma mulher tem desejos e voz, e que um “não”, não tem outro significado a não ser não.

Olho para Daniel dormindo de bruços, as pernas estão descobertas e posso apreciar a tatuagem de dragão, uma tatuagem que ele fez pensando em mim. Instintivamente, ergo a mão até a minha clavícula, tocando a tatuagem que ele estava observando ontem. Uma frase que significa tanto, e que foi feita logo depois que saí de casa.

Era basicamente um “foda-se” para a minha mãe e para o meu padrasto, porque eu realmente não me importava mais com o que faziam. Suspiro olhando para o teto, tenho que contar tudo para ele, preciso confessar coisas que não consigo pronunciar em voz alta. E antes de tudo, eu preciso dizer o meu verdadeiro nome. Quase travei quando o ouvi gemendo e dizendo Estela repetidas vezes. Porém fico apavorada só de imaginar como reagirei ao ouvi-lo gemendo meu verdadeiro nome.

Somente uma pessoa fez isso. E eu odiava cada segundo.

O barulho da vibração do celular traz meus pensamentos de volta à realidade, franzo o cenho ao olhar o visor vendo quem é. Minha mãe não poderia

ter escolhido melhor momento.

Saio da cama devagar para não acordá-lo, calço as pantufas que estão ao lado da cama, e estremeço de frio antes de vestir o robe que está na poltrona. Com o celular na mão, entro no banheiro.

— Você tem que ter um bom motivo para me ligar a essa hora da manhã, em um domingo. E usando o próprio número — digo rispidamente.

— E você pelo visto continua a mesma mal-humorada de sempre. Ainda não é uma apreciadora da manhã, minha filha? — Argh.

— Não, e você sabe o motivo. Muitas horas acordada à noite quando se é criança pode fazer isso com uma pessoa.

— Ainda com essas besteiras, Ayra? — Tiro o aparelho do ouvido e encaro a tela incrédula. Por que eu atendi essa merda?

— Diz o que quer de uma vez, assim eu posso voltar logo a dormir em paz.

— Estive pensando... Será que poderia me enviar mais...

— Não — eu a corto.

— Ayra, sou a sua mãe! — diz exasperada. — As despesas aumentaram, e desde que o...

— Não diga o nome daquele demônio — respondo mais alto do que pretendia.

— Eu sei que você tem alguma coisa a ver com a morte dele, Ayra. Não negue, sei que naquele dia ele foi te visitar porque queria fazer as pazes. Acabar com as mágoas do passado.

— *Mágoas do passado?* — Estou chocada. — Aquele monstro não veio conversar! Ele veio me fazer uma proposta, quer saber qual? — Não a espero responder. — Ele queria ter um relacionamento comigo. Você está ouvindo bem? Disse que eu já era adulta e que agora não tinha mais problema. Está me ouvindo, porra?! Seu precioso marido foi até a minha casa para me estuprar! — berro as últimas palavras e atiro o celular dentro do vaso sanitário, e depois dou descarga.

— É aí que você merece ficar, *mamãe*. — A porcaria do aparelho não desce, óbvio! É grande demais. Mas as lágrimas que agora molham meu rosto, estas, sim, descem livremente.

Antes que eu caia sentada no chão, derrotada, sou amparada por ele. Daniel me segura firme nos braços enquanto eu me permito chorar conforme minha mente começa a vagar por outro mundo, um mundo que não desejava voltar nunca mais.

— *Como você pode dizer uma coisa dessas? Ele é seu pai, Ayra!*

— *Ele não é meu pai!* — grito enquanto ela me arrasta pela escada. Ela

para assim que chegamos na porta do meu quarto e olha com nojo para o meu corpo. Depois o desdém toma conta de seus olhos.

— Você quer roubar ele de mim? — Dou um passo para trás, me desvencilhando de suas mãos.

— O quê? — Meus olhos abrem tanto que ardem. — N-Não! Como é que é? — Fico tão chocada que não consigo falar nada coerente.

— Suas roupas curtas! Ele disse que sempre as usa em casa, andando e provocando. Você nem sequer usa um sutiã! Onde estão todos os que comprei? — Olho para o meu corpo esguio, eu mal tenho peitos.

— Mãe, por que não acredita em mim? — choramingo.

— Você não vai roubá-lo de mim, Ayra. Entendeu? Não vai! — Ela abre a porta do quarto e me empurra para dentro. Caio próxima à cama e me encolho quando ela bate a porta e, em seguida, ouço o barulho do trinco.

Choro por causa de suas palavras, mas, ao mesmo tempo, fico aliviada ao saber porque ele não entrará aqui essa noite. Ele nunca entra quando estou de castigo.

Só que eu estava errada, minha mãe pegou o turno da noite naquele dia e quando abri os olhos durante o sono, o monstro estava lá.

Na minha cama.

Em cima de mim.

E dessa vez, não foi igual as outras. Não me tocou apenas com as mãos, ele me machucou conforme repetia o meu nome baixinho no meu ouvido. Ele entrava em mim tão forte que eu não era capaz nem de gritar de tanta agonia.

— Ninguém vai ter o que é meu, Ayra — avisou antes de sair do quarto, me deixando na cama com a camisola enrolada na cintura, de olhos arregalados e com a alma e o corpo machucados.

Ayra.

Ayra.

Ayra.

Eu só conseguia pensar nessa palavra.

— Ayra! — sussurro agarrada a Daniel. — Ayra, Ayra, Ayra — repito várias vezes.

— O que está acontecendo? — pergunta preocupado. Porém sei que estou muito longe para dar qualquer resposta. Saio dos seus braços praticamente o empurrando para longe.

Daniel se assusta com a minha reação repentina, e antes mesmo que ele possa dizer alguma coisa, eu tiro o robe que cobre o meu corpo e fico nua.

— O que você está fazendo?

— Quero que me olhe — respondo rispidamente.

— Estela... — Ele tenta se aproximar, mas estendo a mão o parando.

— Por que não me olha como todos os outros?

— Do que você está falando?

— Do meu corpo! Por que não olha para ele, Daniel? — pergunto. Daniel não está olhando para o meu corpo, seus olhos estão fixos nos meus. — Você sempre me olha nos olhos, nunca no meu corpo. Todos os outros sempre prestam atenção no meu corpo primeiro.

— Não estou interessado só no seu corpo — responde sério. — Pensei que isso tivesse ficado bem claro na noite passada.

— Não posso aceitar. — Balanço a cabeça.

— Com quem você estava falando? O que está acontecendo, Estela?

— AYRA! — grito. — Essa que está diante de você é a Ayra, Daniel. — Uma lágrima rola pela bochecha. — Essas tatuagens? — Aponto para as linhas eternizadas no meu corpo. — São da Ayra. — Esse cabelo? — Seguro uma mecha. — É da Ayra. As malditas cicatrizes? Cada uma delas é...

— Seu nome é Ayra — conclui, entendendo. Solto a respiração que eu nem sabia que estava prendendo.

— Sim, meu nome é Ayra. — Ficamos nos encarando por alguns minutos até que ele toma a iniciativa.

Ele ergue a mão do mesmo jeito que fez na noite passada, e espera. Meu coração dispara com a incerteza.

— Não sou a mulher ideal pra você — digo ainda olhando em seus olhos.

— Mas eu nunca quis a mulher ideal. — E, então, seu olhar finalmente passa por todo o meu corpo. — Eu quero a Ayra, com todas as tatuagens e cada cicatriz. Eu a quero por inteiro, se ela ainda me quiser.

Daniel permanece com a mão erguida. Olho em volta, ainda estamos dentro da droga do banheiro. Estou nua na frente dele, e mesmo assim, observando sua palma erguida pacientemente, não me sinto exposta. Pelo contrário, acho que nunca me senti mais segura.

Quando a minha mão toca a dele, e nossos dedos se entrelaçam, tenho absoluta certeza de que meu dragão vai me manter protegida.

Daniel me pega nos braços e me carrega de volta para cama. Eu o deixo cuidar de mim, porque é exatamente o que preciso nesse momento. A conversa com a minha mãe, a lembrança do meu passado e a confissão do meu nome... É muita coisa para um dia só. Preciso me sentir cuidada, pelo menos, uma vez.

Daniel deita ao meu lado e nos cobre com o edredom, ele não permite que eu me afaste, e nem quero isso. Deixo que ele me abrace, deito a cabeça em seu peito e fecho os olhos ao som das batidas do seu coração. Que está tão acelerado quanto o meu.

CAPÍTULO 20



AYRA

Acordo com o barulho do chuveiro. Apalpo a cama ao meu lado e não sinto Daniel, porém, minha mão encontra um bilhete no travesseiro. Pego o pequeno pedaço de papel e sorrio um pouco incerta ao ler o que está escrito.

Quer namorar comigo, Ayra?

— Você está me transformando em uma adolescente sonhadora, Daniel!
— murmuro enquanto continuo olhando para o papel na minha mão.

Não percebo o momento exato em que ele sai do banho, mas assim que nossos olhares se encontram, eu me permito absorver a imagem à minha frente. A toalha está enrolada na sua cintura de maneira desleixada e as gotas de água escorrem pelo ombro. Ele não está sorrindo, está esperando a minha resposta para a sua pergunta.

Não sei explicar direito, mas Daniel fala através dos olhos. *Será que alguém já lhe disse isso?* Seguro firme o papel na mão antes de abrir a boca.

— Você tem certeza? — questiono mais uma vez, erguendo o papel para que ele não tenha dúvidas do que estou falando. Mesmo que meu coração grite para que ele diga sim, meu lado racional, o lado que sabe que vou desmoronar novamente – mais cedo ou mais tarde – quer gritar para que ele desista dessa ideia maluca.

— Já desistiu de um sonho? — pergunta ao se aproximar. Sento na cama e Daniel faz o mesmo.

— Não diga que sou um sonho, Daniel. — Minhas palavras saem amargas. Perdi as contas de quantas vezes minha mãe fez questão de dizer que eu era o seu maior pesadelo.

— Não, você não é. Para ser sincero, acho que você é algo que eu nunca nem sequer cogitei em sonhar, Ayra.

Ayra! Daniel diz meu nome de forma tão natural, sem hesitar. Seus olhos sempre tão sinceros me encaram com expectativa.

— Tudo bem — respiro fundo —, mas eu vou avisando, odeio

mensagens insistentes de bom-dia ou apelidos fofos. — Daniel ri alto e depois me abraça. Ele deita meu corpo novamente, pairando sobre mim.

— Sem apelidos fofos, eu prometo. — Ele traça o contorno do meu rosto com os dedos.

— E sobre as mensagens de bom-dia? — brinco.

— Quando não acordarmos juntos, sempre vou querer saber se você dormiu bem. Portanto, não prometo nada — Meu coração acelera com as suas palavras, há tantas promessas às quais temo me apegar.

— Você é um homem especial, Daniel. — Toco seu rosto e ele me beija suavemente.

— Então acredito que somos perfeitos um para o outro, porque você também é especial.

— Especial em que sentido?

— Em todos que importa. — Beija meus lábios mais uma vez. — Em todos que eu preciso.

Sorrindo eu o puxo para um beijo mais profundo. Saboreando seu gosto, ele não parece se importar nem um pouco que ainda não escovei os dentes. Esse pensamento errático me faz sorrir, interrompendo nosso beijo.

— O que foi? — pergunta curioso, e não consigo controlar a risada.

— Você acabou de tomar banho, escovou os dentes e eu simplesmente devorei sua boca sem um pingo de pudor. Com certeza meu hálito matinal não está dos melhores agora.

— Acha mesmo que isso vai me parar agora que começamos? — Há um brilho travesso em seus olhos, e minhas mãos começam a vagar dentro da toalha. Daniel tem uma bunda digna de prêmio. Sem vergonha nenhuma, eu a aperto. — Você joga muito sujo. — Ele beija meu pescoço.

— Eu sei — afirmo e antes que eu possa falar mais alguma coisa, a sua boca cobre a minha de novo e não tem mais lençol ou toalha entre nós.

Apenas pele. Suor. E o cheiro inebriante de sexo.



Estou trocando de roupa quando o sinto se aproximar. Depois do sexo, Daniel recebeu uma ligação da irmã, aproveitei o momento para lhe dar um pouco de privacidade enquanto decidi tomar banho.

— Você tem pernas de atleta — comenta ele, olhando para as minhas pernas. Estou usando um short jeans, então ele tem uma visão perfeita.

— Gosto de me exercitar quando tenho tempo. — Dou de ombros.

— E do que mais você gosta? — Cruza os braços e se apoia na porta; sua

pergunta não soa curiosa, Daniel parece realmente interessado.

— Isso é um jogo de perguntas e respostas? — Pego uma camisa simples de algodão, já que pretendo ficar em casa o dia todo, e visto.

— Não, apenas quero conhecer um pouco mais sobre você. Quero conhecer a Ayra. — Respiro profundamente, sabia que ele traria esse assunto à tona. Não se descobre que a namorada tem outro nome e simplesmente deixa para lá. Principalmente se essa informação vem depois de uma crise no banheiro.

Instintivamente coço os braços. Não percebe que estava me arranhando, até que ele para meu movimento.

— Você está se machucando. — Olho para os meus braços, que estão vermelhos e arranhados. Droga, ele tem razão.

— Desculpe, eu nem percebi, é só que...

— Você ainda se machuca? — Ele é direto, caramba. De repente, meu *closet* parece muito pequeno. E quente.

Desvio dele para sair e entrar no quarto. Preciso de um pouco de ar para ter essa conversa. Daniel me segue pacientemente.

— Você viu todas as verdades que eu escondo, elas estão por todo meu corpo, Daniel. — Viro para encará-lo. — Perguntei se tinha certeza de que queria continuar comigo.

— E eu perguntei se você ainda faz esse tipo de coisa, não estou tentando te julgar, eu só q...

— Quer me ajudar? — concluo sua frase. — Pode não gostar do que vou dizer agora, mas não tenho salvação. Acredite em mim, você não é o primeiro a querer tentar.

— Há muitas maneiras de ajudar pessoas como você.

Dou uma risada sarcástica e sento na beirada da cama, olho para ele e com a mão, aponto para que ele se sente ao meu lado.

— O problema de pessoas como *eu*, é que não há mais danos físicos a serem reparados. — Olho para em seus olhos para ter certeza de que está acompanhando meu raciocínio. — Minha destruição vai além do corpo, Daniel, e não sou um projeto ou um *caso de sucesso* a ser estudado.

— Nunca sugeri esse tipo de comparação tosca. — Seu tom é duro. Mas quando ele segura minha mão, seu dedo mindinho enlaça o meu e eu tento conter as lágrimas. — Prometo que não é isso que você significa pra mim, já disse que não salvo princesas.

Não salva, você as queima, penso. Porque não há chance alguma de eu sair ilesa desse relacionamento. Daniel vai queimar o pouco que sobrou de mim até só restar cinzas, e por pior que seja esse pensamento, ele não me repele. Ao contrário, eu quero isso; quero que tudo pelo qual eu me transformei, vire pó. E,

quem sabe só assim, eu poderei ser quem sou de verdade.

— Nunca quis ser salva — digo a ele. Não é bem por aí, eu já desejei isso, muito. Até o dia em que precisei salvar a mim mesma.

— Talvez seja exatamente por essa razão que eu esteja me apaixonando por você. — Ele não larga a minha mão, ainda estamos com dedos entrelaçados, nossa promessa de mindinho. Olho para o seu rosto, e em seguida para as nossas mãos, tentando buscar alguma reação que denuncie que o que acabou de dizer seja um equívoco. Porém, Daniel é mais esperto. — Não minto a respeito dos meus sentimentos, acho que essa é a primeira coisa que você deveria saber sobre o seu namorado.

Namorado? Apaixonado? Muita informação em tão pouco tempo, muitos sentimentos envolvidos quando pensava que isso já não fazia parte do jogo. Do meu jogo, pelo menos.

— Consigo ouvir sua cabeça fervilhando com tantos pensamentos — brinca antes de beijar minha mão. — Por enquanto, só preciso saber de uma coisa.

— O que quer saber?

— Como você está? Ou melhor, quero saber como a Ayra está se sentindo e, se possível, gostaria de saber o que causou o episódio de mais cedo.

Merda. Quem disse que namoros são fáceis?

— Acho que eu preciso de um tempo para digerir tudo. — Sou sincera. — Mas prometo que vamos conversar sobre o que você quiser, só não hoje, por favor. Tudo bem assim?

— Você é uma ótima negociadora.

— É por isso que vocês me contrataram. — Sorrio e eu o abraço, impulsivamente. Daniel se surpreende por um segundo, mas logo se recompõe e retribui o gesto. — Obrigada — sussurro em seu ouvido. — Obrigada por apenas ser você.

Beijo seu rosto e me afasto. Posso jurar que ele parece tímido com meu agradecimento. Isso traz um sorriso ao meu rosto.

— Vou buscar David na casa da Manu agora e depois vamos almoçar, gostaria de ir?

— Não acha cedo? Quer dizer, David perdeu a mãe faz pouco tempo, não seria desconfortável para ele? — pergunto nervosa, mas então percebo que posso ter me equivocado. Será que ele me apresentaria como namorada? Ou amiga? David já me conhece, então a segunda opção seria a mais adequada. — Desculpe, eu fui boba — eu me apresso em corrigir meu erro. — Sei que me levaria como sua amiga.

— Não pense, de forma alguma, que sairemos desse quarto feito dois

adolescentes que estão se escondendo dos pais. — Ele me olha sério. — Tudo que falei e o que aconteceu aqui é verdadeiro e eu quero que se repita, todos os dias, enquanto nós dois quisermos.

— Não me faça arrepender dessa escolha, Daniel. Ou eu juro por Deus que castro você. — Ele ri da minha ameaça. — Estou falando sério.

— Eu sei, e é por isso que eu tenho certeza de que me apaixonei pela mulher certa. — Ele segura meu rosto e me beija intensamente. — Agora vamos, ou meu plano de almoçar fora precisará ser adiado.

— Vou trocar de roupa — aviso, sem fôlego.

— Está perfeita, e vai passar a tarde me torturando com essas pernas.

— Esse é um bom motivo para manter o short, então.

— O melhor de todos. — Daniel se inclina e beija minha coxa, quando ergue o rosto seu olhar é de pura luxúria.

Droga, a ideia de adiar o almoço nunca foi tão tentadora.

Obrigo meu corpo a se mexer, escolho ficar com o short porque saber que isso o deixará excitado a tarde toda, me deixa com tesão. Porém nem sob tortura irei com a camiseta estampada: “dia de faxina”. E quando entro no *closet* para escolher o que vestir, sinto o estômago revirar com o pânico.

Respiro fundo algumas vezes controlando a respiração quando a realidade do que estou prestes a fazer me atinge igual a um tsunami.

Estou apavorada, com medo de um almoço com uma criança de doze anos. Não era meu perfil sentir receio de algo; fecho negócios todo santo dia com empresários importantes, e agora, estou literalmente tremendo diante da possibilidade de rejeição quando David souber que seu pai e eu estamos namorando.

Deus do céu, onde foi que eu me meti?

CAPÍTULO 21



DANIEL

Não paro de pensar em tudo que aconteceu mais cedo, a forma como a encontrei naquele banheiro, Ayra estava transtornada. *Ayra!* Repito seu nome mentalmente para memorizá-lo. Não conversamos a respeito de como ela prefere ser chamada daqui para frente, mas, a não ser que ela me peça o contrário, eu a chamarei por seu verdadeiro nome.

Ayra. Preciosa e destemida Ayra.

Não há nada que eu não admire nela. Nada que possa me afastar dela. Porque agora que eu a tenho, não serei capaz de deixá-la.

Desço as escadas em direção à cozinha, porém, quando estou na metade dos degraus, eu me recordo de uma coisa.

— Puta merda! — Levo a mão até a cabeça. — Droga, droga! — xingo, e olho para cima sem saber se volto para o quarto ou se a aguardo na cozinha.

— Está conversando com alguém ou só se autoelogiando? — O mordomo interrompe meus pensamentos.

— Falando sozinho. — Minhas palavras saem mais rudes do que eu pretendia, e vejo seu rosto se contorcer. Legal, se ele não gosta de mim, certeza que esse sentimento não mudará agora. — Me desculpe, não quis ser rude, só me lembrei de algo importante. — *Transar sem camisinha, por exemplo.* Desço o restante dos degraus até ficarmos frente a frente.

Ele me encara cauteloso, depois olha para a escada com o cenho franzido.

— Onde está a minha estrela? — Ele cruza os braços de uma maneira intimidadora, porém, é engraçado.

Ele está vestindo um robe vermelho, bastante chamativo.

— Se arrumando, vamos almoçar fora — respondo diante do seu olhar excruciante.

— Nossos domingos são de relaxamento — diz mais para si mesmo colocando a mão no queixo. Tento manter a expressão séria, mas está sendo quase impossível. — O que você fez para convencê-la a sair? Espere, não

responda. — Ele não me deixa abrir a boca. — Isso vai acontecer sempre? — pergunta fazendo um gesto com o braço esticado para frente e o movimenta de cima a baixo, referindo-se a minha presença.

— É o que pretendo.

— Hum! — continua sua análise. — Gostei de você, a maioria dos homens se intimidam com mulheres como ela, isso não parece ser o seu caso.

— Do que estão falando? — Ayra nos interrompe antes que eu possa responder.

— Nada — respondo quando ela para ao meu lado, envolvo o braço por sua cintura e a beijo no rosto.

— Merda, eu gostei mesmo de você — resmunga ele e Ayra me olha interrogativamente.

— Javier, vou almoçar fora e devo voltar tarde, tudo bem?

— Sem problemas, *cariño*. Pretendo fazer uma maratona de exercícios que consistem em levantar o controle remoto e a colher de sorvete. — Ela ri.

— Parece um bom plano. Onde está Bradok? — Ayra olha ao redor, mas não tem sinal do cachorro.

— Ele está sendo um cachorro, deixe-o fazer as coisas dele.

— Certo, apenas certifique-se de que não se matem até eu voltar, entendido? — Ayra beija seu rosto e nos afastamos.

— Até mais, Javier — despeço-me e tenho quase certeza de que ele xinga em espanhol.

— Podemos ir no meu carro, tudo bem pra você? — pergunta ela enquanto caminhamos até a garagem.

— Nenhum, quer que eu dirija?

— Não precisa, gosto de dirigir. — *Ela precisa estar no controle*, penso.

— Perfeito, enquanto isso posso verificar alguns e-mails que ainda não foram respondidos.

Ayra abre a porta que dá acesso a garagem e eu me surpreendo com sua pequena coleção. Qualquer pessoa apaixonada por motores estaria encantada. Ela tem duas motos, uma BMW, uma Harley, três carros; sendo um SUV, um conversível e outro menos suntuoso. O meu palpite é que o seu favorito é o último, pequeno e discreto.

Ouçõ um alarme apitar e o farol do SUV acende. Abro a porta do motorista e a espero se acomodar, em seguida, dou a volta e ocupo o banco do passageiro.

— Você lembra do apartamento onde nos encontramos naquele jantar?

— Claro, é para lá que vamos? — Faço que sim com a cabeça e ela dá a partida.

— Se incomoda se eu trabalhar um pouco? — pergunto não querendo ser rude.

— Fique à vontade.

Ayra liga o som, mas deixa no volume baixo. Enquanto ela dirige até a casa da minha irmã, eu verifico os e-mails. Há alguns da ONG que ainda não tinha visto, três novos casos deram entrada e precisarão de assistência jurídica. Gemo de frustração, a quantidade de casos que envolve violência doméstica cresceu significativamente. As ações de resgate podem ter cessado, por hora, só que os casos de mulheres agredidas e que procuram a instituição em busca de apoio é muito preocupante.

Marco todos como prioridade para que eu lide com eles assim que chegar ao escritório amanhã, depois envio uma mensagem a Jared pedindo atualização sobre a menor que deu à luz. Ele não me responde de imediato e eu guardo o aparelho.

Olho para Ayra e percebo que sua boca se movimenta sem emitir qualquer som, ela está cantando a música, e mesmo imersa em sua própria bolha, parece não querer me atrapalhar.

— Pode cantar em voz alta — aviso e ela me olha de soslaio.

— Nem pensar, você já teve muito de mim em pouco tempo, cantar não está no nosso acordo. — Ela me dá um ligeiro sorriso, e eu contendo a vontade de beijá-la.

— Acho que preciso rever essas cláusulas, ou que tipo de advogado seria se eu não fizesse um que me beneficiaria?

— Sem chances. — Ela balança a cabeça, negando.

— Tem certeza?

— Acho que com você eu não tenho certeza de nada, Daniel. — Ela vira o rosto na minha direção quando o carro para em um sinal; eu ligo o foda-se se estamos no meio do trânsito e a beijo com vontade.

Nosso beijo só acaba, quando o barulho das buzinas insistentes se torna insuportável.

— Esses caras deveriam ter uma namorada igual a você, assim não estariam tão estressados em pleno domingo.

Ayra ri alto e sai com o carro. O restante do trajeto é regado a música suave e conversa banal.

CAPÍTULO 22



AYRA

Nenhum evento social que eu tenha frequentado antes poderia ter me preparado para um momento como este. A palma da minha mão está suando, e meus dedos parecem congelados de tão frios.

— Pare de surtar, Ayra, David já te conhece — repito para mim mesma pela terceira vez em poucos minutos.

Quando chegamos, pedi a Daniel para esperá-los no carro. Ele entendeu meu nervosismo, e me garantiu que eu não precisava me preocupar com nada. David é um bom garoto, e não veria problema.

— É apenas um garoto, só isso — continuo com meu monólogo. — Vocês vão se dar bem, ele gosta de jogos e eu posso sempre comprar doces, crianças gostam de doces, certo?

— Tudo bem? — Pulo no lugar quando Daniel abre a porta e interrompe meus devaneios. Faço o máximo para dar um sorriso convincente e respondo:

— Tudo ótimo. — Daniel franze o cenho e percebo que o “meu sorriso convincente” não deve ter nada de *convincente*. Olho para trás e vejo que David já entrou no carro, ele está colocando o cinto de segurança. — Oi, David — cumprimento e ele sorri para mim.

— Oi, tia Estela — diz animado e eu solto uma respiração que nem eu mesma sabia que estava segurando, minha mão também relaxa no volante.

— Você pode me chamar de Ayra, se quiser.

— É seu nome também? — Ele parece surpreso. Daniel senta no banco do passageiro e apenas observa a nossa interação.

— É sim. Você gosta?

— Achei maneiro, como uma identidade secreta.

— É quase isso. — Sorrio com sua comparação. — Então, aonde vamos almoçar? — pergunto a Daniel. Ele digita algo no celular e depois me mostra a tela.

— É só seguir o mapa.

— Sim, senhor. — Bato continência e ouço David dar risada, não sei se Daniel já conversou com ele a nosso respeito, mas até agora parece tudo normal.

— Tem certeza que você está bem? — pergunta Daniel.

— Absoluta, por quê?

— Você está um pouco pálida. — Olho para o banco de trás e David está distraído com algo no telefone.

— Ele já sabe? — sussurro, Daniel tenta abafar uma risada, mas falha.

— É por isso que está desse jeito?

— Desse jeito como? — finjo que não entendi, e tenho certeza absoluta de que Daniel quer me causar um ataque cardíaco, porque ele destrava o cinto, se aproxima e me beija na boca.

AI. MEU. DEUS.

— Ele sabe — diz assim que sua boca se separa da minha. Estou tão chocada que não consigo dizer nada. Tiro o celular da mão dele, de uma forma não muito educada, e olho novamente o destino antes de engatar a marcha.

Daniel está com um sorriso idiota no rosto e eu me recuso a olhar para o banco de trás. Uma parte de mim quer encher Daniel de perguntas, saber como David reagiu, se está tudo bem. Outra parte quer se encolher e desaparecer do mapa.

Santo Deus, nunca fui uma mulher insegura com homens, e estou apavorada por causa de um, e ele tem só doze anos.



Nosso almoço é tranquilo, David não é um garoto falador, ele é educado e gentil, e talvez, eu esteja apaixonada pelos dois homens Marshall. O restaurante escolhido por Daniel é bem aconchegante e afastado do centro, um ambiente familiar. Do tipo que sempre evitei, a não ser que estivesse na companhia do meu avô. Eu sempre preferi lugares mais requintados, onde as pessoas estão mais preocupadas com o tamanho do próprio ego e mal olham ao redor.

Mas hoje, foi uma experiência que não me deixou desconfortável, mesmo com todo nervosismo inicial, Daniel fez questão de não me excluir em nenhum momento quando interagia com o filho.

Não fiquei desconfortável, até agora.

Quando estaciono o carro na frente do prédio de Daniel, David dispara uma pergunta:

— Vocês vão se casar? Igual ao tio Cage e a tia Erin? — Daniel olha para mim e eu o encaro com um olhar de “não ouse”.

— Faz pouco tempo que estamos juntos, filho, então acho que Ayra e eu vamos permanecer apenas como namorados. — Relaxo. — Por enquanto.

Daniel tem a ousadia de piscar quando diz as últimas palavras.

— Me avisa quando chegar em casa? — pergunta.

— Vou jantar com meu avô, mas aviso assim que chegar em casa.

— Tudo bem, tem certeza de que não quer subir um pouco?

— Acho que esse convite vai ter que ficar para a próxima.

— Tudo bem, vai perder uma mega sessão de cinema em um domingo à tarde.

— Chantagista — reclamo e Daniel dá de ombros.

Nos despedimos com um beijo breve e fico observando enquanto os dois entram no edifício. Daniel mexe com o filho o tempo todo, e antes de desaparecerem de vista, Daniel vira e nossos olhares se encontram. É nesse momento que sinto uma paz que nunca havia sentido.

Um amor que não estava preparada para receber.



— Mudou o cabelo? — meu avô pergunta enquanto jantamos, nego com a cabeça sem tirar a atenção da comida. — Fechou algum contrato bilionário?

— Não. — Dessa vez olho para seu rosto.

— Então quando pretende me contar que está apaixonada? — Deixo o garfo cair em cima da comida, espirando-a por todo lado. Droga!

— O que disse? — pergunto, devo ter ouvido errado. Começo a limpar um pouco da sujeira na tentativa de disfarçar minha reação.

— Você é mais inteligente do que isso. — Meu avô limpa a boca cuidadosamente. — Passou um bom tempo conversando comigo hoje sobre como vai assumir seu verdadeiro nome de agora em diante, e tinha um brilho diferente no olhar.

— Mas... — Ele ergue a mão indicando que ainda não terminou.

— Fora que a cada cinco segundos enquanto come, você olha para o celular. E da última vez que conferiu o aparelho, sorriu feito boba.

Merda, ele estava certo, eu sorri quando apareceu uma foto de Daniel na tela, ele enviou uma selfie fazendo beicinho, com a legenda “estou com saudade”. Impossível conter o sorriso.

— Ayra? — meu avô chama minha atenção.

— Desculpe. — Tomo um gole de água antes de continuar: — Pode ser... Bem, talvez eu esteja me apaixonando por alguém.

— Acho que você caiu nas garras do amor antes mesmo de perceber.

— Como sabe disso?

— Porque quando sorriu daquele jeito, eu soube na hora que ele tinha uma parte do seu coração, e quando me contou que ia assumir novamente o seu nome, eu tive a certeza de que ele já o tem por inteiro.

O-oh! Fui descoberta!

Suas palavras me pegam de surpresa. Largo o guardanapo, levanto e vou até ele. Não preciso dizer que se trata de Daniel, ele sabe, meu avô me conhece como ninguém.

— Ele sabe? — pergunta cauteloso.

— Mais do que qualquer um já soube algo a meu respeito.

— Então ele merece a minha benção. — Meu avô me abraça apertado. — Eu te amo, minha Ayra.

— Eu também te amo.

— Me desculpe por não ter estado com você quando mais precisou — murmura ele com a voz embargada e eu me afasto para olhar em seus olhos.

— Não diga isso, quando eu mais precisei, você foi o único que estendeu a mão. — Ele se emociona e eu seco uma lágrima que rola pelo seu rosto. — Posso te pedir uma coisa?

— Qualquer coisa.

— Posso dormir aqui hoje? — Ele sorri.

— Só se fizer pipoca e assistir filmes antigos comigo.

— Fechado.

Ele me abraça e ficamos assim por um longo tempo, e eu começo a perceber que a minha dor nunca foi só minha.

CAPÍTULO 23



DANIEL

Tenho uma teoria para a minha situação atual, David está com o ânimo renovado desde que assumi meu relacionamento com Ayra, e isso já faz três semanas. Não conseguimos nos ver todos os dias, ela ainda se recusa a dormir na minha casa por causa de David, mas passo pelo menos duas noites com ela durante a semana, quando geralmente David vai para a casa da Manu ou do Cage.

Meu amigo está feliz; Erin e Ayra estão mais próximas e saindo para almoçar com frequência. O que me enche de orgulho, minha mulher é uma força a ser reverenciada.

Minha mulher. Balanço a cabeça para afastar esse pensamento, tenho pensado dessa forma ultimamente. Ela não é um objeto, ou um bem. Acho que me castraria se eu, pelo menos ousasse tratá-la dessa forma, porém, existe algo que não posso negar. Quero estar com Ayra pelo tempo que ela desejar, e torço para que seja pelo resto de nossas vidas, e a prova disso está no anel de compromisso dentro da caixa em cima da minha mesa.

Cedo demais? Talvez, mas quando se tem um histórico como o meu, brincar com o tempo não é atraente.

Só que a minha teoria é de que a paz não é algo que eu consiga ter por muito tempo, e mais uma vez, a prova disso é o furacão em forma de Alexia que entra na minha sala e joga uma pilha de documentos na mesa.

— O que diabos está fazendo? — Olho para a pilha.

— Você nos obrigou a fechar negócios com uma empresa cuja a dona nem mesmo usava o verdadeiro nome. — Alexia parece furiosa.

— Não mexa nisso, Alexia — advirto e me levanto da cadeira.

— É ela, não é? É por causa dela que não me procura mais, por causa dessa tal “Ayra” — Alexia pronuncia o nome como se fosse uma maldição.

— Você está sendo irracional.

— IRRACIONAL?! — grita. — Você se envolve com uma mentirosa suicida e eu sou a irracional aqui?

— De que merda você está falando, Alexia? — rosno.

— Leia a porcaria dos papéis, Daniel. — Olho para a pilha de papéis. Droga, não acredito que Alexia fez isso.

— Você revirou o passado dela... — murmuro chocado, sem reconhecer a mulher na minha frente.

— É com esse tipo de mulher que quer se envolver? É esse tipo de exemplo que você quer perto do seu filho?

— Você não tem nada a ver com a minha vida, Alexia. Nem com a vida da Ayra, muito menos com a do meu filho — digo furioso.

— Você já sabia, não é? — Ela me encara. — Jesus! Você perdeu a razão?

— Acho que quem perdeu a cabeça aqui foi você, Alexia. — Reúno os papéis e jogo dentro da gaveta. — Dê o fora daqui. — Aponto para a porta.

— Um dos registros consta que ela foi abusada, mas nunca houve denúncia formal. Que tipo de perversões tem na cabeça daquela mulher? Já parou para pensar nisso?

— E que tipo de perversões tem na sua? — eu grito com ela. — Nada te dá o direito de mexer no passado de alguém, muito menos de julgar o que aconteceu. Merda, Alexia, você tem noção do que fez? Quer ser presa por isso?

Ela hesita com a minha ameaça, então seus olhos vão para minha mesa, e pousam bem na caixa de veludo. Caralho! Ela é mais rápida e logo está abrindo a caixa e me encarando incrédula.

— Isso só pode ser piada — ironiza enquanto tira o anel da caixa e eu me contenho para não arrancá-lo da sua mão.

— Coloque-o de volta.

— Ou então o quê? — ameaça. Alexia olha em volta e quando eu penso que nada mais vai me surpreender, ela pega o abridor de cartas.

— O que está fazendo?

— Tirando qualquer possibilidade de você me deixar.

Antes que eu consiga assimilar o que ela diz, Alexia começa a cortar o tecido da blusa. Ela faz isso com força, ferindo o braço e busto no processo.

— Você enlouqueceu? — Tiro o abridor de cartas da mão dela e a seguro pelos braços, Alexia me dá um olhar gélido, e depois ela grita.

CAPÍTULO 24



AYRA

Vejo uma grande confusão quando entro no escritório onde fica a empresa de Cage e Daniel. Agendei uma visita de última hora com meu amigo e decidi fazer uma surpresa para o meu namorado. Mas quem acaba surpreendida sou eu.

As pessoas parecem assustadas, e quando olho na direção da sala do Daniel, o que quer que esteja deixando todos nervosos, vem de lá.

Merda.

Ignoro tudo a minha volta e corro até lá. A cena que eu me deparo é no mínimo chocante. Vejo uma loira tremendo e segurando um copo com água, sentada em um sofá sendo amparada por outra mulher. Daniel está andando de um lado para o outro. Desnorteado.

— Daniel? — chamo sua atenção, mas quando ele para de andar e me olha, sei que tem algo de muito errado acontecendo aqui. Seu olhar é de puro medo.

— Ayra, e-eu... — Sua voz falha e ele olha para a loira sentada no sofá, que agora consigo reconhecer, é a advogada que estava com ele no dia em que fechamos o contrato, mas ela está irreconhecível com a maquiagem toda borrada e a blusa rasgada e suja de sangue.

— Você é um monstro, Daniel! — ela o acusa e eu a observo sem compreender direito. — Você disse que me amava, que íamos nos casar. Você é um monstro! — grita entre soluços e dou um passo para trás.

— Alexia, você está passando dos limites — adverte ele.

Alexia joga o copo com água no chão e levanta furiosa.

— Foi você quem passou dos limites quando me agrediu. — Ela tira algo do dedo e atira isso nele. É um anel, um anel de noivado?

Daniel nem percebe o movimento porque seus olhos estão focados em mim.

— Eu quero ir embora — diz ela entre lágrimas.

Olho para o seu estado; tremendo, chorando. E não consigo dizer outra coisa além de:

— Você precisa chamar a polícia. — Eu não olho para Daniel, estou tão enojada com tudo que estou vendo que simplesmente não consigo, mas ouço quando ele pragueja.

— Isso é tão humilhante — Alexia choraminga tentando se cobrir. — Só quero ir para casa.

— O que está acontecendo? — Cage entra na sala e congela assim que seus olhos pousam em Alexia. — Santo Deus, o que aconteceu com você? — questiona e vai até ela.

— Tive uma discussão com seu amigo e não terminou muito bem.

— O quê? Não sei que diabos está tentando ganhar com isso, Alexia, mas já foi além da insanidade, até mesmo pra você — diz Daniel exaltado.

— Todos pra fora — Cage pede para os funcionários que estão na sala, metade parece estar aqui e a outra metade na porta observando tudo. — PRA FORA! — Todos começam a correr, e quando eu me movo, Daniel diz:

— Você pode ficar, Ayra.

— Não preciso fazer parte disso, Daniel, já vi e ouvi o suficiente.

— Merda! Você fica, Ayra — Cage resmunga e vai até a porta, ele a fecha e me impede de sair. — O que realmente aconteceu aqui, Alexia?

— Já disse: Daniel me agrediu.

— Isso não aconteceu! — Daniel dá um passo à frente, mas Cage entra na frente dele.

— Você precisa se acalmar.

— Ela está mentindo, porra! — esbraveja, suas palavras foram para Cage, mas ele olha diretamente para mim.

— Alexia, o que você quer fazer? — pergunta Cage.

— Só quero ir para minha casa.

— Você sofreu uma agressão, precisa prestar queixa na polícia — digo e ela me olha, há raiva em seu olhar, mas eu a entendo.

— Já passei humilhação demais hoje, não preciso passar por mais.

— Tem certeza? — insiste Cage.

— Claro que ela tem certeza, porque essa merda toda não passa de uma mentira — dispara Daniel.

— Nós temos uma história, Daniel, é por respeito a isso que não irei à polícia. Isso foi um mal-entendido.

— Uma agressão nunca é um mal-entendido. — Entro no meio da conversa, e novamente recebo um olhar reprovador dela. O que tem de errado com essa mulher?

— Com licença. Já chega por hoje, conversamos depois, Daniel. — Ela vira e sai da sala nos deixando boquiabertos.

— Você não ouse falar com ela sozinho, Daniel — avisa Cage, Daniel apenas assente.

— Vou embora — digo e Daniel se apressa.

— Precisamos conversar. — Ele toca meu braço e eu me retraio, ele nota e se afasta. — Acha que te machucaria? — diz ele atordado.

— Daniel, dê um tempo pra ela. — Cage coloca a mão no ombro do amigo, mas ele se afasta.

— Pare com essa merda conciliadora, Cage. Eu só quero saber se ela acredita em toda essa baboseira. — Ele não precisa ouvir as palavras, ele vê em meus olhos. — Porra!

Daniel vai até a mesa e atira um vaso de vidro na parede. O barulho me assusta e eu ofego, assustada, e Cage não demora para tentar contê-lo.

— Pare com isso, você está a assustando.

— Ela já acredita que sou um monstro mesmo. — Há tanta dor quando ele me olha que não consigo mais conter as lágrimas, que caem pelo meu rosto.

— Você tem que entender que o que vimos aqui não foi nada favorável a você — argumenta Cage, Daniel solta uma gargalhada sarcástica.

— Vai me dizer que também acredita na Alexia? — pergunta ele em tom de ironia. — Não seria a primeira vez que você engole uma mentira.

Antes que Daniel possa dizer mais alguma coisa, Cage está em cima dele. O baque do corpo colidindo com a parede é alto. Cage o está segurando pelo colarinho.

— CAGE! — grito para que ele pare.

— Não ouse descontar suas frustrações em cima de mim, entendeu bem?

— Ou o quê?

— Não teste a minha paciência, Daniel.

— Agora você falou igual ao Luke — murmura Daniel, mas antes que Cage perca a paciência, eu me coloco entre eles e o empurro.

— Já chega, vocês estão indo longe demais. — Daniel e Cage se encaram, mas Cage é o primeiro que recua.

— Não acredito que essa confusão toda está acontecendo. — Daniel parece cansado, eu nunca o vi assim.

— O que ela disse que aconteceu foi aqui, na sua sala? — pergunta Cage mais calmo.

— Sim, foi aqui mesmo. — Daniel passa a mão no cabelo parecendo frustrado.

— Ótimo. Porque no fim de semana passado mandei instalar novas

câmeras de segurança, e tem uma bem ali.

Cage aponta para um canto na sala, todos nós olhamos ao mesmo tempo. Ele tem razão, há uma pequena câmera de vigilância no canto alto da parede.

— Por que nunca soube que estava sendo vigiado? — questiona Daniel.

— Não tive tempo de avisar a todos sobre isso, é só por medida de segurança.

— Excelente. Não preciso de provas para uma certeza que eu já tenho. Mas acho bom você enviar uma cópia para a sua amiga, quem sabe assim, ela não para de me olhar com tanto horror e nojo nos olhos.

Daniel vira outra vez para me encarar e sai da sala sem dizer mais nada. Meu coração dói com suas palavras, minha cabeça se recusa a acreditar que tenha sido uma farsa, e meu coração está confuso.

— Ele não fez isso, Ayra — diz Cage ao me abraçar, eu me deixo consolar. — Ele não é capaz de fazer algo desse tipo, não é o Daniel que eu conheço. — Ele segura meu rosto com as mãos para eu o olhar nos olhos antes de continuar. — Não é o Daniel que você conhece.

— Ninguém acreditou em mim quando contei sobre o meu padrasto, Cage. Ninguém acreditou que Luke fosse capaz de fazer o que fez com Erin — digo entre soluços. — Meu coração está em pedaços, Cage, só que você sabe melhor do que eu, que não sou mais uma mulher que se deixa levar apenas por palavras.

— Eu sei.

— Eu o amo, Cage, mas se o que aconteceu aqui for verdade, se há a mínima possibilidade de Daniel ter feito algo do tipo, eu vou me amar mais.

Limpo as lágrimas com a mão, beijo o rosto do meu amigo e vou embora. Daniel está longe de ser visto, não faço ideia de onde possa ter ido, porém, sei que não desejo vê-lo, pelo menos não por enquanto. Preciso ir para casa, para o meu refúgio. Preciso controlar as emoções antes que eu acabe fazendo algo que irei me arrepender.

Assim que entro no carro, meu celular toca. É a Manu, irmã de Daniel, eu me debato por um momento se devo atender ou não. Ela foi a primeira pessoa, depois de David, que soube do nosso relacionamento, e é ela quem fica com o sobrinho quando precisamos de um tempo só nosso. Eu devo isso a ela.

— Oi, Manu. — Contenho o tom de voz, sempre fui muito boa em disfarçar o que estou sentindo, mas dessa vez, um nó na minha garganta deixa isso mais difícil de fazer.

— Ayra! Graças a Deus você atendeu. — Ela está apavorada, minha pele se arrepia com um mal pressentimento.

— O que houve?

— Estou tentando falar com Daniel, mas ele não atende. Ai, meu Deus!

— Manu, o que houve?

— David... e-ele... — Ela começa a chorar — Ele se machucou no jogo.

— Onde vocês estão? — Manu passa o endereço do hospital e eu sigo para lá, sem chance de eu não estar ao lado desse garoto agora.

Ela não me disse a gravidade do machucado, porém, parecia bem angustiada. Não deve ter sido um arranhão à toa.

Demoro mais do que o previsto para chegar no hospital, não acho vagas para estacionar e já estou irritada por ficar dando voltas. Desisto, e decido parar o carro de qualquer jeito.

— Senhora! — Um segurança me para quando saio do carro. — Não pode estacionar aqui, precisa dar a volta.

Olho para o estacionamento lotado, avisei a Manu que estava tentando estacionar, então ela já está me esperando. Olho para as chaves na minha mão e entrego para o segurança.

— Toma, fica com ele então. — O homem me olha assustado, como se eu fosse uma maluca. Mas eu apenas sorrio e saio correndo em direção à porta do hospital. Sou informada onde fica a emergência e saio apressadamente. Vou tão rápido que quase esbarro em uma enfermeira com uma bandeja cheia de injeções.

Estremeço. Odeio essas agulhas.

Encontro Manu sentada em uma cadeira na frente de uma sala. Alívio inunda seus olhos assim que ela me vê.

— O que aconteceu? — Vou até ela e a abraço.

— David caiu durante o treino e fraturou o braço — diz chorosa.

— Ele está bem?

— Sim, o pirralho parece feito de aço. — Sorrio — Desculpe por ter assustado você, sou muito controlada, mas não lido bem com crianças machucadas.

— Não se preocupe. — Sento ao seu lado e seguro a sua mão. — Onde David está?

— Colocando o gesso. — Aponta para a sala. — Não consegui ficar lá, o médico é um gato, mas eu estava passando muito mal. — Abafo uma risada. — Você pode ficar lá com ele? Estou tentando falar com Daniel, mas o idiota do meu irmão não me atende.

— Eu fico com ele, tá bom? — Mudo de assunto, não quero falar de Daniel.

— Obrigada.

Deixo Manu e vou até a sala onde David está sendo atendido, o gesso já

foi colocado e tem uma enfermeira com ele. O garoto sorri assim que me vê.

— Olha só você, temos um braço novo aqui? — Toco no gesso.

— Tia Ayra!

— Como você está? Sente dor? — pergunto para ele, mas olho para a enfermeira em seguida. — Ele está bem?

— Está ótimo, se comportou como um homenzinho. — Sorri. — Já está tudo certo e o médico já deu alta.

— Hora de ir para casa, moleque. — Bagunço seu cabelo e o ajudo a descer.

Pego a receita com a enfermeira e nos despedimos. Manu sorri ao nos ver e abraça David ainda chorosa, ele revira o olho para o gesto dramático, o que me faz sorrir porque eu também estou revirando os olhos.

Na saída, um segurança – nada contente – me aguarda, ele balança a chave do meu carro na minha frente.

— Me desculpe. — Pego a chave.

— Não volte a deixar o seu carro desse jeito, ou chamarei o reboque. Era só avisar que seu filho estava na emergência que daríamos um jeito — diz gentil. Minha boca abre e fecha várias vezes e não sei o que dizer, olho para Manu que está sorrindo, e então olho para David, seus olhos brilham com expectativa.

— O-Obrigada — gaguejo.

— Tenha mais cuidado, garoto. — O segurança bagunça o cabelo de David. — Sua mãe entrou parecendo uma louca aqui, disse inclusive que eu poderia ficar com o carro dela.

David e Manu me olham assustados, dou de ombros como se não fosse nada demais. Mas era, o segurança tinha razão, meu coração estava frenético sem saber a gravidade do machucado, e eu precisei me segurar para não agarrar David nos braços e não soltá-lo mais quando vi que foi apenas o braço.

A gente se despediu e fomos para o estacionamento onde o segurança informou que meu carro estava. David e Manu brincam com a situação e tentam rir junto, mesmo que por dentro esteja uma bagunça, mesmo que meus pensamentos agora estejam em Daniel.

Manu não conseguiu falar com ele, e para completar, ela tem um compromisso urgente com um cliente e me pede para ficar com David. Todos os meus argumentos para negar o pedido dela se esvaem quando eu olho para ele.

Seu sorriso ainda está lá, mas não é o mesmo de agora pouco. Ele pode ser uma criança em seus doze anos, mas agora, ele está claramente com dores. Precisa da mãe, uma que ele não tem mais. E eu sei o que é não ter uma mãe por perto quando estamos com dor.

David dorme o caminho todo para casa, acredito que seja por causa dos

medicamentos. Antes de chegarmos, parei na farmácia e comprei seus remédios, tudo em dobro, só por precaução.

— Que tal fazermos umas tatuagens legais nesse gesso enquanto esperamos seu pai chegar? — Minhas palavras são o suficiente para trazer seu sorriso descontraído à tona e espantar o sono. Estamos no apartamento de Daniel, mas ainda não tive notícias dele, não sei ao certo se Manu conseguiu contato, mas em todo caso, enviei uma mensagem para Cage caso eles se encontrassem.

— Está com fome? — Vou até a geladeira conferir o que tem disponível, não sou mestre na cozinha então fico realmente perdida aqui.

— Sabe cozinhar?

— Posso te contar um segredo? — Ele fica curioso com a minha pergunta e acena com a cabeça. — Não sei nem cozinhar um ovo.

David explode com uma gargalhada diante da minha confissão.

— Dentro da gaveta tem um monte de cardápios de restaurantes, é só escolher um.

— Ah, eu te amo. — Sopro um beijo e abro a gaveta, ele está certo, tem um monte de cardápios. — Então, o que vai ser?

— Qualquer um que tenha bolo de sobremesa.

— Já disse que te amo? — brinco com ele.

— Já. — Ele ri. — Eu também te amo, tia Ayra.

Meu coração para ao ouvir suas palavras e eu congelo segurando o cardápio no ar.

— O que disse? — Minha pergunta sai mais como um sussurro.

— Que eu também te amo. Não como o meu pai, claro, ele beija você na boca, eca. — Faz cara de nojo, só que eu ainda estou tão perplexa com o que ele disse que nem consigo sorrir. — Mas eu te amo como amo a tia Erin, a tia Manu. Essas coisas. — Ele dá de ombros como se isso fosse óbvio. — Você está bem? — pergunta, então percebo que estou chorando. Limpo os olhos com a mão rapidamente.

— Não é nada, são as cebolas.

— Você não está cortando cebola — diz confuso.

— É só saber que tem cebolas por perto que eu já choro, é isso.

— Você é estranha.

— Eu sei.

— Gosto de estranhos. — Sorri.

— Vamos para a sala, moleque, antes que eu te deixe sem almoço.

Ele ri e vamos para o sofá, David liga a TV e peço nossa comida. Do jeito que ele pediu, com bolo de sobremesa. E assim passamos o restante da

tarde, comendo bolo e assistindo séries. Não demora muito e ele está dormindo com a cabeça no meu colo. Seu gesso está todo rabiscado com desenhos que eu fiz – ou tentei fazer – já que ele achava graça sempre que eu terminava um. O bolo de chocolate está pela metade, mas culpo a minha ansiedade e o apetite dele, mesmo eu tendo comido a maior parte.

E antes que eu perceba, também estou dormindo segurando a mão dele. Desejando que a maior parte desse dia não tenha passado de um pesadelo.

CAPÍTULO 25



DANIEL

Meu dia havia sido um inferno, um verdadeiro pesadelo e eu só queria chegar na minha casa, fechar os olhos e apagar as últimas horas. Desliguei o celular pouco antes de sair do escritório, Alexia foi embora, mas começou a me bombardear com mensagens.

Queria que eu fosse até a casa dela, teria que ser muito idiota para cair em um jogo desses. Fui direto para o abrigo; trabalhar sempre mantinha minha cabeça no lugar, mas quando cheguei lá, percebi que meu dia mal havia começado.

Jared e Zelda estavam me repassando algumas informações. A menina que tinha sido violentada pelo pai e teve um bebê, rejeitou a criança. Ela estava mentalmente instável, então a mãe decidiu dar o bebê para adoção. Isso partiu meu coração de inúmeras maneiras. Pela menina e pelo bebê. O pai dela estava foragido, assim, as duas estavam no abrigo sob proteção da justiça.

A humanidade às vezes é uma merda.

Somente no final do dia, quando estou indo para casa, é que ligo o celular. Quase não consigo acompanhar a quantidade de mensagens e ligações perdidas. A maioria são de Manu.

Droga!

— Manu? O que houve? — pergunto preocupado assim que ela atende à ligação.

— Nossa. Daniel, liguei pra meio mundo tentando falar com você! — diz irritada.

— Desculpa, estive ocupado o dia todo, o que aconteceu? Meu celular está cheio de mensagens suas.

— David se machucou no jogo mais cedo. — Merda!

— Onde ele está? Está com você? — pergunto nervoso.

— Ele está na sua casa, a Ayra está com ele.

— Ayra?

— Sim. Ayra, a sua namorada. O que você tem, Daniel? Ela foi a

primeira pessoa que consegui falar e foi muito gentil da parte dela ter corrido para o hospital.

— Ela está com ele esse tempo todo?

— Sim, precisei sair porque tinha um compromisso com um cliente, então pedi para ela ficar com ele até você aparecer. Fiz mal?

— Não, não é isso, só estou um pouco atordoado. Como ele está?

Manu conta tudo o que aconteceu; desde o acidente, o médico que era um gato, e de Ayra quase dar o carro para o segurança devido à pressa de chegar até o meu filho. Sorrio quando Manu conta da preocupação dela, e de como ela parecia tranquila e tomou as rédeas da situação. Mesmo magoado pelo fato de ela não acreditar em mim, estava orgulhoso por ela ser o tipo de mulher que não coloca a raiva acima de tudo. Ayra colocou meu filho acima do que aconteceu entre nós, mesmo com todos os seus medos em relação a mim, e estava agora na minha casa, cuidando do meu filho como uma leoa. Como uma mãe, coisa que mesmo a dele nunca fez.

Libby era o tipo de mãe que gostava de ostentar as conquistas do filho. Seus troféus no futebol, suas boas notas, seus brinquedos caros. Mas no quesito amor, meu filho nunca soube o que é ter uma mãe que lhe contasse histórias para dormir, ou que se preocupasse com a sua felicidade.

Quando Manu termina toda a sua narração dos acontecimentos, eu já estou no elevador do meu prédio. E assim que entro no apartamento, vejo que a TV está ligada. No sofá, meu filho dorme aconchegado com a cabeça no colo da mulher da minha vida.

Eles não percebem minha presença, parecem estar em um sono profundo. Na mesa, tem um bolo de chocolate pela metade, e uma bagunça de pratos e copos. Acho que fizeram uma pequena festa. Saio da sala com cuidado e pego um cobertor para cobri-los, noto que o gesso do David está cheio de desenhos e sorrio quando vejo um que parece ser um dragão, ou a tentativa de um.

Depois de cobri-los, junto toda a sujeira, tomo banho e pego uma bebida. Sento na poltrona da sala e fico os observando enquanto dormem. Acho que se o chão tremesse agora, esses dois não acordariam, nem soltariam a mão um do outro, que notei estarem bem unidas.

Fecho os olhos apreciando o sabor do uísque. Droga, depois desse dia, seria capaz de tomar uma garrafa inteira. Mas não faço isso, não com as duas pessoas mais importantes para mim, dormindo juntas no sofá da sala. E mesmo que ela não acredite em mim, mesmo que nunca mais queira me ver, esse momento ficará gravado na minha memória porque nenhum pai se esquece do que fazem por seus filhos, seja bom ou ruim. E vê-los assim é – porra – a melhor coisa que eu poderia pedir para terminar meu dia.



— Daniel? — Ouço um sussurro e um toque leve no ombro.

— Oi?! — Pisco ainda desnortado de sono.

— Não acha melhor levá-lo para a cama? — Ayra está parada na minha frente. Nossa, como queria abraçá-la agora.

— Desculpa, acho que dormi mais do que pretendia — respondo e saio da poltrona, ela dá um passo para trás me dando espaço para passar.

— Não tem problema, também dormi demais, acordei com meu celular. — Parece constrangida. — Coloquei um alarme para avisar dos horários dos medicamentos, ele precisa tomar um agora.

Porra, tem como amar mais essa mulher?

— Certo, vou acordá-lo então.

— Vou pegar os remédios, não quer levar ele para a cama?

— Sim.

— Tá, encontro vocês no quarto. — Ela me dá um sorriso fraco e se afasta. Meus olhos seguem seus movimentos. Por mais que tivesse dormindo, Ayra parece exausta, ela fecha os olhos e respira profundamente antes de prender o cabelo em um coque desleixado. Ainda está usando as mesmas roupas de mais cedo. Merda, eu me sinto um imbecil por não a ter acordado mais cedo, um imbecil egoísta.

— Ei, garoto, hora de acordar — chamo David que resmunga um pouco. — Vamos, você está um pouco grande para eu te carregar no colo, não acha?

— Ah, pai, quero ficar aqui.

— Nem pensar, pode machucar seu braço. — David resmunga mais um pouco, mas faz o que peço. Eu o acompanho até o quarto, rindo um pouco porque ele vai cambaleando de sono até lá.

— Trouxe o remédio. — Ayra chega com um comprimido na mão e um copo com água.

— Obrigado. — Dou a David, que resmunga de novo, mas logo fecha os olhos e adormece.

— Ele está bem? — pergunta ela preocupada. — Sem febre ou algo assim?

— Ele está bem, e sem febre. Obrigado por ter tomado conta dele.

— Não foi nada, eu deveria ter feito melhor. Colocado ele para dormir na cama, por exemplo. — Sorri um pouco.

— Ele parecia bastante confortável, garanto a você.

— Acho que já vou indo, tem um papel com os horários dos

medicamentos no balcão da cozinha. Se tiver alguma dúvida é só...

— Não vá... — interrompo-a.

— Daniel...

— Você não precisa ir agora, não no meio da noite. — Levanto e me aproximo dela. — Posso dormir com ele aqui, tem uma cama extra e você pode dormir no meu quarto.

— Não posso.

— Não vou chegar perto de você, prometo. Tranque a porta do quarto se isso te fizer se sentir mais segura, só não vá agora, por favor — imploro.

Parece uma eternidade o tempo que leva para ela me responder, nunca fiquei tão nervoso. Meu sim vem na forma de um aceno de cabeça, é melhor do que nada, eu acho.

— Vou pegar uma roupa pra você dormir, pode me esperar aqui se quiser.

— Obrigada.

Saio do quarto do David e vou até o meu, vasculho entre as minhas camisetas e encontro uma que tenho certeza de que ela ficará confortável. É uma das minhas favoritas, ganhei da vovó em uma das minhas visitas. Quando volto para o quarto, ela puxou a cama de baixo e colocou os cobertores extras.

— Não precisava fazer isso.

— Você parece exausto, e é apenas um agradecimento por roubar sua cama. — Dá de ombros, e eu tenho vontade de gritar *nossa* cama, mas me contenho em apenas agradecer e a entregar a camiseta. — “Grande pai”? — Sorri ao ver o que está escrito na camiseta.

— Nem tão grande assim, mas você sabe como é minha avó, foi um presente dela.

— Acho que ela tinha razão quando te deu esse presente. — Olho em seus olhos e uso todo meu autocontrole para não a beijar, para não implorar que acredite em mim.

— Ayra! — Seu nome sai como um apelo, e eu nem percebo que estou tocando seu braço. — Durma bem — digo e me afasto.

— Você também.

Ela sai do quarto e eu passo o restante da noite acordado, tentando não cair na tentação e bater na porta do meu quarto.

CAPÍTULO 26



AYRA

Não durmo, nem sequer consigo fechar os olhos. Estou na cama dele, rodeada do seu cheiro, abraçada ao seu travesseiro, e simplesmente não consigo dormir. Não menti quando disse que acordei com o alarme do remédio do David, mas omiti que recebi uma mensagem de Cage. Era o vídeo da segurança.

E eu só o assisti quando finalmente tomei banho e troquei de roupa. E agora, depois de ter visto o vídeo pelo menos umas trinta vezes, estou um turbilhão de emoções.

Eu quero correr. Quero gritar. Quero pedir perdão. Quero amá-lo como nunca.

Mas não faço nada disso, eu culpo o meu passado e tudo que vivi, a minha falta de confiança nas pessoas, principalmente nos homens, por me fazer duvidar do meu coração.

Pego o telefone, mas em vez de olhar o vídeo outra vez, eu faço uma ligação. São quatro da manhã, mas ela atende no segundo toque.

— Ayra? — A voz dela está sonolenta.

— Quanto você quer? — Faço a pergunta que ela sempre desejou.

— Filha, o que está acontecendo? — Sinto bile subir pela garganta quando a ouço me chamar de filha.

— Você perdeu o direito de me chamar assim, agora não teste mais minha paciência, dona Irina.

— Quinhentos. — Sua quantia me dá vontade de rir, ela nem hesitou.

— Eu te dou esse dinheiro e você assina um termo se comprometendo a nunca mais entrar em contato.

— Mas...

— É pegar ou largar.

— Certo, de qualquer forma, isso vai me deixar bem por muito tempo.

— Assim espero, porque quando acabar, não haverá mais.

— Você deveria me agradecer, sabia?

— São quatro da manhã, por favor não me faça rir.

— Podia não ter deixado você ir morar com seu avô. — Ela tem a ousadia de falar.

— Podia, mas sabe porque não fez isso, *mamãe*? — Levanto da cama. — Porque sabia que aquele monstro ia continuar preferindo a filha que era uma criança a você.

Céus, eu me sinto nojenta ao repetir essas palavras.

— Você é uma vagabunda, Ayra. Sempre foi.

— Aprendi com os melhores, garanto a você. Mais tarde receberá uma ligação da minha advogada com as orientações para receber o dinheiro. E, mãe?

— O quê?

— Você nunca me pediu perdão, não de forma sincera. Mas sabe de uma coisa? Eu nunca te perdoaria, sabe por quê? — Eu não a deixo responder. — Porque perdão não apagaria tudo o que fez, só deixaria a sua consciência limpa e você não merece isso.

Desligo e tento controlar a respiração. Está feito, esse é o fim para nós duas, e me custou a porcaria de quinhentos mil. Começo a rir da situação, é um alívio não ter que lidar mais com as suas ligações constantes, mas, ao mesmo tempo, é a coisa mais triste que poderia acontecer.

Saio do quarto e vou até a cozinha, preciso de um pouco de água para acalmar os nervos. Água e um remédio para dormir, seria muito bem-vindo. Balanço a cabeça, droga, já faz muito tempo que não tomo essas porcarias, não seria agora que eu voltaria a tomar. Não agora que me livrei de uma vez por todas dela.

Abro a geladeira e pego a garrafa de água, vejo o bolo que Daniel guardou e resolvo pegar um pedaço. Maldita fome da madrugada.

Bebo a água e pego a fatia de bolo com a mão já que estou sozinha e não sou obrigada a seguir nenhuma etiqueta. Só espero não ser flagrada por David, seria um péssimo exemplo. Lembrar dele me faz sorrir, acho que não lembro da última vez que conversei por tanto tempo com uma criança.

— Acho que poderia me acostumar com isso.

— Acostumar com o quê? — Sua voz rouca me faz pular de susto, levo a mão ao peito assustada e acabo sujando a blusa de chocolate.

— Droga, Daniel. Você me assustou.

— Desculpe, não foi minha intenção, acho que estava muito concentrada no bolo e não percebeu minha chegada. — Olho para o bolo e para minha mão suja. Porcaria, esse troço está realmente bom.

— Acho que você tem razão. — Levo o dedo até a boca e limpo o chocolate, é um movimento inocente, mas quando eu vejo como Daniel está me

olhando, toda inocência do gesto vai embora.

— Posso? — Ele aponta para o bolo, engulo em seco e empurro o prato na direção dele, que também não usa talher. Droga, é tão sexy ver um homem, sem camisa, comendo bolo de chocolate às quatro da manhã com as mãos.

— Deus do céu, isso está muito bom — diz gemendo. — O que explica porque vocês devoraram praticamente tudo. — Sorri.

— Culpada! — Ergo a mão. — Mas é bom ouvir isso, porque eu estava pensando que tinha adquirido uma paixão por esse bolo. — Pego mais um pedaço.

— Quero te agradecer novamente por ter ficado com David — diz ele.

— Já disse que não foi nada, fiz o que qualquer mulher teria feito. — Dou de ombros. Daniel olha para o bolo pensativo por um tempo antes de continuar.

— Quando David tinha dois anos, ele escorregou e bateu o queixo no chão. A babá me ligou desesperada, porque estava sangrando. — Ele tira os olhos do bolo e me encara. — Cheguei em casa e o levei ao hospital, foi o Luke que atendeu ele naquele dia. — Ele dá um sorriso triste. — O cara era um filho da puta, mas era um médico muito bom. David levou dois pontos e nem sequer chorou. Quando cheguei em casa, Libby estava lá, ela sabia o que tinha acontecido, mas estava fazendo compras, simplesmente pediu para a babá me ligar. Então, Ayra — ele pega a minha mão —, você não fez o que qualquer uma faria. Fez isso por amor ao meu filho, e isso significa o mundo para mim.

— Eu... — Fico sem saber o que dizer.

— Eu não toquei na Alexia, mesmo que não queira mais me ver, eu só preciso que você saiba que eu não fiz aquilo. Prefiro morrer antes de tocar em uma mulher daquela forma.

— Eu sei disso.

— Você sabe? — pergunta confuso.

— Eu não me envergonho em dizer que eu sei disso porque vi o vídeo da câmera de segurança, Daniel. Também não vou pedir desculpas por ter duvidado, porque essa sou eu, sou a pessoa que sempre tem um pé atrás com os outros.

— Não te culpo por isso.

— Se eu disser também que não me senti mal por ter te julgado, seria uma mentira. Eu me senti péssima, mas não posso prometer algo que sei que não vai mudar, só posso garantir que a partir de agora, eu buscarei a verdade antes de condenar alguém.

— Acho que isso é o suficiente pra mim — diz ele.

— Tem certeza?

— Tenho, sabe por quê? — Ele olha para nossas mãos unidas e sorri, seu

mindinho enrosca no meu. — Porque eu prometo que entre nós só haverá verdades.

— Isso é uma promessa de mindinho?

— É, e você sabe que é inquebrável. — Eu sorrio. — Agora posso fazer uma coisa que estou com vontade desde que soube que estava cuidando do meu filho?

— O quê?

— Te beijar.

— Nesse caso, acho que vou esquecer o bolo. — Dou um passo à frente.
— Você pode me beijar, Daniel.

— Posso? — pergunta brincalhão.

— Sim, pode me beijar e nunca mais parar.

— Bom saber, porque não pretendo parar tão cedo.

Daniel me beija como nunca havia beijado antes, eu saboreio cada momento desse beijo. Sua língua suave tocando a minha é enlouquecedor. E sentir o gosto de chocolate é incrível. Daniel me beija não só com a boca, ele me beija com as mãos. Explorando meu corpo como se há muito tempo não tivesse me tocado, ou como se tivesse recuperado algo precioso. Acho que é a segunda opção.

Ele me ergue enrolando minhas pernas na sua cintura, estou sem calcinha, então quando sinto sua ereção gemo em sua boca. Daniel reage apertando minha bunda.

— Sem calcinha — afirma ele.

— A camiseta é grande.

— Eu amo a minha avó. — Minha cabeça cai para trás dando risada deliciosa e ele beija meu pescoço. — E eu amo você, e farei de tudo para que nunca se sinta insegura ao meu lado.

— Eu também te amo. — Daniel aperta mais a minha bunda e eu volto a beijá-lo, sinto quando ele se movimenta, ouço a porta do quarto abrindo. E logo estou de volta na cama dele.

— Eu quero te amar hoje, nunca tive tanto medo de perder alguém como tive de te perder. Então, vou amar cada centímetro seu, até eu me sentir satisfeito, tudo bem?

— Sou toda sua. — Retiro a blusa e jogo de lado, Daniel não tira os olhos do meu corpo. Ele toca meu seio e eu fecho os olhos.

— Tenho uma confissão a fazer, abra os olhos. — Eu os abro. — Jamais estarei satisfeito, porque nunca vou cansar de ter você.

Sorrio com suas palavras. Daniel olha para a cômoda e pega o preservativo, ele o coloca tão lentamente quanto possível, olhando nos meus

olhos e adorando essa doce tortura que estava fazendo comigo.

Abafo um grito quando Daniel finalmente abaixa e se posiciona entre as minhas pernas. Sua língua é implacável no meu clitóris. E puta merda, quando ele mordisca, eu preciso abafar outro grito porque estou prestes a gozar.

Minhas mãos vão para o seu cabelo e eu paro seu movimento. Quando ele ergue, seu queixo está úmido da minha excitação. Porra, eu tenho vontade de empurrá-lo de volta, mas quero sua boca na minha quando estivermos gozando. Juntos.

— Caralho! — diz quando me penetra. — Eu amo como a sua boceta me recebe. — Ele entra fundo e eu ofego, eu também amo como o pau dele me faz sentir, mas não consigo dizer nada, porque logo sua boca está na minha.

Sinto meu gosto, e chocolate. Eu gozo em meio aos sabores e à sensação de estar completa. Daniel goza logo em seguida, ele não para até que tenha jorrado tudo dele. Sua respiração está errática, seu coração acelerado. Ele fica deitado sobre mim. Eu acaricio as costas do meu dragão enquanto ele acalma o fogo que está ardendo dentro dele. Dentro de nós.



Sempre me vangloriei do meu autocontrole, era raro me permitir ser dominada pelos sentimentos, mas se há algo que me tira do sério, é a mentira. Depois de ter feito as pazes com Daniel, e de ter sido acordada por dois rapazes com uma bandeja de café da manhã. Decidi que era hora de um pequeno acerto de contas.

Não disse para Daniel que sabia sobre o anel, era claro que aquele anel que ela jogou nele no dia da farsa era meu. Então pedi para Cage verificar se o objeto estava na sala. E estava.

Com isso em mãos, consegui o endereço da Alexia – o que não foi uma tarefa difícil. Cage se negou já que imaginava o que eu ia fazer, mas sempre podemos contar com as mulheres nessas horas. E foi Erin que me ajudou.

— Se Cage perguntar, eu nunca te dei isso — avisa ela ao me passar o pedaço de papel com o endereço. Já faz uma semana que a vaca não aparece, Daniel enviou a ela o vídeo de segurança ameaçando processá-la caso entrasse em contato com ele novamente, e ela não fazia mais parte da empresa.

Só que eu queria mais.

— Não se preocupe, isso é um assunto meu — garanto.

— E quanto a sua mãe? Sobre o que você disse no outro dia... — pergunta Erin. Estamos no apartamento dela, eu me ofereci para trazer David hoje para brincar com Liam, ele estava um pouco impaciente em casa, já que

ainda não pode jogar por causa do braço. E desde que eu não saio mais do apartamento dele, caiu como uma luva agora.

— Amanhã ela estará quinhentos mil dólares mais rica.

— Isso é muito dinheiro.

— Não é não, mas ela não sabe disso. — Sorrio, eu pagaria muito mais se ela pedisse, felizmente, não é tão esperta quanto eu pensei.

— Espero que isso não esteja te afetando.

— Confesso que pensei que estaria pior, mas acho que cuidar de um certo rapaz esses dias não tem me dado espaço para pensar muito nisso. — Aponto para David.

— Cage me disse que você está trabalhando em casa para ficar com ele enquanto se recupera — comenta ela com um sorriso brilhante no rosto, o mesmo sorriso que estava estampado no rosto da minha amiga quando foi me visitar há dois dias, e o mesmo tom de voz que Javier tinha quando avisei que Daniel ia buscar algumas coisas minhas. Ainda bem que não disse nada para o meu avô, ou estaria experimentando vestidos de casamento nesse instante.

— Ele é uma excelente distração.

— Filhos são sempre uma excelente distração. — Erin olha para os dois. — Estou apavorada com a ideia de tentar ter outro filho, mas eu sinto que Cage e eu merecemos isso.

— Ainda não entendo porque não contam a verdade para o Liam.

— Luke sempre foi um pai exemplar.

— Ele foi um monstro que dopou uma criança.

— Eu sei, Ayra, mas Liam não sabe, preferimos manter assim até que ele seja mais velho e entenda melhor a dor que Luke causou a todos.

— Admiro vocês por isso, mesmo que aquele demônio não mereça essa consideração, vocês têm meu respeito e no que depender de mim, Liam só saberá a verdade quando estiverem prontos para contar.

— Obrigada — agradece. — Decidi fazer terapia assim que retornarmos de Londres.

— Essa é a melhor notícia do dia. — Vou até ela e a abraço. — Não ficamos curadas, Erin, mas aprendemos a lidar melhor com as nossas dores, e principalmente começamos a nos enxergar de outra forma; não como culpadas ou vítimas, porque no final, somos sobreviventes.

— Estou me apegando a isso, porque eu me culpo todo santo dia.

— Eu sei, porque eu também me culpava. — Ela me abraça mais forte.

— Obrigada por sempre estar aqui.

— Eu disse uma vez, você não está sozinha. E agora eu sei que eu também não estou. — Olho para Liam e David que brincam na sala, quando

David percebe que está sendo observado, ele sorri. E o sorriso dele ilumina meus pensamentos mais sombrios, pois é um sorriso tranquilo, sem medo. O sorriso que toda criança deveria ter.

Deixo David com Erin enquanto vou resolver meu assunto com Alexia. O endereço dela não fica longe do apartamento do Cage, o que não me surpreende, a maluca tem cara de que gosta de luxo.

Quando chego no prédio onde fica o apartamento, penso por um instante se ela vai permitir que eu suba. Até me questiono se devo usar outro nome, mas meu bom senso acaba levando a melhor, e eu gosto da sensação de saber que se ela me deixar subir, abrirá a porta para Ayra.

Meu instinto não falha. Quando o porteiro autoriza minha entrada, eu coloco o anel no dedo, não sou o tipo de pessoa vingativa, mas nesse caso abrirei uma baita exceção.

— O que você quer? — A porta do elevador nem terminou de abrir e dou de cara com ela. Alexia está elegante como sempre, seus braços estão cruzados, mas não em uma postura defensiva. Ela não é do tipo defensiva, ela ataca.

— Vim perguntar se gostaria do número da minha psicóloga — digo com um sorriso.

— Não preciso de conselhos de alguém como você, ou de quem trata pessoas como você — retruca desdenhosa.

— Ah, verdade, quase esqueci que você leu meu arquivo. Como foi o passeio pela minha vida? — Levo a mão até o meu rosto deixando o anel visível. Ela nota, mas se recompõe com rapidez.

— Daniel vai perceber em breve que você não é a mulher para ele, *Ayra*. E quando isso acontecer, é comigo que ele vai passar as noites. Quando ele enjoar dos seus dramas, é atrás de mim que ele virá. Sempre foi assim, ou ele não te contou que estamos juntos desde quando era casado?

Ela sorri presunçosa, e eu avanço para cima. Encurralando-a, e por um segundo, ela se assusta com meu movimento, em seguida, relaxa.

— Vai me agredir?

— Não, mas eu poderia, talvez você mereça mesmo levar uma surra para aprender que com esse tipo de coisa não se brinca. Não se manipula pessoas como você fez, você não sabe o que significa uma mulher ser agredida por um homem, Alexia. E espero que nunca saiba.

— Me solta! — ela grita.

— Eu já estou indo, só queria dizer que sinto vergonha por você, uma mulher que tem tudo para ser um exemplo, não passa de uma pessoa insignificante. — Eu me afasto e a observo, Alexia me encara consternada.

— Eu odeio você, sua vagabunda dos infernos.

— E eu odeio mulheres como você, que ofendem outras pelo simples fato de não aceitar uma rejeição.

— Ele não me rejeitou — retruca furiosa.

— Verdade, o que aconteceu, Alexia, é que Daniel não te amou. — Minhas palavras têm o impacto que eu quero, e vejo quando ela se dá conta disso. — Até nunca mais, Alexia.

Volto para o elevador com a alma lavada e o coração mais leve. Detesto esse tipo de jogo, não se brinca com pessoas como ela fez, se Cage não tivesse as gravações, Daniel provavelmente estaria preso. E o pior, talvez a denúncia teria sido feita por mim.

Aprendi que nunca devemos nos omitir diante do abuso, mesmo que doa, que nos deixe em pedaços, nossa voz é única arma que temos.

CAPÍTULO 27



DANIEL

Tenho um novo propósito, e um novo anel no bolso. Desde que Ayra se tornou uma presença constante na minha vida e na de David, decidi não adiar mais o pedido de casamento. Desta vez, conversei com meu filho antes. Ele não se opôs à ideia, pelo contrário, na sua cabeça, tê-la ali em casa todos os dias já era uma forma de dizer que estávamos casados. Garoto esperto.

Acordar ao lado dela é algo que amo, só que na maioria das vezes, sou eu quem levanta primeiro apenas para ter o prazer de continuar deixando bilhetes no travesseiro. Eu sei que ela ama receber cada um deles mesmo que não diga isso em voz alta, já a observei às escondidas, e vi o sorriso que surge em seu rosto ao ler eles.

Agora estou nervoso porque estou prestes a repetir algo que só fiz uma única vez na vida. Mas sei que dessa vez é para sempre. Ayra não está em casa, então estou na garagem dela com Cage e Javier me olhando de forma divertida.

— Tem certeza do que está fazendo? — indaga Cage.

— Você já fez isso antes? — Javier me olha preocupado.

— Sim. — Aponto para Cage. — E, mais ou menos. — Aponto para Javier, os dois se entreolham. — Vocês querem parar com isso?

— Não está mais aqui quem falou. — Javier levanta as mãos em sinal de rendição.

— Tudo bem, está tudo pronto?

— Sim, o bolo chegou mais cedo, as bebidas estão organizadas e os convidados a caminho. — Javier lista tudo com um sorriso que diz: sou bom no que faço, idiota.

— Certo, vou indo. — Estendo a mão para Javier me entregar a chave da moto, Ayra está na HOAR e foi de carro, ela não faz ideia de que irei buscá-la de moto.

— Quero deixar registrado que se der alguma coisa errada, eu não participei disso. — Javier me entrega a chave da moto um pouco contrariado.

— Ligo mais tarde.

— Boa sorte. — Cage me abraça.

— E vai precisar, porque se ele não se matar no caminho, ela mesma o matará quando o ver na moto dela.

Cage abafa uma risada e eu ignoro os dois, tenho um pouco de dificuldade em ligar a moto, mas logo que consigo, estou acelerando e fora de vista. Não lembro da última vez que pilotei uma moto, e fico surpreso com a facilidade que Ayra tem com esse veículo. Das muitas vezes que a vi nela, é como se fundissem uma a outra.

Assim que paro a moto em frente ao prédio da HOAR, envio uma mensagem a avisando que estou aqui embaixo. Ela não demora a aparecer, e está deslumbrante, de jeans e casaco de couro. Se tivéssemos combinado, não seria não tão perfeito. Ela está sorrindo, mas assim que nota a moto sua expressão muda.

É engraçado, ela realmente tem ciúmes da moto.

— Aconteceu alguma coisa? — questiona preocupada.

— Não, só vim buscar a minha namorada. — Dou o melhor sorriso que posso.

— De moto?

— Sim, ou não gosta de moto? — brinco.

— Isso é algum tipo de teste?

— Não, é só um passeio. E aí, vem ou não vem? — Estendo a mão. Ayra olha para a moto e depois para mim, demora um pouco para que ela finalmente segure a minha mão. Tento não rir diante da sua hesitação. Ela não fica nada feliz, e resmunga quando entrego o capacete indicando que quem vai pilotar será eu. Tenho quase certeza de que ela diz algo sobre me matar se arranhar sua moto.

É estranho a sensação de tê-la perto dessa forma, ela demora a relaxar por, pelo menos, uns vinte minutos. Faço um percurso turístico, passando pelo Bryant Park e pela biblioteca pública. Mas só quando sinto seu aperto na cintura relaxar que eu sigo para o nosso destino final. O Columbus Circle, lugar onde ela se abriu para mim pela primeira vez. Ayra ri quando estaciono a moto e a ajudo com o capacete.

— Então, como foi a experiência? — pergunto a ela que me encara com um olhar feroz antes de me beijar.

— Adorei, mas se não quiser me causar um ataque cardíaco, não use mais a minha moto. — Ela tira a chave da minha mão antes que eu perceba. Adoro essa mulher.

— Eu prometo, mas vou precisar disso para te levar a outro lugar depois. — Pego a chave da mão dela. — Vou cuidar de vocês. — Pisco e ela bate no meu ombro.

— Por que me trouxe aqui? — pergunta enquanto andamos para o centro do círculo e sentamos no mesmo lugar da última vez.

— Gosto daqui, você não? — Seguro a mão dela e beijo.

— Tem algum problema?

— Sim — respondo e a olho, ela parece preocupada. — Estou com um problema enorme e não sei como resolver.

— Então veio até aqui para pensar — conclui.

— Quase isso, na verdade, eu vim aqui para tentar descobrir como eu faço para pedir a mulher da minha vida em casamento. — Olho para ela que tem uma expressão surpresa no rosto. — Pensei em pedir a sua ajuda nisso. Tem alguma ideia? Ela é um pouco independente, e...

— Acho que ela é bastante independente — ela me corrige.

— Ah, sim, muito. E tem um cachorro um pouco irritante também, uma moto lerda.

— Tem certeza de que quer fazer esse pedido ou só irritá-la mesmo? — diz impaciente e eu sorrio.

— Espera, eu estou quase terminando. Sei também que apesar do mulherão que ela é, ela suspira com pequenas coisas como bilhetes no travesseiro — ela sorri —, ou quando David dorme no sofá com a cabeça deitada nas pernas dela. Sei que ela é um exemplo de mulher e de ser humano que eu desejo ter ao meu lado, pelo resto da vida.

— Pelo resto da vida? — Sua voz está embargada.

— Sim, isso se ela disser que sim, é claro. Acha que ela aceitará?

— Contanto que você retire o que disse sobre a moto e o cachorro, acho que ela poderia sentar no seu colo nesse exato momento.

Não espero mais, eu a puxo e coloco sentada no meu colo.

— Quer casar comigo, Ayra?

— Sim. — Eu a beijo sem nenhuma reserva, e quando estamos ambos ofegantes, ela diz: — Podemos ser presos, sabia? — Sorri e passa a mão no meu rosto.

— Então sorte a sua que seu futuro marido é advogado. — Beijo-a mais uma vez e pego a caixinha com o anel. — Última chance para fugir.

— Última chance para desistir do pedido — retruca.

— Sem chance.

— Idem. — Ela sorri e eu coloco o anel no seu dedo, não é nem de longe semelhante ao primeiro, que tinha um diamante. Esse tem um rubi, vermelho, intenso igual a ela.

— Meu Deus, Daniel, ele é lindo — diz, admirando a joia.

— Lindo e único, como você. — Beijo sua mão. Ela pega a bolsa e retira

algo de dentro, não sei porque, mas quando ela mostra e eu vejo o primeiro anel que havia comprado, o mesmo que a Alexia jogou na minha sala, não fico surpreso.

— Então você já sabia do meu pedido?

— Suspeitava, mas sabia que escolheria o melhor momento.

— Estava apavorado, pensando que você recusaria.

— Como eu disse, você soube escolher o *melhor* momento. — Ela me beija. — Ia pedir para Cage te devolver o anel, não precisava ter comprado outro.

— Eu queria que o seu anel de noivado lembrasse momentos bons, e esse anel — aponto para o que ela está segurando —, não traz nenhuma lembrança boa.

Ayra olha para o anel e faz o improvável, ela o joga nas fontes. Jogo a cabeça para trás de tanto rir.

— Você tem que parar com isso — comento.

— Parar de jogar fora anéis caros? — pergunta, confusa.

— Precisa parar de fazer com que eu me apaixone cada dia mais por você. — Beijo seus lábios e sinto o seu sorriso. — Preciso fazer uma coisa.

— Outra?

Levanto e ela me acompanha, pego o celular e faço uma ligação de vídeo. Cage atende no primeiro toque.

— Ela disse sim! — praticamente grito as palavras, e quando mostro a tela para Ayra, ela vê todos os nossos amigos reunidos, inclusive a minha família e o avô dela. Até o cachorro está presente, já que escuto seu latido por causa da gritaria e dos aplausos.

— Parabéns, Daniel, vocês merecem isso — parabeniza Cage e eu agradeço, logo, cada um dos nossos familiares está nos cumprimentando. Quando chega a vez do avô dela, ele pede para que ela se afaste para que possam conversar a sós.

CAPÍTULO 28



AYRA

Estou no meio do Columbus Circle, com o celular na mão e o anel que simboliza um futuro casamento na outra. Estou tremendo e para ajudar tem várias pessoas nos encarando, já que Daniel não foi discreto quando contou que eu disse “sim”. Começo a me afastar um pouco para falar com meu avô.

Quase não acreditei quando Daniel ligou e vi a minha casa cheia de pessoas, eles fizeram uma festa de noivado sem a presença dos noivos. Só meus amigos para fazer algo assim, eu os amo mais do que tudo.

— Oi, vô.

— Oi, minha menina. — Sua voz acalma a tempestade que está dentro de mim. — Eu só queria dizer que estou muito feliz e orgulhoso de você. — Lágrimas começam a rolar pelo meu rosto, e não tento contê-las porque sei que são de felicidade. — Sabia que esse dia chegaria pra você, que o homem certo apareceria na sua vida e ia conseguir silenciar todos os seus tormentos. Nunca deixe que ele esqueça a mulher especial que você é, entendeu?

— Sim.

— Você é preciosa, Ayra, sempre foi. O que arrancaram de você não voltará, mas o que construiu depois disso e a pessoa que se tornou só prova o quanto é uma guerreira.

— Vovô... — choramingo.

— Tenho orgulho de ser seu avô, minha menina. Nunca esqueça disso.

— Jamais.

— E outra coisa, faça um exame desses de farmácia mesmo. Se eu conheço minha neta, tenho um bisneto a caminho.

— O quê? — grito chocada, limpo as lágrimas e volto a falar: — Vovô, você bateu com a cabeça? — Daniel logo está ao meu lado.

— O que houve? — pergunta preocupado.

— Eu disse para ela fazer um teste de gravidez.

— O quê? — Dessa vez é Daniel que se surpreende. — Você está

grávida?

— Não.

— Está. — Meu avô e eu respondemos ao mesmo tempo.

— Vovô, de onde tirou essa ideia maluca?

— Do seu apetite descontrolado. Eu não acredito que ninguém tenha percebido que você parece uma formiga comendo doce o tempo todo — ele me repreende fazendo cara feia. — Já dei meu recado, e você sabe que jamais erro nessas coisas, boa viagem.

Meu avô desliga e Daniel e eu nos encaramos perplexos.

— O que ele quis dizer com viagem? — pergunto.

— O que ele quis dizer com gravidez? — retruca Daniel.

— Não estou comendo muito — respondo na defensiva, mas quando olho para Daniel, ele está com sorriso idiota no rosto. — Ai, droga, eu estou comendo muito.

— Vem, tem uma farmácia no caminho para o aeroporto. — Ele pega minha mão.

— Vamos mesmo viajar? — Ainda estou em estado de choque.

— Tanto quanto vamos ter um filho.

— Você está muito seguro disso, transamos sem camisinha somente uma vez.

— Só bastou uma vez para David nascer.

— Você tem algum tipo de superesperma? — Congelo no lugar quando a possibilidade começa a se tornar real.

— Ei, você está bem?

— Na verdade, não. — Pisco algumas vezes e me sinto tonta. — Estou apavorada — confesso.

Daniel sorri e pega a minha mão, ele entrelaça o dedo mindinho no meu e eu começo a chorar, compulsivamente, como uma maldita mulher grávida cheia de hormônios malucos.

— Eu prometo que vou segurar a sua mão, mesmo quando você não quiser. — Ele faz nossa promessa de mindinho e puxa o meu corpo, eu me agarro ao dele. — Prometo ser tudo aquilo que você precisa, Ayra.

Ele sussurra o meu nome, e é a primeira vez que ele o pronuncia assim, no meu ouvido. Daniel sabe como eu tinha aversão àquilo, e sempre evitou sussurrá-lo quando estávamos fazendo amor.

Mas agora, meu nome saiu de seus lábios feito uma promessa.

A promessa de que tudo ficará bem.

EPÍLOGO



Olá! Sei que chegou até aqui provavelmente com o coração na mão, pensando em tudo que aconteceu com a Ayra. Arrisco dizer que esteja suspirando pelo Daniel – e sim – ele é o homem que toda Ayra merece ter ao lado. Sei também que esperava começar a leitura do epílogo através da perspectiva de um dos personagens principais da história, mas... Eis que você se depara com a autora...

Certo dia estava assistindo a um filme com o meu filho, era um daqueles sem o final claro. Logo, meu filho soltou sua frustração: “Nossa, não tem aquelas cenas do tipo... *Três anos depois...*”, foram as palavras dele, então, eu disse que talvez o final daquele filme tenha sido assim por mostrar algo mais próximo da realidade, e que não podemos prever o que acontece no futuro.

Eu sei que gostariam de ver as famosas cenas pós-créditos, uma passagem com o casamento, talvez? Filhos? Daniel e Ayra com o “felizes para sempre” deles. E foi pensando em vocês que trouxe um epílogo diferente, o da vida real. Quero apresentar a todos a pessoa que inspirou a história da Ayra. Ela gostaria de falar com vocês.

AS HISTÓRIAS DE CONTOS DE FADAS QUE AS CRIANÇAS OUVEM, NUNCA FIZERAM SENTIDO.”

Um dia, os contos de fadas fizeram parte da minha vida. Até meus cinco anos, sonhei com o príncipe encantado, mas nunca quis que ele viesse me salvar, porque jamais pensei que um dia precisaria ser salva.

No entanto, ainda na infância, minha vida mudou drasticamente. E descobri o quanto os contos de fada me enganaram. Muitos anos depois, percebi que ninguém poderia me salvar das mãos do monstro.

Não sei exatamente quantos anos eu tinha quando minha mãe conheceu o meu padrasto, porém, eu lembro claramente que aos sete anos, ela expulsou minha avó (a própria mãe) de casa para que ele pudesse morar com a gente. A partir daquele momento, minha vida virou um inferno. Assim que ele se mudou, eu passei a presenciar quase que diariamente o relacionamento abusivo entre ele e a minha mãe; ela tentou várias vezes se suicidar pra evitar um rompimento.

Mas não paramos por aí, infelizmente, dos meus oito para os nove anos, ele decidiu que estava na hora de me “ensinar” algumas coisas, e foi nessa hora que as brincadeiras infantis deixaram de ser divertidas. Não entrarei em detalhes aqui, pois não estou preparada para essas lembranças.

Sei que muita gente vai se perguntar por que eu não contei a ninguém, mas acredite, eu tentei. Porém as ameaças frequentes dele para que eu não dissesse nada para a minha mãe me silenciaram, sem mencionar quando escutava “ela não vai acreditar”. Será que uma criança realmente sabe o que é certo ou errado? Eu, infelizmente, não posso dar essa resposta.

Um dia quando tinha 12 anos, minha mãe perguntou como era o “ensinamento” dele, e eu contei tudo. Então achei que aquele tormento “acabaria”, só que mais uma vez a vida me mostrou que o inferno era onde eu estava. Minha mãe disse que acreditou, porém, hoje em dia, não tenho certeza. Afinal ela preferiu manter o casamento e me proibiu de contar para qualquer pessoa, continuei convivendo com o meu abusador.

E quem dizia que o que era ruim não podia piorar estava muito enganado, porque a partir do momento em que a minha mãe soube, além dos abusos frequentes, também tive que conviver com as surras diárias. Todas sempre partiam dela, e raramente existia um motivo para isso.

Eu me tornei a “mentirosa”, cada vez que tentava contar a verdade era acusada de provocadora e que precisava parar com aquilo, parar de “mentir”.

Entrei em um ciclo de medo frequente, não sabia em quem confiar e isso resultou na minha primeira tentativa de suicídio. Não sei se agradeço ou não por ter dado errado, porque depois que eu “retornei”, as surras passaram a ser ainda piores.

Existem muitas coisas que minha memória “apagou”, outras que agora, depois de muitos anos, começaram a ressurgir. Até achei que era um truque da minha cabeça fodida, porém, infelizmente não era. Em uma dessas recordações, eu me lembrei do dia em que uma assistente social da escola decidiu conversar comigo depois que arrumei confusão, e eu contei tudo. Estava com 13 anos na época, só que mais uma vez nada aconteceu. Quem acreditaria em uma garota encenqueira de 13 anos, não é mesmo? Se nem a própria mãe fez nada, por que algum estranho faria?

A minha vida se transformou aos 15 anos, quando aconteceu uma discussão com meu padrasto. Ele – graças a Deus – disse que não tinha lugar para nós dois naquela casa, naquele instante larguei tudo e fui morar em São Paulo. Falar que minha vida após a mudança se tornou um mar de rosas seria uma mentira, mas viver ficou mais fácil.

Hoje, anos depois, ainda tem dias que sinto medo e tenho pesadelos.

Ainda escuto de algumas pessoas que a culpa foi minha, e bem, como não se culpar? Como simplesmente ligar o foda-se? Se nem sua mãe acredita em você, quem acreditará? Assim, vou sobrevivendo. Todos os dias luto com a depressão, crises de ansiedade, e muitas vezes, me saboto. Mas tenho uma filha, que em diversos momentos, tem sido minha força mesmo sem saber do poder que tem sobre mim.

Perdão é algo que sempre me falam. Parece a palavra-chave para acabar com os problemas, só deixa eu te contar uma coisa: não é fácil, e acredito que jamais conseguirei perdoar. Então não usem essa palavra como argumento para a felicidade de ninguém, cada um sabe o que realmente passou e somente ela é capaz de decidir se conseguirá perdoar ou não.

Hoje tenho 30 anos, uma filha e sou mãe solo. Nunca consegui esquecer tudo que aconteceu, sei que isso não é possível. Mas é possível lutar, e isso nunca deixarei de fazer.

Sabe aquele grupo do WhatsApp que você participa? Os grupos no Facebook? Aquele grupo de amigos que você tem? Infelizmente é muito provável que alguma dessas pessoas que convive já tenha passado por um abuso, e você nunca desconfiou.

Muitas pessoas acham que sofrer abuso sexual é quando você é toda “rasgada”, de ficar com a cara inchada, mas o abuso sexual não é só isso. É necessário mudar esse pensamento e conto com vocês para me ajudar nessa jornada.

É a primeira vez que relato o que aconteceu comigo abertamente, pode acreditar que colocar no papel é tão difícil quanto falar. Se agora acabo esse depoimento em lágrimas é porque a cura nunca existirá, mas a gente pode sim tentar superar e ser feliz.

E se você está lendo e passou por algo parecido saiba que não está sozinha.

Anônimo.

(O nome da pessoa foi preservado por motivos pessoais)

EPÍLOGO – BÔNUS



— De todas as noivas grávidas que eu conheci, você é a única que espera a barriga ficar gigante para poder subir até o altar — Javier resmunga enquanto arruma o meu vestido.

Ele tem razão, mas foi um pedido que fiz a Daniel, não quero esconder minha gravidez como se fosse algo ruim. Nossa filha cresce cada dia mais saudável e eu quero exibi-la no dia mais importante das nossas vidas. Mesmo que eu mal consiga me movimentar.

— Cale a boca, Javier, ela está linda — diz Isla enquanto mexe no meu cabelo. Nas últimas horas, estou sofrendo um atentado dos dois. Cada um tentando me deixar *belíssima*, palavras deles, e eu só penso em ir ao banheiro.

— Acho que vocês vão enlouquecer a noiva antes mesmo de ela conseguir chegar ao altar — comenta Erin quando entra no quarto. — Tudo pronto?

— Só preciso fazer xixi. — Sorrio e ouço quando Isla e Javier gemem. Uma ida no banheiro, significa mais alguns minutos arrumando meu vestido.

Depois que estou pronta, meus amigos me acompanham até o salão. Não quis casar dentro de uma igreja, não fazia sentido já que eu que mal frequento uma, então, decidimos por uma cerimônia no salão do hotel onde seria feita a recepção. Meu avô já está a postos e sorri assim que me vê.

— Nunca vi noiva mais linda. — E beija meu rosto.

Lembro-me do dia em que contei a ele que iria me acompanhar até o altar, não poderia ter escolhido ninguém melhor para representar meu pai do que o pai dele. E é isso que meu avô foi para mim: meu pai.

— Espero que saiba que não entregarei você para o Daniel. Eu a compartilharei, Ayra, pois você é a única dona de si mesma. — Seguro as emoções diante das suas palavras. Sim, ele tinha razão, sou a única dona de mim.

David caminha à minha frente com Bradok ao lado, eles estão carregando as alianças. Os dois são melhores amigos, e o novo pesadelo de Javier. Com o casamento e a família aumentando, optamos por ficar na minha casa, onde as crianças teriam todo espaço disponível para serem livres. Javier fez com que

contratássemos duas babás, bem, foi praticamente uma exigência dele.

Olho para todos os convidados presentes, cada um com um significado especial na minha vida. A avó de Daniel está sentada na primeira fila, ao lado de Manu, que agora vive um tórrido romance com o tal médico gato que atendeu David quando fraturou o braço, e os pais de Daniel. Tivemos uma longa conversa quando anunciamos nosso noivado, Elizabeth me deixou sem palavras com seu carinho. Ela amava a família e deixou bem claro que eu era uma parte dela agora.

No altar, Cage e Erin estão ao lado de Daniel como padrinhos, assim como Dereck está com Isla como meus padrinhos.

Daniel... olhar para ele nesse momento faz passar um filme na minha cabeça. A primeira vez que nos vimos, na noite daquele jantar. O incêndio. Às vezes, a vida tem uma forma estranha de unir duas pessoas. Levando-nos por caminhos que podem ser cheios de espinhos, mas que no final, só servem para valorizar a nossa luta. Foi assim com a gente.

Meus passos são lentos, não por causa da gravidez, mas porque eu quero memorizar cada segundo desse momento. O sorriso no rosto do meu noivo é deslumbrante, seus olhos não perdem meus movimentos e isso me deixa mais e mais apaixonada.

Quando finalmente o alcanço, meu avô o cumprimenta, beija a minha testa e toma seu lugar. Daniel apenas sussurra no meu ouvido o quanto estou linda, e depois ajoelha e beija minha barriga. O gesto faz uma pequena lágrima correr pelo meu rosto e tira suspiros de todas as mulheres presentes.

Ouvimos o padre começar o sermão, com nossos dedos mindinhos cruzados, a nossa própria promessa particular.

— Padre — interrompo o discurso —, acho que se o senhor não se apressar, teremos um parto aqui no salão — aviso segurando a barriga.

— Você está bem? — pergunta Daniel preocupado.

Um burburinho tem início e as pessoas começam a ficar agitadas.

— Sim, mas seria bom o padre se apressar. — Tento sorrir para o sacerdote que parece bastante assustado, mas acho que meu sorriso deve estar mais para uma careta já que suas próximas palavras são:

— Eu vos declaro, marido e mulher. Pode beijar a noiva. — Todo mundo nos olha surpresos e eu sorrio, recebendo o melhor beijo da minha vida, um beijo que estava aguardando a cerimônia inteira.

— Vem, vamos para o hospital — diz Daniel assim que nossos lábios se separam. Olho em volta um pouco constrangida e murmuro baixinho apenas para que ele me ouça:

— É pecado mentir para o padre?

— Não acredito que você fez isso.

— Tecnicamente eu não menti, mas preciso *muito* ir ao banheiro. — Gemo e me encolho um pouco. Talvez esperar que minha barriga estivesse com tanta evidência não tenha sido a melhor escolha.

Daniel ri alto do meu comentário e nem esperamos os cumprimentos dos convidados, saímos praticamente correndo em busca do primeiro banheiro disponível.

Depois que tudo se acalma e a festa começa, Daniel e eu temos a nossa primeira dança, mesmo com a minha barriga entre nós, eu nunca me senti tão próxima a ele.

— Sabe, você realmente deve parar com isso.

— Isso o quê? — pergunto despreocupada.

— Precisa parar com essa mania de fazer com que eu me apaixone cada vez que coloco os olhos em você.

Sorrio com a sua declaração, e me delicio com as suas mãos acariciando as minhas costas. Fecho os olhos e respiro fundo, até que um grito escapa da minha garganta.

— Puta merda! — grito e me apoio em Daniel.

— Ayra?! O que aconteceu?

— Meu Deus, que dor! — gemo novamente até que estamos cercados; Cage e Erin se aproximam de mim.

— Acho que sua bolsa estourou, Ayra. — Erin aponta para o chão e eu vejo uma poça aos meus pés.

Ela tem razão, a bolsa estourou. Minha filha não poderia ter escolhido melhor momento.

Bem-vinda ao mundo, minha Estela.





A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Temos o nosso próprio evento, o The Gift Day, onde fazemos parcerias com outras editoras para trazer autores nacionais e estrangeiros, além de modelos de capas.

A The Gift também está presente no mercado internacional de eventos, com patrocínio e participação em alguns como o RARE London (Fevereiro) e RARE Roma (Junho).

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

<http://www.thegiftboxbr.com>

<Facebook.com/thegiftboxbr.com>

Instagram: [@thegiftboxbr](#)

Twitter: [@thegiftboxbr](#)

Table of Contents

[AGRADECIMENTOS](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[EPÍLOGO](#)

[EPÍLOGO – BÔNUS](#)